

A MAÇONARIA NA HISTÓRIA

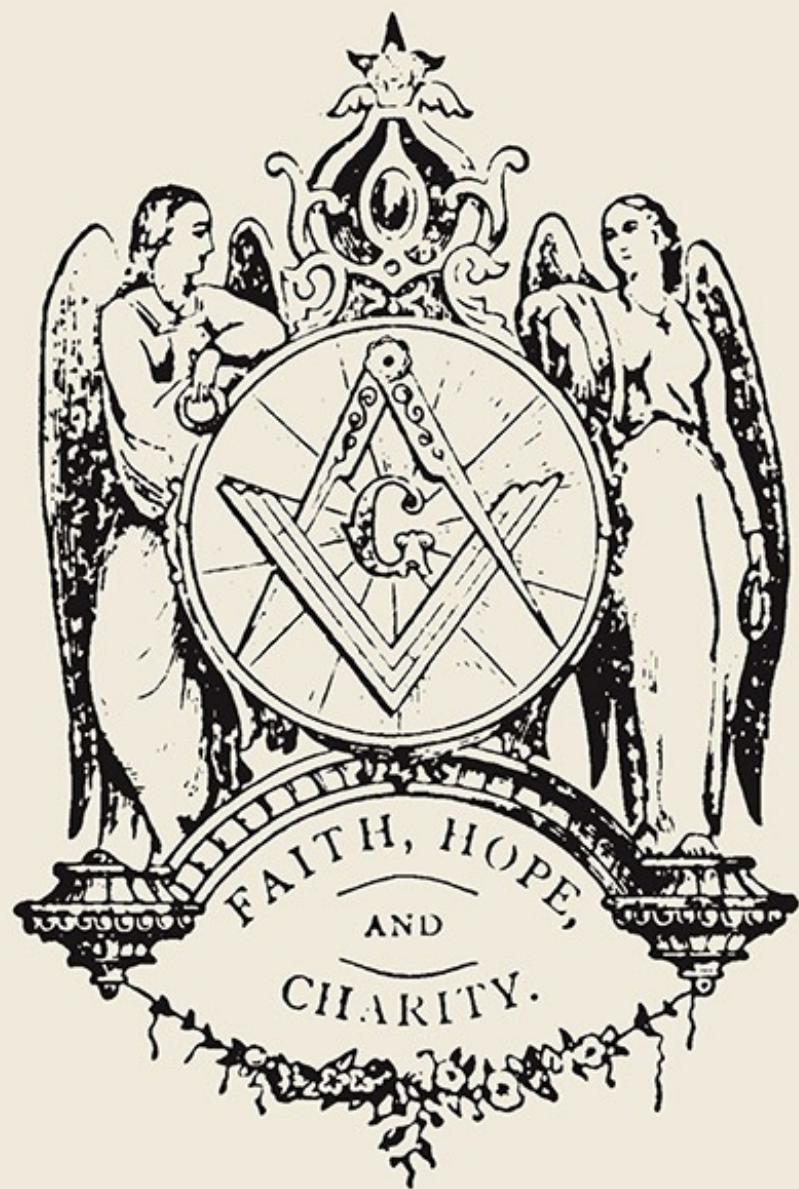


História
viva
www.historiaviva.com.br



A MACONARIA NA HISTÓRIA

Ediouro Publicações de Lazer e Cultura Ltda.
Rio de Janeiro, 2015





A MAÇONARIA NA HISTÓRIA

H

Comitê Executivo Ediouro Publicações Ltda.

Jorge Carneiro e Rogério Ventura **Coordenação Editorial** Daniel Stycer

Edição

Dirley Fernandes

Assistência de edição Vinicius Palermo

Direção de Arte

Sidney Ferreira

Pesquisa iconográfica Paloma Brito

Tradução

Carlos Eduardo Mattos, Samantha Nastacci e Davi Figueiredo de Sá

Revisão

Ricardo Jensen de Oliveira **Assistência de Produção** Raquel Souza

Produção de ebook

S2 books

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais **Copyright**

© Arcturus Publishing Limited

Ediouro Publicações Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345

CEP: 21042-235

Rio de Janeiro – RJ

Tel. (21) 3992-8200

www.ediouro.com.br

www.historiaviva.com.br

facebook.com.br/historiaviva

PHOTO PENNINA NEUMANN



O Rei Salomão: referência da maçonaria

Rei Salomão, óleo sobre tela, George Whiting Flagg, 1874, National Heritage Museum

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Introdução](#)

[Capítulo I. Das guildas ao século XXI](#)

[Capítulo II. Entre segredos e laços de sangue](#)

[Capítulo III. Sinais secretos](#)

[Capítulo IV. O Brasil e os maçons: Construções paralelas](#)

[Capítulo V. Maçons famosos](#)

[Capítulo VI. Maçons que fizeram a História do Brasil](#)

[Capítulo VII. Quase ‘Irmãos’](#)

[Capítulo VIII. Lendas maçônicas](#)

[Capítulo IX. Nas telas e palcos](#)

[Epílogo. Futuro imperfeito](#)



©2014-2015 STELF

INTRODUÇÃO

A NATUREZA DA MAÇONARIA

Espreendente o efeito que a palavra “maçom” pode ter quando é lançada displicemente numa conversa. As reações das pessoas costumam variar de uma sobrancelha erguida em que se refletem uma grande curiosidade a uma série de dúvidas sobre a natureza da instituição, passando por um olhar de paisagem, disfarçando alguma informação que não quer ser revelada, até a um olhar conhecedor seguido por um discurso extenso e desconcertante sobre a natureza, os pontos positivos e os aspectos negativos da maçonaria no qual nem sempre se pode encontrar as informações mais pertinentes.

A verdade é que o mundo dos maçons, com seus estranhos rituais, seus segredos guardados a sete chaves, sua história com frequência misteriosa e sua imagem pública historicamente discreta, permanece um enigma para a maioria daqueles que jamais foram aceitos em sua hierarquia. Eles formam a sociedade secreta por excelência – apesar de não serem absolutamente secretos, apenas elitistas e discretos.

Tanto quanto a intimidade pessoal, a intimidade coletiva estimula e provoca a curiosidade. E ainda mais por se tratar de uma comunidade midiatisada, daquelas que suscitam fantasias. Desde a sua criação no século XVIII, a maçonaria foi acusada de tudo e de seu oposto: de ser criptocatólica ou criptoprotestante, anticatólica ou antiprotestante, judaica ou antisemita, demoníaca ou teísta, comunista ou capitalista, sectária ou libertária, secreta ou falsamente transparente...

Se na atualidade as oficinas e obediências maçônicas são constituídas legalmente sob a forma de associações (na França, desde a lei de 1901 sobre a liberdade de associação); se, portanto, sua existência é reconhecida; se elas não são de modo algum associações clandestinas, deve-se dizer que houve uma longa trajetória desde o século XVIII.

Seria vão aprisionar a franco-maçonaria em categorias religiosas, espirituais ou esotéricas. Isso seria traí-la. Sociedade plural, fragmentada, atravessada por múltiplas correntes, ela sofre ao se ver tolhida por uma canga identitária. Se você interrogar mil maçons sobre a natureza de sua instituição, sobre a especificidade de seu pensamento, seu perfil, seu modo de atuar, vai obter mil respostas diferentes.

E isso se dá apesar de reportagens nas quais são veiculadas informações não tão abundantes, porém muito claras, além dos diversos livros, websites, filmes e programas de rádio e de TV. Apesar da abertura crescente dessa organização global, sua própria existência é vista com suspeita em muitos

setores. As perguntas dos que têm dúvidas chegam numa enxurrada: quem exatamente são os maçons? De onde vêm? O que exatamente fazem em suas lojas? O que eles querem? O que aqueles engracados apertos de mão e rituais bizarros pelos quais são famosos realmente significam? Mulheres podem ser maçons? Como saber se alguém que conheço é um maçom? Devo entrar na maçonaria se me convidarem? De fato, posso simplesmente pedir para ingressar?

O maior mistério, porém, são os caminhos que levaram um grupo de artesãos medievais altamente qualificados à criação e ao desenvolvimento de uma organização tão influente. Mais ainda, uma organização que gerou tantos mitos e lendas, uma fraternidade com frequência incompreendida, mas que desempenhou – e de alguma maneira segue fazendo isso – um papel fascinante na história do Brasil e do mundo.



A HISTÓRIA

Símbolos maçons retratados em ilustração do século XVI

DAS GUILDAS AO SÉCULO XXI

COMO UMA ORGANIZAÇÃO QUE REUNIA PROFISSIONAIS ALTAMENTE ESPECIALIZADOS QUE ERGUERAM CATEDRAIS NA IDADE MÉDIA SE TRANSFORMOU NUMA INSTITUIÇÃO COM PRESENÇA GLOBAL

As imagens associadas à maçonaria, tais como o esquadro e o compasso que adornam incontáveis livros sobre o tema, podem aparecer para alguns de nós como símbolos envoltos em mistério e evocar imagens de conspiração. De fato, elas datam dos dias em que artesãos altamente capacitados estavam erguendo algumas das mais espantosas catedrais e outras construções que ainda dominam as cidades europeias. Tais edificações fornecem uma pista importante sobre as verdadeiras origens dessa organização muito respeitada e amplamente difundida que se mantém viva e atuante no mundo moderno. Você não pode deixar de se perguntar, enquanto dirige o olhar para uma daquelas magníficas catedrais da Idade Média, como exatamente os construtores do passado conseguiram erguer enormes blocos de pedra a alturas incríveis; como conseguiram encaixá-los entre si tão precisamente, sem os recursos da tecnologia e do conhecimento modernos. E mais: como elas apareceram em momento tão semelhantes e construídas em formas relativamente próximas (no século XII, enquanto as igrejas de Verona, Bérgamo e Cuomo eram construídas, na Alemanha surgiam as de Lubeck e Freiburg; na França, as de Aix e Dijon; e na distante Inglaterra, Canterbury e Bristol, todas com arcos romanos. Por fim, você se pergunta, contemplando-as: como as construções ainda estão de pé tantos séculos depois?

A resposta jaz na geometria. Os mistérios da arte matemática eram, na época, conhecidos por apenas uns poucos privilegiados entre os muitos que trabalhavam dura e longamente para construir essas maravilhas arquitetônicas. Esses poucos incluíam os mestres artesãos que trabalhavam a pedra. Graças a seu conhecimento de geometria, os mestres pedreiros sabiam exatamente o que fazer com as enormes rochas que vinham das pedreiras; como deveriam ser cortadas; como erguê-las; e como conservá-las de pé ao longo dos séculos.

Para compreender a razão pela qual esses artesãos poderiam ser chamados de “pedreiros-livres” – expressão usada como sinônimo de “franco-maçons” ou simplesmente “maçons” –, pense na enorme demanda por seus serviços naquele período. Eles precisavam ser “livres” para viajar de um local de construção para outro, em regimes de trabalho completamente diferente daquele dos homens menos habilidosos, obrigados a servir seus mestres num único lugar. Os pedreiros, como muitos artesãos da época, estavam organizados em guildas, como a dos lombardos Mestres Comacinos, que aos poucos conquistaram algum poder na organização social que começava a se

transformar.

As guildas surgiram primeiramente na Itália e em seguida na França, no século VIII. Logo, o sistema se espalhou para o norte e, depois, pelo restante da Europa. Ele se mostrou tão eficiente que em meados do século XIII já se tornara uma das principais bases do sistema econômico e social europeu.

As guildas pressupunham um sistema de ajuda mútua que incluía auxílio a membros adoentados e órfãos e até mesmo sacerdotes a serviço do grupo para recomendar os mortos. Mais do que isso, elas guardavam zelosamente os segredos de sua profissão – quanto mais especializado o ofício fosse, maior o segredo envolvido. Assim, ninguém fora dos círculos de mestres pedreiros, nem sequer os homens poderosos que os empregavam para construir suas catedrais, conhecia os meandros e as técnicas envolvidas em sua atividade – e muitos desses segredos eram guardados por esses profissionais por gerações; eles dominavam técnicas aprendidas com congêneres bizantinos e originadas na Antiguidade greco-romana.

O propósito dessas corporações era estabelecer um controle efetivo sobre os mecanismos produtivos. Elas encarregavam-se também de garantir que houvesse um número suficiente, mas nunca excessivo, de condecorados dos segredos e macetes do ofício – e todos eles eram homens naquela época; mulheres não seriam aceitas como artesãs por muitos séculos. As guildas atuavam também como protetoras desses segredos e se asseguravam de que os membros correspondessem devidamente a certos padrões de habilidade artesanal. Esse alto grau de especialização profissional se estendia de alguma maneira à vida social, com educação, artes e divertimentos compartilhados pelos membros de determinada guilda. Nela, eles encontravam um pequeno mundo completo, no qual ele se sentia protegido.

INICIAÇÃO

Para tornar-se um pedreiro efetivo, um jovem tinha de progredir ao longo de um extenso aprendizado de sete anos sob as ordens de um mestre pedreiro e, no decorrer do percurso, seria apresentado a mais segredos, como a cerimônia de iniciação e os sinais por meio dos quais ele se faria conhecer por outros pedreiros. Depois de sete anos (em algumas guildas, o prazo poderia chegar a dez), se o aprendizado transcorresse bem, o jovem se tornaria um companheiro de ofício. Com o passar dos anos e a incorporação de mais experiências e conhecimentos, ele seria um mestre pedreiro. A essa altura teria acesso a ainda mais segredos: o aperto de mão, ou garra de mestre,

mediante o qual os membros se reconhecem entre si; e a senha pela qual outros mestres pedreiros saberiam que o homem diante deles era agora um membro respeitável da fraternidade. Muitos desses processos e sinais são espelhados nos rituais da maçonaria atual. Eles não são exatamente os mesmos, é claro, pois alguns elementos inevitavelmente mudaram de caráter ao longo dos séculos. Ainda assim, um maçom do século XXI, se fosse transportado de volta ao período medieval, sem dúvida reconheceria os princípios e as práticas das guildas de pedreiros-livres. Essas práticas compartilhadas, com códigos que, ao mesmo tempo em que se mantinham restritos, se aprofundavam até que sua origem mal fosse percebida, criaram laços de fraternidade profundos e cristalizaram o poder das guildas, que, com o tempo, se transformaram em *lodges*, as nossas atuais lojas.

Existem incontáveis outras explicações para as origens da maçonaria, mas preferimos descartar para nos concentrar na versão com maior historicidade. Ao examinarmos alguns eventos-chave, traçaremos a história da organização desde o início daquelas primeiras corporações de mestres pedreiros até os dias atuais.

1390: O MANUSCRITO REGIUS

No ano 1390, ou em data bem próxima, um escriba que vivia nas ilhas britânicas assumiu a tarefa de descrever as normas de conduta e moralidade que deviam orientar a vida dos pedreiros. Alguns historiadores da maçonaria defendem que esse autor desconhecido estava apenas atuando como copista de manuscritos anteriores que não chegaram até nós e, talvez, reelaborando os textos antigos segundo as intenções do momento. O aspecto notável é que a estrutura apresentada no Manuscrito Regius, que está guardado no Museu Britânico, em Londres, aparentemente antecipa as regras e a estrutura da moderna maçonaria. O documento estabelece um código moral bem definido e defende a necessidade de um forte laço de irmandade entre os membros. Fala também dos padrões de perícia no ofício exigidos dos pedreiros e discute as regras da guilda. De fato, uma parte de sua fraseologia seria muito familiar a qualquer maçom da atualidade.

O texto original, escrito em versos e num rebuscado inglês arcaico, foi apostado a 64 páginas de pele de carneiro. Alguns historiadores dedicados à maçonaria indicam a cidade de Worcester como local de origem desse que é o mais antigo documento da maçonaria.



Certificado de integrante da maçonaria, exposto na Biblioteca e Museu da Maçonaria, em Londres

Hic incipiunt constitutiones
 artis geometrie scdm Euclide.
Bhose wyl boye wyl. rede and luke
 he may synde. Wyte yn olde boke
 If grete lordys. and eke ladyss
 Yat hadde mony chyldrym. y fere y lbyss
 And hadde no centys. to synde hem wyt
 Nowbyyna tolne. ny felde ny frith
 A colnsl to ged. ye colbye hem take
 To aleyne. for yese chyldrym sake
 Hous y ry mych best. lede here lyfe
 Boute gret desese. care and stryi.
 And most for ye multytude. y was conyng
 Of here chyldrym. ast here synod
 sende yenne. ast grete clerks
 To tecym hem yenne. gode werl.

O Manuscrito Regius, o mais antigo documento da maçonaria, estabelece um código moral bem definido Página do Manuscrito Regius, *fac-símile, senhor F. Compton Price, século XIX*

O POEMA RÉGIO

O MAIS ANTIGO DOCUMENTO DA MAÇONARIA DATA DA DÉCADA DE 1390

Aqui começam os estatutos da arte segundo Euclides. Aquele que quiser ler e pesquisar Pode encontrar, contada em um livro antigo, A história de grandes senhores e belas damas Que tinham um grande número de filhos muito sensatos, Mas nenhum dinheiro para criá-los,

*Na cidade, nos campos e na floresta,
 Fizeram uma assembleia.
 Por amor a seus filhos para decidir
 Como ganhariam a vida
 Sem preocupação nem angústia com o futuro De seus numerosos descendentes
 Que iriam nascer quando eles mesmos fossem apenas cinzas.
 Eles iriam buscar os grandes sábios*

*Para que lhes fossem ensinados bons ofícios.
Nós rezamos, por amor a nosso Senhor,
Para que nossos filhos façam belos e bons trabalhos Para ganharem a vida,
Sem dificuldade, mas sim com honestidade e sem medo do dia de amanhã.
Naquele tempo, por meio da geometria,
Esse honesto ofício que é a maçonaria
Foi concebido
E organizado por uma nobre assembleia de sábios.
Esses sábios, conforme o desejo dos senhores, inventaram a geometria E a denominaram
maçonaria
Para que ela se tornasse o mais belo dos ofícios.
Os filhos dos senhores foram para junto do sábio Para que ele lhes ensinasse o ofício da
geometria.
Tarefa que desempenhou muito bem...*

O manuscrito, porém, hoje guardado na Biblioteca Britânica, em Londres, passou por diversas mãos até chegar às do rei Carlos II, que o mandou para a Biblioteca Real em meados do século XVIII. Naquele momento, já não se percebia nos versos sua origem maçônica. Parecia apenas um texto sobre moral. Apenas em 1840, um antiquário, James Orchard Halliwell-Phillips, percebeu nele a sua essência: um manual de conduta ligado à maçonaria operativa.

1495: APARECE A PALAVRA “MAÇOM”

A primeira aparição pública e oficial da palavra “maçom” ocorreu já no final do século XV, quando o rei Henrique VII da Inglaterra incorporou diversas leis do país num estatuto no qual apareciam regulações sobre os salários de carpinteiros e pedreiros. Em 1514, Henrique VIII limitaria os salários dos “freemasons”. Os companheiros e mestres pedreiros eram membros respeitados da sociedade e suas habilidades conheciam então uma grande demanda; cerca de um século depois, alguns homens de nascimento ilustre começaram a expressar o desejo de pertencer a uma loja – ainda que os mistérios da pedra e da geometria lhes fossem desconhecidos.

SOBRE A ORIGEM

Embora as origens da maçonaria possam ser rastreadas com alguma segurança até as corporações medievais de pedreiros, há muitas outras teorias sobre sua história. Existem os que duvidam que a origem da maçonaria se prenda àqueles artesãos habilidosos e reservados. Alguns observadores

apresentaram o argumento de que os pedreiros não tinham necessidade dos sinais secretos que estão entre as características da moderna organização maçônica.

Outros afirmam ardente mente que a maçonaria é descendente dos Cavaleiros Templários; enquanto alguns afirmam que a história da ordem não recua além do século XVII. Muitas fontes maçônicas sustentam ainda que uma organização de maçons existia no tempo do rei Etelstano, na Inglaterra do século X e que esse soberano, que teve papel decisivo na constituição do Reino Unido, foi o autor das primeiras regulações das guildas de maçons. Ele teria ainda assegurado pela primeira vez uma carta constitutiva a lojas maçônicas em York. No entanto, essa hipótese carece de maior documentação para resistir a um escrutínio mais rigoroso.

No século XVII, a irmandade se expandiu, alcançando um novo patamar. A essa altura, uma série de forças agia na modificação do próprio ofício dos pedreiros-livres. As mudanças sociais na Europa, com os primeiros sinais do Iluminismo se apresentando e a eclosão da reforma protestante, levaram a um recuo na construção das grandes obras que garantiam o status social dos praticantes do ofício. As grandes catedrais já haviam sido erguidas, as muralhas e fortalezas começavam a perder a utilidade. O ofício mudava de feição, ao mesmo tempo que um progressivo afastamento da Igreja Católica acontecia. Na verdade, o próprio papel da religião como fonte de toda verdade e ensinamento passava a ser questionado em todo círculo pensante. A instituição maçônica refletiria essas transformações cruciais.

As lojas na Escócia e na Inglaterra começaram a aceitar membros que não haviam sido instruídos no antigo ofício de pedreiros. Muitos desses membros, conhecidos como maçons especulativos, eram eruditos que consideravam atraentes os princípios na base da maçonaria e queriam abraçar plenamente a irmandade, vista como um espaço pioneiro de compartilhamento e difusão de conhecimentos diversos. A maçonaria começava a adquirir uma face mais moderna, para além de sua origem.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY, USOA



HON. MRS. ALDWORTH

THE FEMALE FREEMASON.

New York: Published by Robt. Macoy.

Admitida após ter assistido escondida a uma cerimônia, Elizabeth Aldworth teve até um funeral

maçônico

Senhora Aldworth, a maçom feminina, *gravura, Robertson, Seibert & Shearman, 1905*

AS MULHERES E A MAÇONARIA

A maçonaria sempre teve um bom número de oponentes, e estes por vezes incluíram mulheres. Embora os primeiros maçons fossem exclusivamente do sexo masculino, Elizabeth Aldworth foi admitida como membro de uma loja irlandesa no início do século XVIII, depois de ter assistido escondida a uma cerimônia. Desconcertados, os membros viram-se obrigados a iniciá-la, e lhe foi até mesmo concedido um funeral maçônico quando ela morreu.

Ao longo dos séculos, organizações de mulheres imitando lojas maçônicas foram instituídas e têm sido bem-sucedidas, mas foi na França que as mulheres fizeram o maior progresso, marcando presença desde o início da maçonaria. Em 1882, Marie Deraismes foi iniciada na loja *Libres Penseurs* (Livres Pensadores), que chegou a admitir 16 membros do sexo feminino. Hoje em dia, a maioria das grandes lojas aceita que as mulheres podem desempenhar algum papel na maçonaria, e existem muitas organizações associadas florescentes que só aceitam mulheres. No Brasil, as lojas tradicionais não admitem mulheres como membros, mas deixam a seu encargo boa parte dos trabalhos assistenciais.

A justificativa das instituições maçônicas para o veto à iniciação feminina se baseia em dois pontos principais. O primeiro é a origem operativa da fraternidade: à mulher não estaria reservado o ofício de pedreiro, trabalho duro a ser exercido exclusivamente por homens. O segundo, de caráter mais simbólico, afirma que a maçonaria é uma instituição solar, em que é recriada a comunhão dos caçadores dos primórdios da humanidade, na qual a mulher, encarregada do cuidado da prole, estava, é claro, excluída.

As lojas maçônicas femininas, porém, continuam a se expandir e se organizam mesmo em federações. Todas essas instituições são tributárias da chamada “maçonaria de adoção”, iniciada na França do século XVIII, que permitia à mulher o acesso às lojas e a participação em rituais quase maçônicos.

A imperatriz Josefina, esposa de Napoleão Bonaparte, foi grã-mestra de uma dessas instituições, que mais tarde seriam sucedidas pela maçonaria feminina.

A GRANDE LOJA DA INGLATERRA

Um passo histórico ocorreu no ano 1717. Quatro lojas que se reuniam em tavernas de Londres – a Apple Tree, a Crown Ale House, a Goose and Gridiron e a Rummer and Grapes – uniram-se para formar a primeira grande loja. Um certo Anthony Sayer, que era membro da Loja Crown, mas provavelmente conhecia pouco das habilidades práticas da maçonaria, foi eleito o primeiro grão-mestre da Grande Loja da Inglaterra. Pouco se conhece sobre a vida desse cavalheiro, que comandou a grande loja por um ano antes de ser substituído por George Payne, mas ele permaneceu ligado à maçonaria até sua morte. Sayer recorreu à irmandade em busca de auxílio financeiro por três vezes e acredita-se que ele tenha sido vítima da South Sea Bubble, uma companhia estatal de navegação cujas ações dispararam em Londres antes de derreterem diante da ausência de lucros consistentes, deixando milhares de

investidores à míngua. Também pesaram sobre ele suspeitas de fraudes contábeis, das quais foi absolvido. Quando morreu, aos 70 anos, em 1741, seu cortejo, que partiu da taverna Shakespeare Head, foi acompanhado por muitos colegas maçons.

HANS MUSIL



Canterbury, na Inglaterra: uma das grandes catedrais construídas pelos pedreiros-livres

O ato de unificação em Londres foi acompanhado pela notícia, pouco bem-vinda para alguns, de que somente a grande loja tinha a prerrogativa de garantir cartas constitutivas para lojas recém-formadas, numerando-as sequencialmente. Grandes lojas começaram então a pontilar a Inglaterra e, mais amplamente, a Europa continental. Esses grupos iniciais foram palco de acirradas discussões e uma plêiade de discordâncias, pois o poder assumido

pela Grande Loja da Inglaterra provocava ressentimentos em muitos lugares e havia desentendimentos sobre quais lojas estavam estabelecidas havia mais tempo e os ritos que deveriam ser seguidos – mas os debates iniciais parecem ter servido para ampliar o alcance e a crescente popularidade da maçonaria.

1723: AS CONSTITUIÇÕES DOS FRANCO-MAÇONS

A recém-formada grande loja viu-se diante da necessidade de ter uma espécie de constituição, e um ministro presbiteriano chamado James Anderson foi encarregado da honrosa tarefa de estabelecer as regras da maçonaria. Ele fez isso com o livro *The constitutions of the free-masons; containing the history, charges, regulations, &c. of that most ancient and right worshipful fraternity. For the use of the lodges. London. In the year of Masonry 5723, anno Domini 1723*, conhecido, além traduzido e reeditado milhares de vezes como *The constitutions of the free-masons* (As constituições dos franco-maçons). Conhecido como bispo Anderson, esse escocês que também perdeu dinheiro com a South Sea Company, em 1720, seria ainda autor, em 1732, do célebre livro *Genealogias reais, ou tabelas genealógicas de imperadores, reis e príncipes, desde Adão até os dias atuais*.

A obra desse improvável maçom, no entanto, estabeleceu marcos – coligindo normas antigas e, adequando-as e sistematizando-as – que vêm sendo seguidas, com vários graus de conformidade, desde essa época. Uma das mais interessantes linhas de orientação apresentadas na publicação dizia respeito à religião. As palavras de Anderson deixaram claro que, embora os maçons fossem obrigados a crer em Deus, ou pelo menos num “Ser Supremo”, para integrar a irmandade, eles eram livres para seguir a religião que desejasse. Deus era designado durante os rituais maçônicos como o Grande Arquiteto do Universo. Todas as espécies de denominações eram portanto bem-vindas para se juntar à maçonaria – e isso também incluía os seguidores do judaísmo.

TOM MORRIS



A sede da Grande Loja Unida da Inglaterra, em Londres: instituição foi formada em 1813

1753: A RUPTURA DOS ANTIGOS

No entanto, as disputas sobre as normas impostas pela grande loja da Inglaterra se acirravam. Havia sérias dúvidas se a autoridade da instituição servia adequadamente à maçonaria. Uma loja separatista foi formada. Os Antients (Antigos), cujos membros provinham em sua grande maioria das classes trabalhadoras, formaram a própria grande loja em 1753. Essa separação refletia, em grande parte, os rumos mais elitistas que a maçonaria começava a apresentar. Naquele momento, muitos trabalhadores oriundos da Irlanda chegavam a Londres, levados ao exílio por causa de problemas econômicos. Boa parte deles era filiada a lojas maçônicas no país natal que não seguiam os ritos determinados pela Grande Loja da Inglaterra. No entanto, eles eram rejeitados pelas lojas seguidoras das constituições normatizadas por Anderson. Com isso, esses trabalhadores começaram a se reagrupar em lojas não filiadas à Grande Loja da Inglaterra, até que cinco delas resolveram formar a federação alternativa, a Antient Grand Lodge of England, que logo receberia a filiação de muitas instituições igualmente insatisfeitas de todas as regiões do Reino Unido. Eles seriam reconhecidos também pelas grandes lojas da Escócia e da Irlanda.

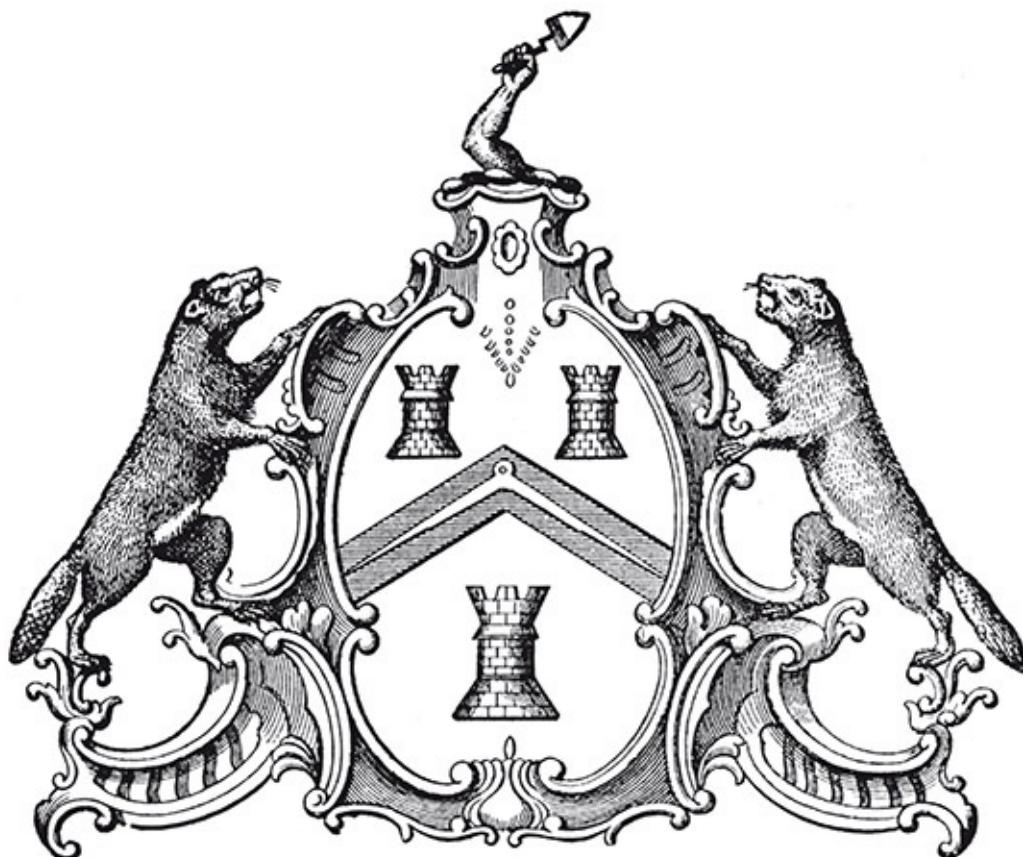
Os Antients, que acreditavam que a maçonaria era tão antiga quanto, pelo menos, a própria Criação, defendiam que os rituais realizados numa loja deviam refletir aqueles praticados na idade de ouro da maçonaria, enquanto os chamados Moderns (Modernos) – em sua maioria do tipo “cavalheiresco” de maçom – queriam uma abordagem mais filosófica, enfatizando os princípios do amor fraterno, da caridade e da verdade. Para eles, aquela era a verdadeira idade de ouro da maçonaria. Havia também desacordos sobre os modos maçônicos de reconhecimento – em outras palavras, sobre os sinais secretos pelos quais os maçons reconheciam uns aos outros.

1813: A GRANDE LOJA UNIDA DA INGLATERRA

A disputa foi resolvida por um compromisso, e Antients e Moderns uniram forças para formar a Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE, na sigla em inglês). Os modos de reconhecimento foram restaurados segundo o que haviam sido antes de 1753, e finalmente houve concordância sobre a identidade dos graus da maçonaria – que veremos mais adiante.

A essa altura, lojas maçônicas estavam brotando nas ilhas britânicas, na Europa continental e nas colônias britânicas, entre elas as da América do Norte. Membros da nobreza em muitos países, e mesmo da realeza, haviam abraçado a fraternidade com entusiasmo, a exemplo do conde de Blessington, parlamentar que foi grão-mestre da Grande Loja dos Antients de Londres entre 1756 e 1760. Com isso, a maçonaria tornou-se cada vez mais atraente – e cada vez mais alvo de controvérsias.

REPRODUÇÃO



Símbolo da Grande Loja da Inglaterra: formada a partir da união de quatro lojas

OS TRÊS GRAUS

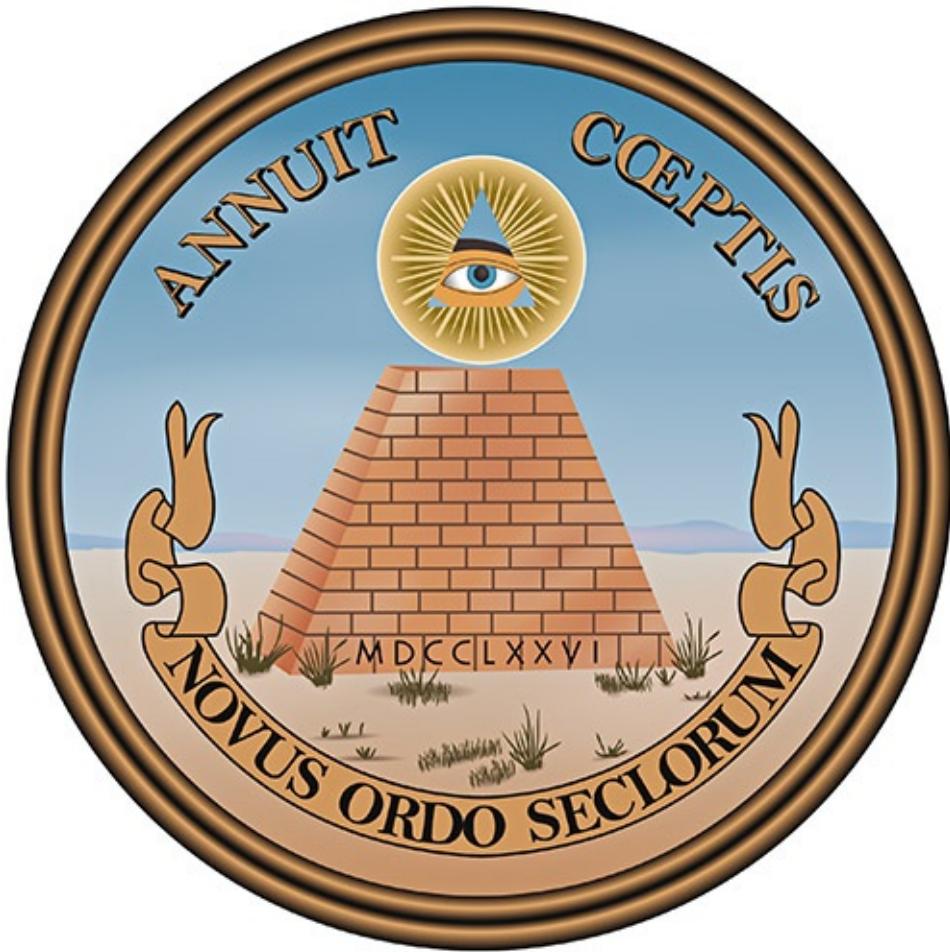
Quando a UGLE foi formada em 1813, as facções dos Antients e dos Moderns chegaram a um acordo acerca de quais seriam os três graus da maçonaria. Membros que progridem ao longo de sua vida na fraternidade encontram-se em um de três graus: aprendiz maçom, companheiro maçom ou mestre maçom. O que tudo isso significa na prática varia de país para país e mesmo de loja em loja – e vamos examinar toda essa questão dos graus num capítulo

posterior –, mas o compromisso que possibilitou a formação da UGLE tornou claro que esses três graus formariam dali em diante, refletindo as velhas práticas dos pedreiros especializados, a base da maçonaria. Os Antients vinham trabalhando com base no princípio de que havia um grau mais alto – a Antient Royal Arch (Antiga Arca Real) – e tiveram permissão de considerá-la como a culminação do terceiro grau. Os Moderns, porém, viram a Antient Royal Arch basicamente como um grau mais alto opcional.

O ESCÂNDALO WILLIAM MORGAN

A história da maçonaria jamais esteve por muito tempo livre de controvérsias, e uma das maiores – que envolveu o destino desconhecido de um membro – se iniciou em 1826. Naquele ano, um maçom dos Estados Unidos, o capitão William Morgan, fabricante de cerveja cuja fábrica fora destruída por um incêndio, desapareceu. As suspeitas de que maçons pudessem estar envolvidos foram fortalecidas pelo fato de que Morgan, desiludido com a irmandade após ter sido rejeitado na loja da cidade em que vivia, Batavia (estado de Nova York), estava trabalhando num livro que supostamente traria à tona os segredos da organização, que ele conhecia por ter participado dos rituais em Le Roy, também em Nova York.

WIKIPEDIA COMMONS



Verso do Grande Selo dos EUA atesta a influência da maçonaria na fundação do país

Tais suspeitas tinham fundamento: alguns maçons do estado de Nova York, indignados com a conduta antimacônica de Morgan, disseram que haviam sequestrado o desafortunado e o levado a seguir até a fronteira com o Canadá, onde recebeu US\$ 500 e a advertência de que jamais pusesse os pés novamente nos Estados Unidos. Muitas outras versões sobre o desaparecimento de Morgan surgiram nos meses seguintes.

Seis homens foram processados pelo desaparecimento de Morgan, mas nenhum deles foi acusado de homicídio. As sentenças que receberam foram consideradas leves em alguns círculos, e houve uma explosão de indignação quando se tornou conhecido que os promotores e alguns dos jurados eram maçons. Os boatos alastraram-se pelo país. Afirmou-se que a vida de Morgan havia terminado durante um aterrador ritual maçônico. Houve afirmações de que os maçons controlavam todo o Judiciário e as camadas governantes e que cuidavam uns dos outros. O incidente desencadeou protestos

antimacônicos em larga escala, alimentados pela publicação do livro de Morgan. Esses protestos incluíram ataques a lojas e até a formação de partidos antimacônicos, que se aproveitavam do sentimento popular de temor para angariar ganhos políticos. A insistência em que a participação na maçonaria era uma atividade antiamericana tornou-se parte do pensamento americano por algumas gerações, alimentando teorias conspiratórias diversas. A morte de Morgan continua sendo um dos muitos mistérios que envolvem a maçonaria.

SÉCULOS XIX E XX: CRESCIMENTO

Por mais que as perspectivas variassem ao longo dos séculos sobre exatamente o que a maçonaria deveria ser, quem deveria ser admitido em suas fileiras e quais rituais deveriam ser seguidos, com o resultado de que, na atualidade, as práticas variam amplamente em todo o mundo, o movimento permanece forte, contando com mais de 6 milhões de seguidores no início do século XXI. O crescimento da maçonaria foi regular ao longo do tempo, com alguns picos espetaculares em certas ocasiões, e talvez hoje estejamos entrando numa dessas fases, com instituições maçônicas se diversificando e atraindo mais adeptos.

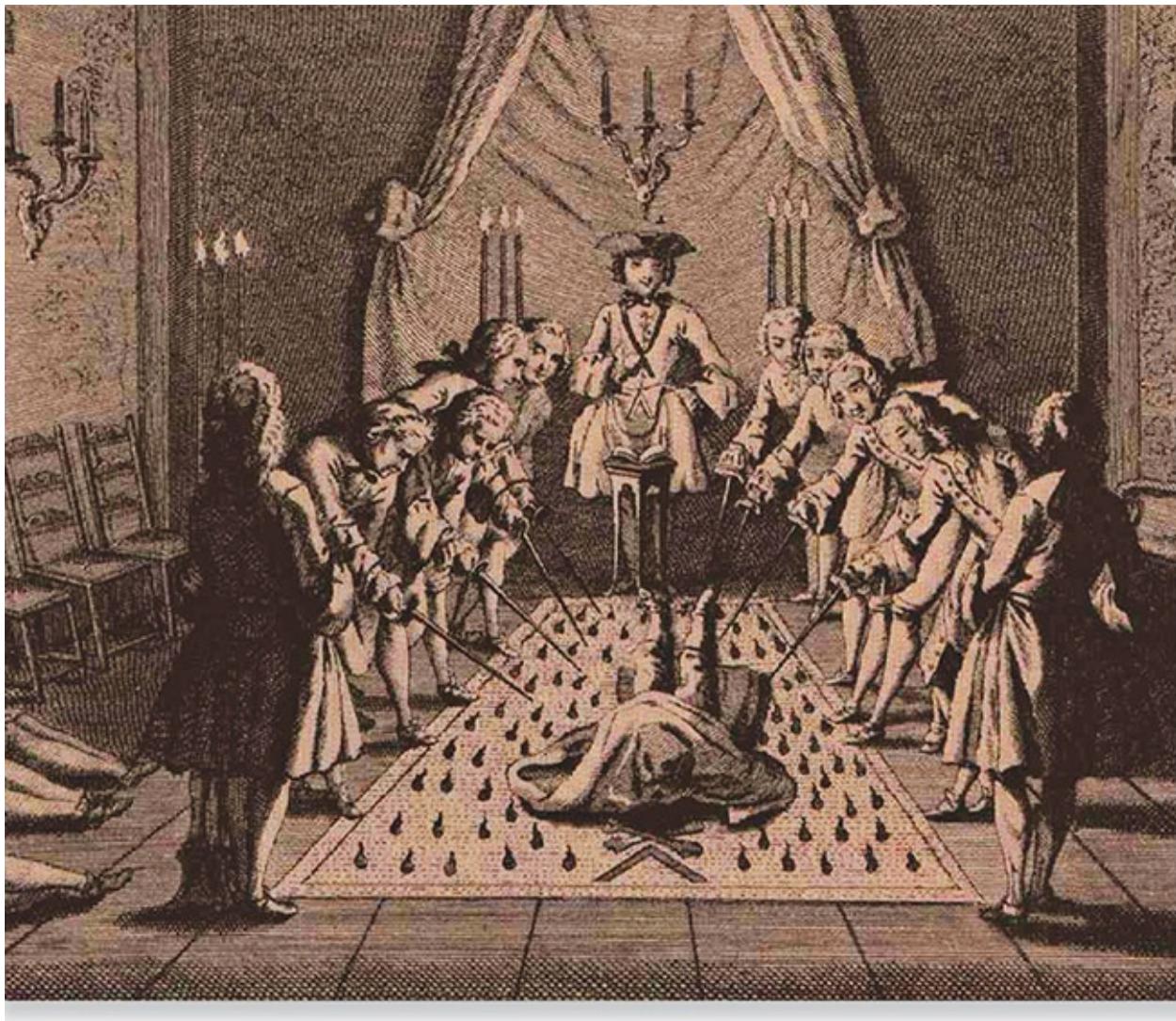
Entretanto a difusão da maçonaria não ocorreu sem os seus momentos negros, e nenhum deles foi pior do que o período em que Adolf Hitler chegou à conclusão de que a fraternidade não passava de uma frente para os judeus que, segundo ele, estavam procurando destruir a ordem mundial existente. Por toda parte onde a máquina de guerra nazista avançou na Segunda Guerra Mundial, lojas foram saqueadas e maçons foram detidos e encaminhados aos campos de concentração, onde muitos encontraram a morte.

O fim da guerra testemunhou um nítido movimento ascendente nas fortunas da maçonaria. Só nos Estados Unidos, o número de membros chegou a mais de 4 milhões em 1959, apenas 14 anos depois do conflito mundial. Todavia as décadas de 1960 e 1970 trouxeram um declínio no interesse devido ao crescente “fosso entre gerações” – entre aqueles que haviam conhecido os horrores da guerra e seus filhos – e a atrações rivais como a TV e a música pop. Foi necessária a revolução digital que uniu o mundo através da internet para acarretar um renascimento.

Atualmente, graças às ferramentas digitais, maçons de todo o mundo mantêm contato com imãos de todos os continentes com extrema facilidade e a necessária discrição – e também falam com o mundo exterior –, tornando

muito mais simples o desafio de enfrentar os mitos e recrutar novos membros. Como resultado, os números perdidos pela fraternidade desde os anos 1960 estão sendo regularmente recuperados e mesmo ultrapassados. Mas e quanto ao futuro? A maçonaria vai manter sua importante posição no mundo de amanhã?

PRIVATE COLLECTION THE STAPLETON COLLECTION BRIDGEMAN IMAGES



CAPÍTULO II

As cerimônias de iniciação fechadas levam a toda sorte de especulações
Iniciação de um candidato ao grau de mestre, gravura francesa, século XVIII

ENTRE SEGREDOS E LAÇOS DE SANGUE

COMO DE FATO FUNCIONA A MAÇONARIA, UMA FRATERNIDADE UNIVERSAL, MAS COM RITOS QUE VARIAM DE PAÍS PARA PAÍS E ATÉ DE LOJA PARA LOJA

A verdade é que percorrer a história dos maçons não é o suficiente para desvendarmos todos os segredos da ordem. Na verdade, o que se pode perceber é como as mudanças ao longo do tempo mantiveram ou até reforçaram no coração da instituição o comportamento discreto que sempre utilizaram.

Se na atualidade as oficinas e obediências maçônicas são constituídas legalmente sob a forma de associações (na França, desde a lei de 1901 sobre a liberdade de associação), se portanto sua existência é reconhecida, se elas não são de modo algum associações clandestinas, deve-se dizer que houve uma longa trajetória desde o século XVIII. Tão logo apareceram, as lojas maçônicas, que proclamavam a fidelidade ao poder estabelecido e a ausência de condutas conspiratórias, mas ao mesmo tempo reivindicavam o direito de se constituir livremente, sofreram com o açoite das proibições políticas, sob a alegação principal de que seus membros se reuniam em segredo.

O que não se dizia, no entanto, era que as autoridades policiais conheciam perfeitamente os locais em que se reuniam os maçons e, em determinados períodos, não se furtavam a importuná-los. A mesma argumentação presidiu as condenações e excomunhões da Igreja Católica, desde 1738 até o final do século XX. A excomunhão só foi suprimida da legislação canônica em 1983, quando apareceu o novo Código de Direito Canônico.

Assim, apenas usar a disciplina da história não nos trará mais perto de penetrar em seu mundo fechado de rituais, sinais secretos e estranhos apertos de mão. Compreender o que significa ser maçom nos dias de hoje exige uma análise que abranja seu sistema de crenças e um exame mais próximo da estrutura de suas famosas lojas, a unidade básica por excelência do universo maçônico.

Como acontece com tudo que é conservado por trás de portas fechadas, as práticas e crenças dos maçons despertam a curiosidade de todos que estão do lado de fora. Esse segredo é também o principal alimento para muitos boatos e falsidades que têm sido mais murmurados do que explicitados sobre as atividades dos maçons, já que são da natureza humana o temor e mesmo a rejeição àquilo que não se conhece ou não se consegue entender. Para aumentar a confusão, existem ainda os chamados “corpos anexos ou concordantes”, que têm práticas similares às dos maçons, mas possuem uma história e uma fundamentação diferentes. Como uma organização que dá tamanha importância aos significados subjacentes e ao simbolismo, para os maçons existe uma razão por trás de cada decisão, desde os lugares em que

as pessoas se sentam nas lojas até os emblemas que têm direito a portar em cada momento.

Para tornar mais complexa a tarefa da compreensão, como ocorre com toda organização que tem adeptos no mundo inteiro, algumas práticas variam de um lugar para outro e mesmo de uma loja para outra, de acordo com a história percorrida por cada um desses locais. Embora num primeiro momento talvez seja difícil seguir a complexa estrutura dos maçons e dos “corpos anexos ou concordantes”, algumas informações básicas podem tornar as coisas mais claras.

SER MAÇOM

O conceito subjacente à maçonaria foge das definições mais sintéticas, mas uma coisa é certa: não se trata de uma religião. Existem, porém, elementos nessa fraternidade em comum com a maioria das religiões, em particular um código de comportamento e de ética. A maçonaria se vê como mais do que uma simples fraternidade secreta e pretende ser um sistema moral, uma filosofia, uma espécie de caminho para conduzir a própria vida. Os maçons são homens que juraram se guiar por leis e costumes que descendem, em linha direta ou por caminhos tortuosos, das normas herdadas da antiga guilda de pedreiros especialistas. À medida que progredem pelos graus da maçonaria, os maçons aprendem mais valores sociais e morais que se baseiam no simbolismo das ferramentas dos antigos pedreiros e em sua linguagem.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



Preceitos da ordem representados em diagrama maçônico

Masonic chart, ilustração, 1846

Aos iniciados é apresentado, também, um sistema no qual a construção de um prédio pode ser equiparada à construção do próprio caráter. Os maçons juram seguir os preceitos da organização, entre os quais os mais importantes são o dever de mostrar amor fraterno aos demais seres humanos; o dever de oferecer assistência a seus irmãos em tempos de necessidade; o dever de aceitar os princípios da confiança, do segredo e da igualdade.

Esse sistema de crenças não comporta sectarismo. Um maçom deve ser tolerante com as crenças alheias. No entanto, a fraternidade é excludente em seu cerne. O maçom, por isso, precisa aprender a reconhecer outros maçons por meio de apertos de mão secretos (ou garras de mestre), senhas e outros sinais. A maçonaria não estimula posturas dogmáticas: não se deve dizer aos maçons no que acreditar. No entanto, a maçonaria não admite o ingresso de ateus ou agnósticos em seu meio – e, em tese, nem a de um politeísta. Para ser admitido em uma loja, todo indivíduo precisa afirmar a crença na existência de um Ser Supremo. Segue-se que um cristão, assim como um muçulmano ou um judeu, pode ser um maçom.

O GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO

Os maçons referem-se a esse Ser Supremo, o deus único, como o Grande Arquiteto do Universo. Note-se que essa designação poderia ser partilhada por praticamente todas as crenças religiosas; note-se também que essa ausência de um “Deus maçônico” significa que tampouco pode existir um “diabo maçônico”. Assim como a maçonaria não diz a seus membros em qual versão de deus acreditar, também não deve lhes dizer em que acreditar sobre qualquer outra coisa, no que se refere ao plano religioso – à exceção do voto ao ateísmo. Sobre esse ponto, os atos constitutivos escritos por Anderson, um pastor cristão, não poderiam ser mais claros: “Um maçom é obrigado a obedecer à lei moral; e, se ele bem entender da arte, jamais será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso”.

No entanto, a corrente da maçonaria mais ligada ao Grande Oriente da França mudou seu estatuto em 1877 para admitir o ateísmo, sob influência do pensamento laico naquele país e depois de um longo processo de discussão. O filósofo anarquista Pierre-Joseph Proudhon, por exemplo, foi iniciado, mas, durante sua cerimônia de iniciação, respondeu à pergunta ritualística “Quais são os seus deveres para com Deus?” com uma chibatada: “A guerra”.

A maçonaria tem em sua base o encorajamento sincero do aprendizado, estimulando desse modo os maçons a chegar às próprias conclusões. Ainda que essas conclusões precisem obedecer a princípios básicos acerca dos temas morais, políticos e religiosos, o espaço para uma ampla variedade de crenças é garantido pela fraternidade. Como seria de esperar de uma organização que propõe que os membros devam manter altos padrões morais e auxiliar o próximo, a maçonaria é ativa em obras de assistência social.

Muitos projetos filantrópicos – especialmente no caso dos maçons americanos, cuja tradição da benemerência é mais arraigada – beneficiam-se do trabalho dos membros de uma loja, e aquelas ocasiões em que esse trabalho chega às páginas dos jornais locais podem estar entre as poucas vezes em que, ao reconhecer um rosto, é bem provável que se trate de um maçom.



Templo maçônico em Los Angeles, com mercado no piso inferior, c. 1900: configuração do salão segue normas rígidas

Em poucas outras ocasiões, os maçons aparecerão indisfarçadamente em público. Por vezes, quando um maçom morre, a família enlutada pede que sua loja realize um serviço em sua memória. No caso dos mais altos hierarcas, isso é quase obrigatório. O seu corpo será velado no salão nobre das lojas ou palácios maçônicos e os irmãos se despedirão do “obreiro” que passa em direção ao “Oriente Eterno”. Em outros casos, solicita-se aos maçons que realizem uma cerimônia de abertura para assinalar o lançamento da pedra fundamental de uma construção importante – essa é a mais óbvia demonstração das origens medievais da maçonaria que os não maçons chegam a ver e é particularmente comum nos Estados Unidos. Sempre que possível, essa pedra fundamental é posicionada no canto nordeste da construção, simbolizando a escuridão do norte e a luz do Oriente, redesenhandoo assim o caminho dos maçons na direção do conhecimento.

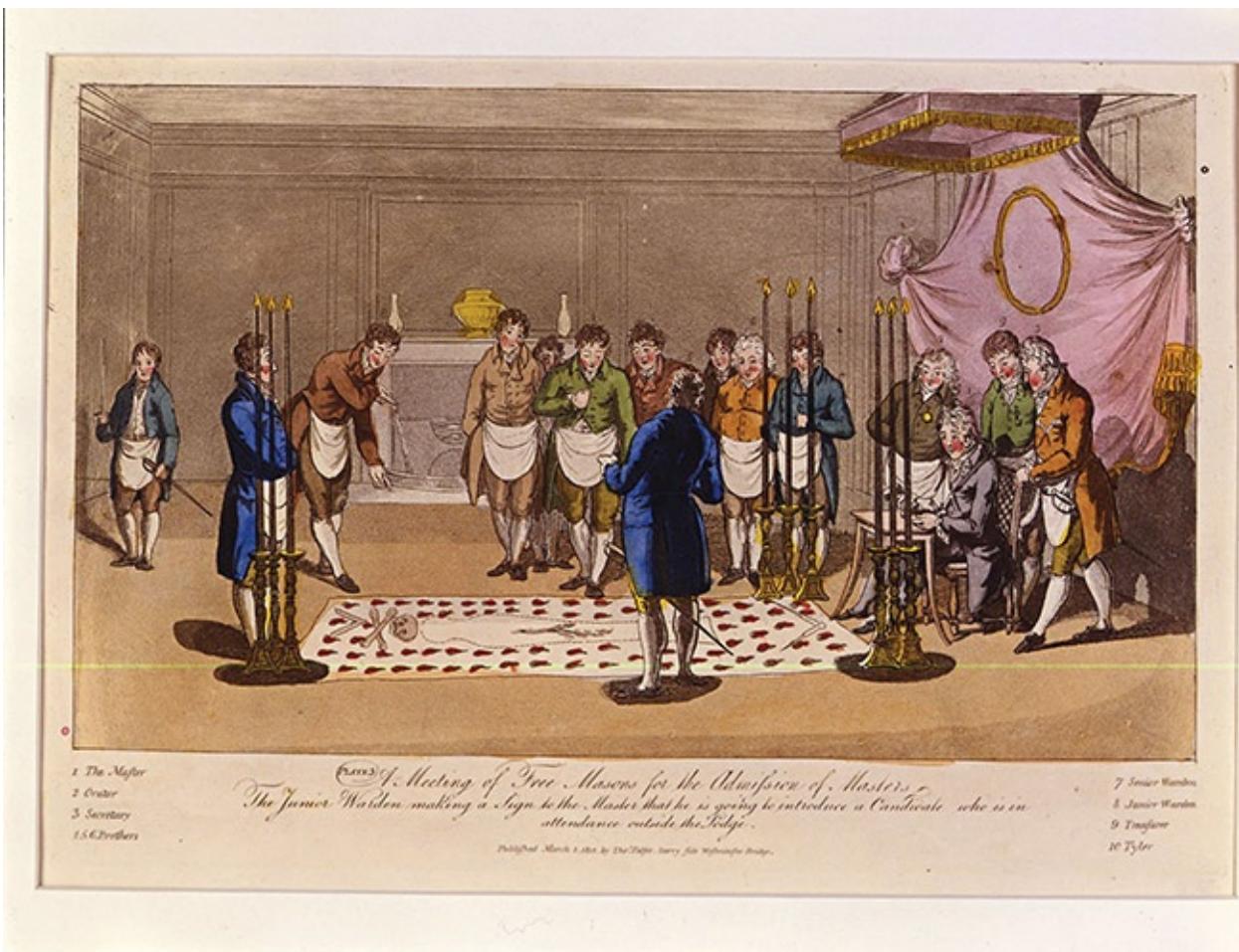
Esses dois exemplos mostram a face pública da maçonaria, mas existem, é claro, os aspectos mais ocultos da organização. Então, o que são exatamente as lojas maçônicas, e o que acontece em seu interior?

A LOJA

As práticas numa loja variam de país para país, de estado para estado, e mesmo de loja para loja. Cada país, ou estado, tem uma espécie de corpo governante ou grande loja, em que as lojas individuais buscam orientação. Cada loja tem um número, e este é atribuído pela grande loja numa estrita sequência, de tal modo que, se uma loja tem um número baixo, isso indica que está em funcionamento há muito tempo. Então por que é chamada de loja?

Não se pode esquecer, nesse ponto, que uma loja pode significar uma organização de irmãos e também a construção em que eles se reúnem. No passado remoto, os pedreiros se reuniam numa construção perto do sítio de seu trabalho, onde podiam confraternizar, discutir suas tarefas e aprender com os companheiros. A palavra “loja” vem do francês *loge*, que está relacionada a *logement*, local de habitação.

MUSÉE DE LA FRANC-MAÇONNERIE , PARIS, FRANCE / ARCHIVES CHARMET



As cerimônias no interior das lojas são repletas de significados simbólicos que escapam aos não iniciados

Encontro de maçons para admissão de mestres, litogravura, Thomas Palser, 1812

O que você vai encontrar dentro de uma loja? Se os maçons pudessem voltar no tempo até o Templo de Salomão, talvez considerassem muito familiares algumas de suas características, pois boa parte do conteúdo e da disposição espacial do prédio de uma loja está baseada nas descrições daquele templo. Aliás, alguns defendem essa emulação como uma “prova irrefutável” de que a maçonaria já existiria nos tempos do legislador hebreu. De toda forma, mudam-se muitos aspectos de uma loja a outra, mas a verdade é que existe uma impressionante unidade, como se o salão de cada loja maçônica fosse, na verdade, sempre o mesmo local.

O salão da loja é construído de tal modo que a porta de entrada fica a oeste. Assim, quando alguém entra, está voltado para o leste. Isso tem significado simbólico, uma vez que os templos na época de Salomão eram construídos em alinhamento com a passagem do Sol. Como se poderia esperar de pessoas

consideradas “no esquadro”, a loja tem quatro lados, constituindo-se em um paralelogramo, com a parte que segue de leste a oeste sendo a mais comprida. Os assentos estão dispostos ao longo das paredes da sala. A loja contém um Volume da Lei Sagrada, aberto sobre um altar. Não precisa ser a Bíblia; pode ser o Corão ou qualquer outro texto sagrado, desde que remeta à crença dos membros da loja num Ser Supremo. O Volume da Lei Sagrada é iluminado por três velas (a importância do número três para os maçons será abordada no capítulo seguinte) dispostas numa formação triangular no altar.

Na sala existem dois globos colocados no topo de duas colunas, as quais remetem às colunas do Templo de Salomão. As colunas erguem-se perto da porta de entrada, ou talvez em cada lado da cadeira do primeiro vigilante. De que outro modo você reconhece que está numa loja maçônica? A letra “G” pende sobre a cadeira do venerável mestre ou sobre o altar. Como veremos num capítulo posterior, o “G” é uma representação de God (Deus, em inglês) e da geometria, a ciência cujos segredos os pedreiros-livres originais guardavam tão zelosamente.

©THE DERWENT LODGE



Oficiais máximos de uma loja: cada um carrega um emblema (ou joia) que representa seu cargo

O primeiro vigilante senta-se no lado oeste da loja, enquanto o venerável mestre senta-se no leste. O assento do primeiro vigilante fica sobre uma plataforma com dois degraus, ao passo que a plataforma do segundo vigilante tem um só degrau. Juntos, esses três degraus simbolizam os três estágios da vida: juventude, maturidade e velhice. Assim, com um pouco de imaginação você pode visualizar agora o prédio de uma loja – uma construção cujo interior a maioria das pessoas jamais verá pessoalmente, embora hoje já não faltem imagens disponíveis na grande rede e não seja tão incomum que as lojas marcarem sessões abertas em certas datas festivas.

OS OFICIAIS

As práticas da maçonaria diferem de uma loja para outra e de um país para outro. A estrutura de oficiais da loja 1 pode ser diferente daquela da loja 2, mas a estrutura que descrevemos a seguir fornece uma ideia clara de como as lojas maçônicas estão organizadas. A posição mais destacada é a do venerável mestre, que tem seu assento onde o Sol nasce, no lado leste da Loja. O venerável mestre é um maçom de conhecimento aprofundado e larga experiência. É encargo seu presidir as reuniões e conferir graus. Cada hierarquia tem seu emblema (ou joia) para cada cargo específico. O emblema do venerável mestre é um esquadro usado em torno do pescoço. Esse símbolo remete aos dias dos pedreiros-livres originais, que usavam um esquadro para verificar as propriedades geométricas da pedra com que estavam trabalhando. No caso do venerável mestre da loja, é um símbolo de retidão e virtude. Escolhido como o primeiro entre os irmãos, ele é o responsável direto pelo bom funcionamento da loja e pela boa administração dos ensinamentos aos aprendizes e companheiros.

NA TERRA DOS LAGARTOS

Todo mundo já deu de cara, enquanto navegava pela internet, com sites que proclamam que “comprovadamente” ou “de forma irrefutável” o mundo é governado secretamente por uma poderosa e secreta elite, que controla órgãos como a CIA e o FBI e governos no mundo inteiro. Algumas vezes, essas teorias vão ao extremo de afirmar que essa elite é composta de lagartos sob o formato exterior de homens. No coração dessa conspiração supersecreta estão os maçons, afirmam milhares de websites. Os maçons governariam o mundo e opinariam sobre tudo que você tem (ou não tem) permissão para fazer, dizem eles. Não vai passar muito tempo antes que a verdade

seja revelada e vejamos os maçons com suas verdadeiras cores, afirmam. No entanto, embora muitos maçons tenham sido e ainda sejam parte do cenário político – no Brasil, de modo geral, seguindo uma tendência mais liberal –, atualmente as conversas sobre política não são “oficialmente” autorizadas dentro das lojas.

É claro que efetivamente as conversas sobre o tema é comum entre os maçons. E isso ocorre em todo o mundo. Sempre foi assim, desde os primeiros dias da moderna maçonaria, que forneceu homens públicos de todos os tipos para os diferentes governos. Também é verdade que muitos negociantes de carros usados, vendedores de seguros, corretores de imóveis, gerentes de shopping centers e donos de transportadoras são maçons. Estariam eles também envolvidos numa grande conspiração internacional? Na verdade, a ideia de que a maçonaria mantém conspirações políticas regulares esbarra numa impossibilidade: ao contrário do que imaginam os teóricos da paranoia, não há segredos, especialmente os mais importantes, que possam ser mantidos por tanto tempo.

O primeiro vigilante é o segundo na cadeia de comando. Seu assento está colocado na direção do Sol poente, a oeste. Sua joia do cargo é o nível, que os antigos pedreiros usavam e ainda hoje usam para se assegurar de que a superfície das pedras esteja alinhada, e seu significado simbólico é a reafirmação de que todos os maçons são iguais e, portanto, todo julgamento deve ser imparcial. Seu papel nas reuniões da loja é ajudar o venerável mestre na execução de seus deveres e substituí-lo quando necessário. Cabe a ele ainda administrar a instrução dos companheiros.

A terceira posição na hierarquia da loja é a do segundo vigilante, cuja joia do cargo é um prumo. Usa-se um prumo para garantir que a parede esteja verdadeiramente reta, de modo que ele simboliza uma atitude moral de retidão e de busca pelo conhecimento mais profundo. O segundo vigilante senta-se no sul, onde o Sol está ao meio-dia – e suas tarefas incluem o fornecimento de comida e bebida aos membros, uma tarefa apropriada para alguém cujo cargo simboliza o meio do dia. É ele ainda quem ministra os ensinamentos aos aprendizes. Os vigilantes e o venerável mestre são os três principais oficiais de uma loja, mas há outros.

A joia do primeiro diácono é um esquadro e compasso – o símbolo mais frequentemente associado, aos olhos do público, com a maçonaria – tendo um Sol no meio. O primeiro diácono senta-se no leste, à direita do venerável mestre. Outro emblema de seu cargo é um longo bastão, em cujo topo está afixado o conjunto de esquadro e compasso. A tarefa do primeiro diácono é dar as boas-vindas aos candidatos e visitantes, guiar os candidatos pela loja, abrir e fechar o Volume da Lei Sagrada no início e no fim das reuniões e acender e apagar as velas. Tem também a tarefa de mensageiro do venerável mestre junto ao primeiro vigilante.



Loja maçônica do Palácio Roffia, em Florença, na Itália

O segundo diácono também tem um esquadro e compasso como sua joia de cargo, e o conjunto é igualmente levado na ponta de um bastão. Contudo, não existe um Sol no interior do símbolo, e sim uma Lua. O segundo diácono senta-se à direita do primeiro vigilante e uma de suas tarefas é agir como guardião da porta da loja. Isso envolve muitas batidas na porta e verificações de quem está do lado de fora e se essa pessoa está apta a penetrar na loja.

A lista de oficiais da loja que estão na “linha de progressão” prossegue, mas é bom lembrar que cada um deles sobe um degrau na hierarquia uma vez por ano. Desse modo, o oficial seguinte em nossa lista, o primeiro mordomo, tem alguns anos para servir antes de poder se tornar venerável mestre. O primeiro mordomo compartilha sua joia de cargo com o segundo mordomo. É uma cornucópia, ou chifre da abundância, na ponta de um bastão, significando que os dois auxiliam na preparação das refeições da loja. Outras tarefas dos mordomos incluem preparar a loja para as reuniões e ajudar onde for

necessário.

As questões monetárias e as tarefas administrativas da loja são confiadas ao tesoureiro e ao secretário, que não estão na linha de progressão. O tesoureiro, cuja joia (duas chaves cruzadas) mostra que está encarregado das reservas monetárias da loja, senta-se à direita do venerável mestre. O secretário senta-se à esquerda do mestre e desempenha tarefas administrativas vitais para manter em funcionamento uma organização como uma loja maçônica. Sua joia de cargo é um par de penas cruzadas. É de salientar que a história das lojas maçônicas é uma tarefa da qual os secretários se encarregaram ao longo de tempo. É ele quem registra os fatos referentes a cada loja, papel de extrema importância.

Existem ainda, de acordo com o rito seguido por cada loja, os cargos de capelão, responsável pelas preces dirigidas ao Grande Arquiteto do Universo e que tem como joia um livro aberto; o marechal, com tarefas de organização e apoio ao venerável e que porta como símbolo dois bastões cruzados, e o cobridor ou guarda do Templo, portador da espada. Ele se posta à esquerda da porta da loja e, simbolicamente, é apenas ele quem abre a tal porta.

REUNIÕES

A curiosidade dos não maçons é particularmente atraída pelas cerimônias de grau devido a seu ritual, mas existem muitas outras reuniões maçônicas que se realizam a cada semana e que são bem menos esotéricas. Adiante neste livro vamos examinar o ritual de algumas cerimônias; esta seção, porém, preocupa-se com os eventos mais cotidianos. As reuniões de uma loja podem envolver escutar um palestrante convidado ou um companheiro maçom que instrui os membros sobre o que significa ser maçom. Poucas reuniões de uma loja se realizam sem a partilha de comida e bebida, no chamado “jantar festivo”. Todas as espécies de alimentos e bebidas são, teoricamente, consumidas com moderação, pois um bom maçom não faz nada em excesso. Como sempre, o modo de fazer as coisas varia de um lugar para outro, e as coisas podem ficar ainda mais diferentes nas organizações que os maçons chamam de corpos anexos e concordantes, e em outras organizações às quais a maçonaria foi ligada. No entanto, existem princípios básicos como, por exemplo, a busca de um ambiente de serenidade, no qual o objetivo das discussões seja exclusivamente aquilo que os maçons chamam de “evolução”. Os conflitos, portanto, devem ser evitados e, caso surjam, logo controlados. E os rituais devem ser seguidos com rigor, ainda que isso varie de loja para loja.

Como a maçonaria se considera universal, cada maçom pode visitar as reuniões de outras lojas e ali deve ser recebido como “irmão”.

O RITO ESCOCÊS

Assim como na maçonaria existem os três graus de aprendiz maçom, companheiro maçom e mestre maçom, há outros corpos que conferem outros graus de progressão através da fraternidade. Como acontece com tudo relacionado à maçonaria, existem fatores de complicações para expor um esquema único, e aqui eles aparecem na forma dos corpos concordantes e anexos.

Concordante significa “em concordância”, enquanto anexo vem de anexar, isto é, prender, tornar dependente. Esses corpos estão associados à maçonaria, embora suas práticas possam diferir nitidamente. Um exemplo de um corpo anexo é o Rito Escocês Antigo e Aceito, que pode conferir graus ulteriores a um mestre maçom, chegando até 32 e, muito ocasionalmente, 33, num reconhecimento de serviço extraordinário. O Rito Escocês foi desenvolvido basicamente na Europa continental e, em especial, na França.

O escocês Andrew Ramsay nasceu em 1861, filho de um padeiro, e estudou teologia em Glasgow e Edimburgo, tornando-se mestre. Em 1708, foi para Londres e ficou amigo de Newton e Hume. Mais tarde, iria para Paris e se tornaria próximo do regente da França, Phillippe d'Orléans, que o introduziu na Ordem de São Lázaro.

Numa visita à Inglaterra, em 1730, ele foi introduzido à maçonaria e, de volta à França, onde a fraternidade não estava bem organizada, logo assumiu grandes responsabilidades. Para melhor informar os iniciantes no rito, Ramsay escreveu uma oração a ser lida após as cerimônias. O efeito dessa oração foi explosivo nos meios maçônicos e ela é discutida até hoje. No discurso, alegórico ou factual, ele fez uma conexão entre a maçonaria e os cruzados, afirmindo que o príncipe Edward, filho de Henrique III da Inglaterra, trouxe as tropas de volta do Oriente Médio e, em terras britânicas, eles tomaram o nome de maçons livres. Disse ainda que, das ilhas britânicas, a arte real foi para a França, que se tornaria o centro da ordem. Apesar de ele não afirmar a necessidade de criar um novo rito, isso foi o que ocorreu.

REPRODUÇÃO



A oração de Ramsay criou polêmica e é discutida até hoje
Gravura, livro *Memoirs of the Jacobites of 1715 and 1745*, Mrs. Thomson, 1845

A ORAÇÃO DE RAMSAY

"Nossos ancestrais, os cruzados, reunidos de todas as partes da cristandade na Terra Santa, desejavam reunir em uma única Fraternidade os indivíduos de todas as nações (...)

Nossos fundadores não eram simples trabalhadores em pedra nem curiosos gênios. Eles não eram apenas arquitetos qualificados, emprenhados na construção de templos materiais, mas também religiosos e príncipes guerreiros que planejaram, edificaram e protegeram os Templos do Altíssimo.

Rei Salomão escreveu em caracteres hieroglíficos nossos estatutos, nossas máximas e os nossos mistérios, e este livro antigo é o Código original da nossa Ordem. (...) Após a destruição do primeiro Templo (...) Zorobabel foi nomeado Grão-Mestre da Loja de Jerusalém e instruiu o lançamento das bases do Segundo Templo, onde o misterioso livro de Salomão foi depositado. (...) Este livro foi perdido (...) até o tempo das cruzadas, quando uma parte dele foi redescoberto depois da rendição de Jerusalém.

Reis, príncipes e senhores retornaram da Palestina para suas próprias terras e ali estabeleceram diversas Lojas (...) Nossos graus, nossas Lojas e nossos ritos foram negligenciados na maioria dos lugares. (...) No entanto, foi preservado o seu esplendor entre os escoceses, a quem os reis da França confidenciaram durante muitos séculos a salvaguarda da sua família real."

Suas ideias foram aceitas com entusiasmo, e os maçons franceses puseram-se a trabalhar para desenvolvê-las, criando no processo um número crescente de graus. Os novos graus tornaram-se conhecidos como escoceses, embora suas origens não estejam naquela parte da Grã-Bretanha. O Rito Escocês atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil no Novo Mundo. Hoje, nos Estados Unidos, ele está dividido em duas jurisdições: a Jurisdição Maçônica

Meridional e a Jurisdição Maçônica Setentrional. Apesar de sua popularidade, muitos maçons preferem não se envolver com o Rito Escocês.

O RITO DE YORK

Outro corpo anexo é o Rito de York. Como vimos, nas primeiras décadas da moderna maçonaria os irmãos não se constrangiam em acrescentar uns poucos graus aqui e ali, além dos três básicos. Na Inglaterra, um grupo de homens se reuniu para acrescentar alguns graus mais elevados, que se tornaram muito difundidos do outro lado do Atlântico e ficaram conhecidos como o Rito de York ou ainda o “Rito Americano”. O ano de fundação oficial é 1799 e seu principal nome foi Thomas Smith Webb.

O Rito de York chegou ao Brasil através do “Grande Oriente dos Beneditinos”, com a Washington Lodge, fundada em 19 de novembro de 1874, em Santa Bárbara do Oeste (SP) por americanos emigrados durante a Guerra Civil Americana.

Nesse título abrange três ritos distintos: o Real Arco Sagrado, a Maçonaria Críptica e a Maçonaria Cavaleiresca. Uma ressurgência dos Cavaleiros Templários pode ser encontrada na Ordem Cavaleiresca.

Em conjunto, esses grupos conferem dez graus, com os quais um mestre maçom pode ampliar seu aprendizado, se o desejar. É muito importante notar que os graus oferecidos pelo Rito Escocês e pelo Rito de York são adicionais aos três graus básicos que estão no caminho de todo candidato maçônico. Eles não são considerados melhores do que esses graus; seria um grande equívoco imaginar, por exemplo, que o 33º grau do Rito Escocês mostra que seu portador é 11 vezes melhor que um mestre maçom. Esses graus são simplesmente aditivos.

Outros corpos concordantes e anexos incluem a Antiga Ordem Árabe dos Nobres do Místico Shrine (santuário, em inglês), cujos membros são conhecidos no mundo inteiro como os *shriners*. O Shrine é provavelmente o mais popular corpo anexo da maçonaria, contando com cerca de 450 mil membros em todo o mundo. Cresceu a partir dos encontros, no final do século XIX, de maçons da cidade de Nova York, que optaram por reuniões menos formais, tornando sua loja um espaço mais sociável. Pegando algum conhecimento do Oriente Médio e da língua árabe, eles formaram um grupo animado, que adotou um fez vermelho como adorno de cabeça e se cumprimentava entre si com a expressão “*Es Selamu Aleikum*”. O crescimento dos *shriners* entre maçons estabelecidos foi bastante rápido por todos os

Estados Unidos, e eles se tornaram conhecidos não apenas pelo fez e pelos desfiles festivos, mas também pelas inúmeras obras de caridade.

Depois de num primeiro momento levantar dinheiro para as crianças pobres, eles passaram a abrir e a administrar hospitais, que atualmente são mais de 20 em todo o país e oferecem assistência médica gratuita. No Brasil, os *shriners* chegaram em 2009, com a ajuda dos congêneres uruguaios, com grupos formados no Rio Grande do Sul e no Mato Grosso.

WIKIPEDIA COMMONS



Casa do Templo, em Washington, nos Estados Unidos: Rito Escocês

MAÇONS E TEMPLÁRIOS

Não foram os Cavaleiros Templários aqueles que guardaram a Arca da Aliança e outros tesouros desde os tempos bíblicos? Eles também são os zelosos guardiões de outros segredos de suma importância. Sabemos disso porque assistimos ao filme *A lenda do tesouro perdido* e lemos *O código Da Vinci*. No entanto, como sempre acontece, a verdade é um pouco menos glamorosa do que as teorias conspiratórias gostariam de nos fazer acreditar.

Na atualidade, os Cavaleiros Templários, pelo menos nos Estados Unidos, estão associados a três graus cavaleirescos do Rito de York, conhecidos como “ordens”. São eles a Ilustre Ordem da Cruz Vermelha, a Ordem de Malta e a Ordem do Templo. É importante perceber que os candidatos a essa

ordem maçônica devem ser cristãos.

Como surgiu toda essa confusão? Começou no século XVIII, quando circulou na França a história de Andrew Ramsay sobre a maçonaria ter se originado com os Cavaleiros Templários originais, os cavaleiros cruzados que defendiam Jerusalém dos sarracenos. Essa ordem de piedosos cavaleiros cristãos estabeleceu sua sede perto do Templo de Salomão, e os cruzados que retornavam da Terra Santa traziam notícias deles. Essa, disse Ramsay, seria a verdadeira origem da maçonaria. Na opinião dos observadores imparciais, não existe um pingo de verdade nessa história, mas é uma lenda interessante. Os sucessores espirituais dos templários originais dizem não ter ideia de onde se encontram a Arca da Aliança, o Santo Graal ou quaisquer outros artefatos dos antigos tempos bíblicos.

No entanto, não se pode deixar de notar semelhanças entre os templários e os maçons. Os templários, por essência, se tornaram uma potência com as próprias regras ali pelo século XIII. Desde então, toma forma a acusação que identificou a ordem a uma sociedade secreta, herética, apóstata, muito distanciada de sua imagem pública e dos valores professados, a mesma que os maçons modernos sofrem desde muito tempo.

Ademais, templários e maçons possuem modos de recrutamento e rituais iniciáticos próximos. E, eventualmente, o pouco conhecimento sobre essas cerimônias fará com que sejam tachadas de pavorosas. Nada, no entanto, nos documentos nem nos fatos, permite conceder o menor crédito a essas fabulações. A recepção na Ordem dos Templários obedecia a um ritual perfeitamente pensado e codificado em que nada deixava margem a interpretações duvidosas, assim como acontece entre os maçons.

WIKIPEDIA COMMONS



Templo maçônico em Hollywood, Los Angeles

CORPOS QUE ADMITEM MULHERES

Existem muitos outros corpos anexos e concordantes associados à maçonaria. Eles incluem os chamados grupos andróginos, a que um maçom pode comparecer na companhia de seus familiares do sexo feminino; são exemplos as Filhas do Nilo, o Santuário Branco de Jerusalém e a Ordem da Estrela do Oriente. Além dos *shriners*, existem outros grupos cuja ênfase recai na sociabilidade. Eles incluem os Altos Cedros do Líbano, a organização de veteranos National Sojourners e a Grotto, mais formalmente conhecida como a Ordem Mística dos Profetas Velados do Reino Encantado.

Existem ainda os grupos de jovens, que em sua maioria são filhos de maçons e de cujas fileiras eles por vezes saem para se tornar maçons de corpo inteiro. Por exemplo, as meninas são acolhidas na Ordem Internacional do Arco-Íris ou nas Filhas de Jó, enquanto os rapazes podem ingressar na Ordem DeMolay. Cada um desses grupos está aberto aos maçons e aos familiares destes. E há muitos mais de caráter similar: até mesmo um grupo de motociclistas maçons,

os Pelicanos do Asfalto, dedicados à prática da caridade.

Muitas associações, sociedades, clubes e organizações fraternais existem sem ter nenhum laço com a maçonaria, embora se possa acreditar que sejam uma espécie de cobertura para os maçons. São exemplos os Cavaleiros de St. Columba, no Reino Unido (lema: "Servir a Deus servindo aos outros"), os Odd Fellows (a fraternidade dos "três laços", que representam a amizade, o amor e a verdade) e a Moose International (1,5 milhão de homens e mulheres, em quatro países, que se dedicam a melhorar a vida de crianças e idosos carentes). Nenhuma delas é ligada à maçonaria.

THE STAPLETON COLLECTION



CAPÍTULO III

Os rituais maçônicos reverberam tradições muito antigas
Cena da maçonaria, gravura, anônimo, século XVIII

SINAIS SECRETOS

INSTITUIÇÃO MAIS DISCRETA DO QUE VELADA, A MAÇONARIA DESENVOLVEU AO LONGO DE SÉCULOS GESTUAL, SIMBOLOGIA E ATÉ VESTUÁRIO MUITO CARACTERÍSTICOS. MAS CADA ITEM TEM UM SENTIDO LÓGICO

A imagem que se faz dos maçons é a de um grupo de homens sisudos participando de cerimônias esquisitas que envolvem aventais, apertos de mão secretos, calças enroladas nas pernas e um emaranhado de símbolos esotéricos. Mas o que significam todos aqueles estranhos signos? E por que eles usam os tais aventais? O que ouvimos sobre os seus misteriosos rituais é realmente verdadeiro ou não passa de boato?

Este capítulo se propõe responder a essas perguntas que aparentemente causam perplexidade. Existem muitas respostas bem surpreendentes porque os motivos dos rituais à primeira vista estranhos e bizarros estão firmemente baseados em certa lógica e, claro, em tradições muito antigas. Não há dúvida de que também desapontaremos aqueles que acreditam que os símbolos usados pelos maçons sejam signos insidiosos de uma organização perversa, demoníaca, conspiratória que não leva em conta os interesses dos demais, apenas os dos próprios membros. No entanto, seja qual for a sua visão dos maçons, existem muitos signos, símbolos e rituais da maçonaria que são fascinantes.

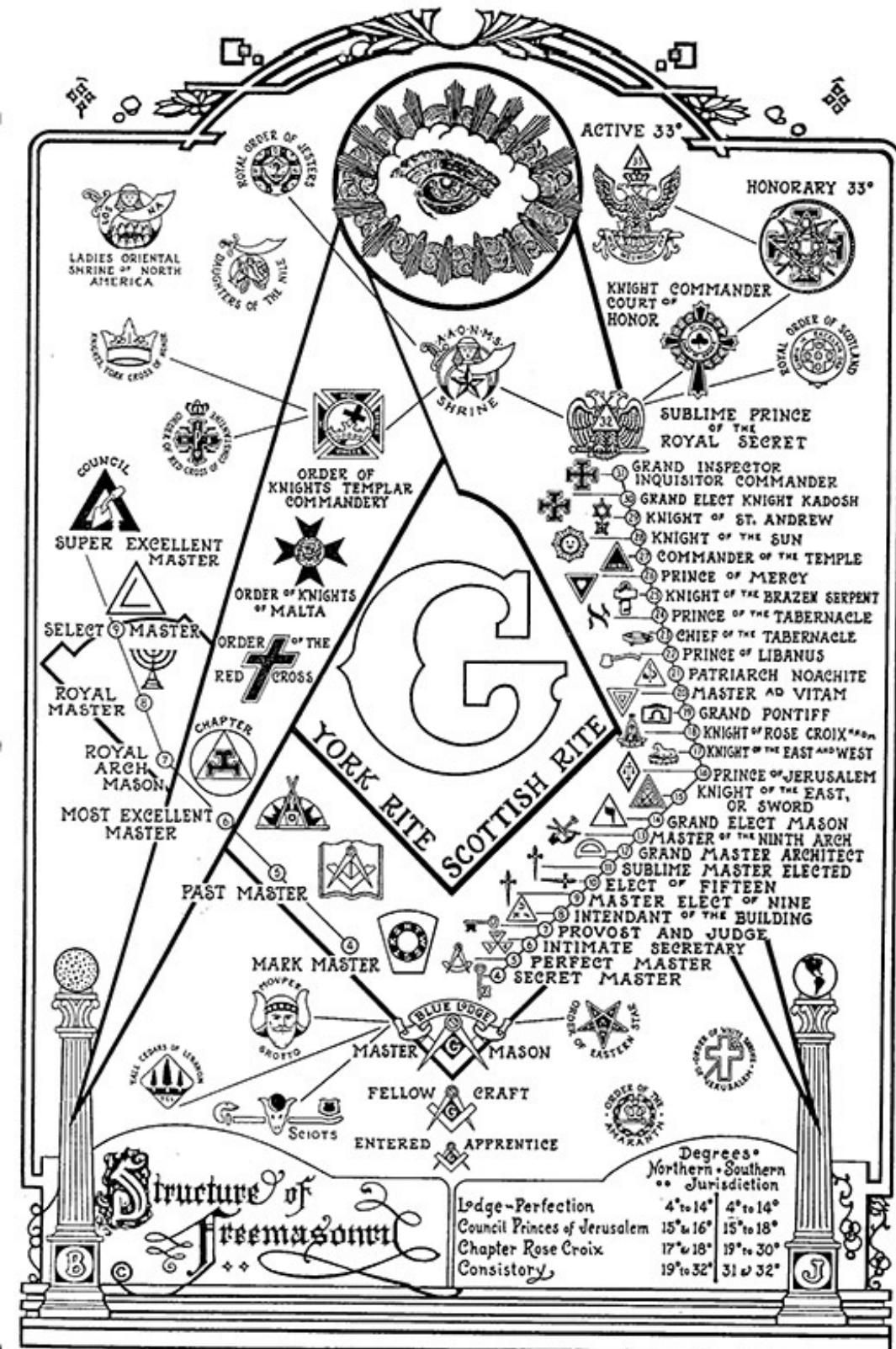


Imagen ilustra a complexa estrutura hierárquica da maçonaria

Já vimos que muito do material secreto associado a essa reservada organização fraternal pode ser rastreado até suas origens entre os pedreiros medievais, que praticavam um artesanato altamente qualificado e tomavam cuidado para não deixar o não iniciado conhecer demais o que eles faziam. Afinal eram, de certo modo, uma elite que tinha a forte sensação de que o melhor para o seu ofício era conservar vedados os segredos de seu sucesso. Não ajudaria em nada deixar qualquer um ter acesso a habilidades, técnicas e conhecimentos duramente conquistados ao longo de muitas gerações. Então vamos examinar em detalhe todos os importantes símbolos que jazem no cerne da maçonaria e desvelar seu significado oculto.

SÍMBOLOS

Muitos símbolos associados à maçonaria têm sua origem nas ferramentas do ofício dos pedreiros medievais e com muita frequência são de natureza matemática. As interpretações deles por vezes variam, então não estranhe se em outra obra encontrar informações diversas das que aqui estão. Não serão necessariamente errôneas, mas nos preocupamos em selecionar as informações mais pertinentes a uma visão se não necessariamente ortodoxa, pelo menos mais consolidada pelo consenso e pelo tempo.

Os mais conhecidos dos símbolos da maçonaria são o esquadro e o compasso, que estão dispostos de modo a formar uma figura de quatro lados, ou quadrilátero. Quando você olha para essas duas ferramentas, é fácil imaginar os maçons “operativos” originais usando-as em seu trabalho. O esquadro era utilizado para garantir que os ângulos nas pedras estivessem “no esquadro” quando estas eram trabalhadas e colocadas em suas posições nos prédios que se erguiam. Em termos simbólicos, o esquadro é o resultado da união da linha vertical com a linha horizontal, remetendo à retidão e também à ação do homem sobre a matéria e sobre si mesmo – ou seja, uma série de imagens que remetem ao conceito de moralidade.

As duas hastas ligadas pela junção do compasso, usadas para desenhar círculos e arcos e medir distâncias entre dois pontos, têm um papel óbvio no trabalho com a pedra. O instrumento, com sua capacidade de repetir a extensão de um segmento desenhado numa reta, representa a justiça e a exatidão, funcionando no universo maçônico para simbolizar a potência do espírito, do pensamento. O relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto) exposto nos traçados do compasso é uma representação das lojas maçônicas.

Qual é o significado desses dois símbolos herdados da geometria e dos antigos pedreiros para os modernos maçons? Em termos simples, representam a natureza fraternal da maçonaria, mas em termos mais analíticos, como constantemente acontece com essa organização, a resposta vai depender da pessoa a quem você pergunta. Quando os maçons iniciam sua progressão pelos graus da ordem, lhes é explicado que o esquadro simboliza tudo que é justo, honesto e virtuoso, na medida em que ele garante que tudo se encaixe como deveria segundo “o grande plano”. Alguns maçons dizem que o esquadro representa a matéria, o material concreto de que o mundo é efetivamente composto.

Já o compasso, de acordo com esses maçons, representa o mundo abstrato. Os princípios da maçonaria – amor fraterno, amizade e moralidade – estão contidos entre as duas pontas da ferramenta. Pode-se dizer que a ponta do compasso que permanece firme e imóvel no centro quando um círculo é desenhado representa o maçom individual, enquanto a ponta que descreve o círculo representa toda a maçonaria e os limites do mundo. O maçom individual deve permanecer dentro desses limites em todas as ocasiões, mas ele sempre permanece o centro da organização e, por extensão, do universo.

WIEN MUSEUM KARLSPLATZ, VIENNA, AUSTRIA



A estrutura de uma loja nos tempo do Iluminismo: não tão distante das atuais e com a presença dos vários símbolos da ordem

Cerimônia de iniciação na Loja Maçônica de Viena, óleo sobre tela, Ignaz Unterberger, século XVIII

No espaço entre o esquadro e o compasso é frequentemente encontrado outro símbolo: uma estrela, um olho ou a letra "G". Conta-se que esta representa *God* (deus, em inglês), pois se exige dos maçons a crença num Ser Supremo. Outros assinalam que o "G" pode representar também "geometria". Outros símbolos encontrados por vezes no espaço entre o esquadro e o compasso são um olho que tudo vê, um conjunto de Lua e estrelas, ou um Sol. São interpretados como símbolos da luz, da verdade e do conhecimento – de Deus, se você preferir. O Sol simboliza ainda a potência da vida, a saúde, do equilíbrio e a força. Como reflexo do Sol, a luz tem as mesmas representações, mas pelo viés do feminino e das virtudes ligadas a essa noção, como a sensibilidade e a mutabilidade.

O OLHO

Os cristãos têm usado o olho como símbolo religioso por muitos séculos, e o olho que tudo vê remete à crença de que Deus pode ver no coração dos homens. Esse olho é com frequência representado dentro de um triângulo, pois o número três tem alto significado na comunidade maçônica. O triângulo representa os três elementos da Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, e boa parte da vida e dos rituais maçônicos faz referência a esse número: existem três graus numa loja, três princípios na base da maçonaria, e assim por diante. Existe ainda o delta, o triângulo luminoso, presente em alguns ritos, simbolizando a energia divina em expansão.

DUMFRIES & GALLOWAY MUSEUMS



Watson, William Stewart, The Inauguration of Robert Burns as Poet Laureate of the Lodge, 1846, óleo sobre tela

©ALLENTOWN MASONIC TEMPLE



Cerimônia maçônica em Allentown, nos Estados Unidos: símbolos lembram o antigo ofício dos pedreiros

Os aventais usados pelos maçons estão cheios de simbolismo. Para começar, são lembranças do antigo ofício dos pedreiros, pois os maçons originais usavam aventais para guardar suas ferramentas e proteger suas roupas. Mais tarde, na passagem da maçonaria operativa para a especulativa, o paramento seria regulamentado pela Grande Loja da Inglaterra. Dado a um maçom no início de sua progressão pelos graus, o amental é tradicionalmente feito de pele de cordeiro, como o deveriam fazer os antigos pedreiros medievais, pois o carneirinho inocente é visto como um símbolo de pureza imaculada. Esteja vestindo o amental ou não, um maçom deve sempre conduzir sua vida tendo a pureza em mente; ele deve sempre buscar a perfeição sem manchas em pensamentos e ações. Os símbolos bordados nos aventais incluem o olho de Deus, o compasso e o esquadro, cujo simbolismo foi examinado acima. O amental permanece com o maçom por toda a vida, tamanha a sua importância – e chega a acompanhá-lo ao túmulo. Outras ferramentas do ofício de pedreiro são frequentemente usadas como símbolos, e entre elas está a trolha, ou colher de pedreiro, utilizada para colocar argamassa entre as pedras. Para os maçons, a trolha é um símbolo da “obra” ou do “ofício”, ou

seja, da difusão da mensagem de amor fraterno e do cimentar dos laços entre pessoas de mentes semelhantes na oficina.

Outros símbolos derivados do antigo trabalho com a pedra são abundantes nas lojas da atualidade: o malhete, que simboliza o desbastar das bordas irregulares dos membros; a régua de 24 polegadas, lembrando aos maçons as horas do dia; o cinzel, símbolo da perfeição no trabalho; o prumo, que mede a perpendicular e simboliza a retidão da filosofia maçônica, e por último, mas não menos importante, o nível, que assegura que as superfícies são absolutamente horizontais e representa a igualdade entre os irmãos maçons.

Como vimos anteriormente, a história bíblica do Templo do rei Salomão em Jerusalém – construído pelo filho do rei Davi com a ajuda de mestres pedreiros e totalmente destruído pelo rei Nabucodonosor II da Babilônia em 586 a.C., após um cerco de dois anos, em episódio que resultou no exílio dos judeus – tem especial ressonância para os maçons, e seu simbolismo é muito importante. A construção do Templo é corporificada por um maçom individual avançando ao longo dos graus, mas sua destruição virá se ele abandonar sua fé, crença e orientação.

Os elos com o rei Salomão continuam – o simbolismo das colunas encontradas em toda sorte de ilustrações maçônicas remete às colunas que se erguiam na entrada do Templo do rei Salomão e representa solidez e permanência, enquanto as colunas no interior das lojas desempenham um papel importante na cerimônia do grau de companheiro maçom.

Finalmente, a brevidade da vida é com frequência simbolizada por uma ampulheta, com seus grãos de areia escoando implacavelmente. Em muitas ilustrações, uma ampulheta é segura pelo ceifador, que brande também uma foice para fazer seu trabalho nada bem-vindo. Já se escreveu muito sobre os símbolos da maçonaria, mas avançaremos para examinar os sinais secretos dessa organização.

LINGUAGEM DOS SINAIS

De todos os sinais secretos dos maçons, o aperto de mão é provavelmente o mais conhecido. Ele foi concebido por uma boa razão – houve épocas no passado em que ser um “Irmão” era crime passível de pena de morte e a fraternidade teve a Santa Inquisição em seus calcanhares no século XVIII, quando o papa Clemente XII abriu, com a bula *In eminenti*, uma série de condenações papais à maçonaria. Em vários países, a bula foi pregada na

porta de igrejas – em Portugal, o inquisidor-geral ordenou que os padres a lessem nas missas de domingo.

“Aprendiz maçom” é o título de uma pessoa que passou pela iniciação maçônica. “Companheiro maçom” refere-se a um irmão que assumiu obrigações na loja. Finalmente, “mestre maçom” é o que todos os irmãos aspiram a ser. E cada um desses graus tem seu aperto de mão distintivo.

Há outros sinais que um maçom aprende à medida que ascende nas fileiras: o sinal de horror (dobrando-se como se afligido por uma visão pavorosa); o sinal de simpatia (uma leve batida na testa com a palma da mão direita); e o sinal penal (mover a mão de um lado a outro do corpo). Existem ainda outros: o sinal de angústia (passar a mão pela testa); e o sinal de alegria e exultação, por vezes chamado de “grande” ou “real” sinal (segundo a tradição, feito pela primeira vez por Salomão quando seu templo ficou finalmente pronto e ele estava embevecido por suas maravilhas).

Como acontece com todos os aspectos ligados a uma instituição com a capilaridade da maçonaria, há variações de sinais entre as lojas, e o mesmo pode ser dito dos rituais desenvolvidos nas reuniões das lojas. O uso de senhas na maçonaria é outra pedra fundamental da irmandade. Acompanhando o aperto de mão que deve ser dominado pelo aprendiz, está o aprendizado sobre a senha, que consiste nas letras soletradas BOAZ.

APERTOS DE MÃO

“O aperto de mão de um aprendiz maçom” – O maçom pressiona seu polegar contra o alto do primeiro nó dos dedos do outro maçom, enquanto este pressiona seu polegar contra o primeiro nó dos dedos do aprendiz.

REPRODUÇÃO



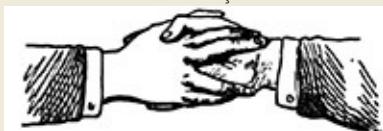
“O real aperto de mão de um companheiro maçom” – O maçom pega o companheiro maçom pela mão direita e em seguida pressiona o alto de seu polegar contra o segundo nó dos dedos. Simultaneamente, o companheiro maçom pressiona seu polegar contra o mesmo nó da mão do outro maçom.

REPRODUÇÃO



“O real aperto de mão de um mestre maçom” – O maçom segura firmemente a mão direita do irmão com os polegares de ambas as mãos entrelaçados. O primeiro maçom pressiona as pontas dos dedos contra o pulso do segundo junto à base da mão. Ao mesmo tempo, o segundo maçom pressiona os próprios dedos bem abertos contra a parte correspondente da mão do primeiro. Esse aperto de mão é conhecido também como “garra de mestre” ou “garra de leão”.

REPRODUÇÃO



Pede-se ao iniciado essa senha à medida que o ritual progride. A palavra é simbólica da força e alude ao nome da coluna da esquerda na entrada do Templo de Salomão, bem como ao nome do bisavô do rei Davi. Existem outras senhas familiares aos maçons de todos os lugares, embora os rituais e sinais sejam tão variáveis nas lojas de todo o mundo quanto qualquer outro aspecto da maçonaria.

Soletrar a palavra JACHIN, outra senha e o nome da coluna da direita no Templo de Salomão, faz parte do ritual que acompanha a passagem para o segundo grau da maçonaria, o de companheiro maçom. Jachin foi o sacerdote que oficiou na cerimônia de dedicação do Templo de Salomão.

Há outra senha bastante corrente no domínio público e que também é soletrada durante o ritual do companheiro maçom: SHIBBOLETH. Denota “abundância” e, como as outras senhas, data do tempo do rei Salomão. O conhecimento dessa senha durante a construção do Templo permitiria à pessoa subir uma escada que levava à câmara do meio. Na atualidade, é um sinal de que alguém tem acesso a alguns dos segredos da maçonaria.

No mundo maçônico, existem incontáveis variações dos apertos de mão e senhas que mencionamos aqui. Muitos deles permanecerão secretos por mais algum tempo. Assim como existem gestos pelos quais os maçons fazem sua presença conhecida por seus irmãos, há alguns que são conhecidos pelos não maçons. Entre esses gestos está um modo de se manter de pé. O venerável mestre, durante uma cerimônia de iniciação, instrui o iniciado a ficar perfeitamente ereto, com os pés formando um esquadro – o formato favorito do maçom. O corpo na vertical é considerado um símbolo da mente,

enquanto a posição dos pés denota a retidão moral requerida de um maçom. A tradição maçônica diz que essas posturas são originárias da Índia e do Egito, onde teriam fundamentação mística. Por outro lado, a postura teria funções ligadas à saúde: melhoraria a circulação dos “fluidos corporais”. Em verdade, há também instruções sobre a postura do maçom enquanto sentado, baseadas em desenhos originados do antigo Egito, em que as partes do corpo emulam as formas do esquadro.

RITUAIS

Eles são complexos e cheios de detalhes; são misteriosos para os não iniciados; relacionam-se a antigos acontecimentos; e são secretos. As cerimônias da maçonaria chamadas de rituais e encenadas para marcar a passagem do maçom de um grau para o seguinte, e também usadas em assuntos mais mundanos, recorrem a muitos dos sinais, apertos de mão e senhas já descritos. Fazem uso também de imagens bíblicas, das ferramentas do ofício de pedreiro, de uma linguagem misteriosa e arcaica e de um comportamento que pode perfeitamente ser descrito como estranho. O exemplo mais conhecido dessa estranheza é a tradição de enrolar uma perna da calça. Qual é a história por trás desses rituais?

ROSERVAL RAMOS



Cerimônia de homenagem a maçons de lojas do Pará, em 2014: aventais carregados de símbolos

REPRODUÇÃO



Cartaz de loja nos EUA, país que tem 4 milhões de maçons

Em sua iniciação, o candidato vai se encontrar vestido de um modo que provavelmente jamais teria considerado antes: sem um dos sapatos, com uma perna da calça e uma manga da camisa enrolados, o lado esquerdo do peito exposto, uma venda (ou cobertura dos olhos) sobre a cabeça e uma corda (ou cabo de reboque) em torno do pescoço. No passado remoto, um pedreiro usava uma corda chamada de cabo de reboque para subir a grandes alturas numa construção e puxar suas ferramentas até onde estava. O lado esquerdo do peito do candidato é exposto porque a ponta de um punhal, ou pequena adaga, é aplicada a essa área do corpo. Uma perna é exposta para acentuar a sensação de perigo implícita nessa ação. Ele está vendado porque naquele momento se encontra simbolicamente na escuridão, buscando admissão à iluminação, e não deve ainda ter permissão para ver o interior da loja. O simbolismo da perna enrolada da calça também é importante. Ele se destina a representar uma roupa em farrapos e implica que, independentemente de sua riqueza, o candidato que busca admissão na loja será igual a todos os outros maçons. Na verdade, muitas lojas maçônicas atualmente fornecem ao candidato roupas especialmente preparadas para que ele não tenha de se dar ao incômodo de desnudar uma perna e parte do peito quando veste suas roupas normais. Adequadamente vestido, o candidato bate na porta da loja e, depois de uma troca ritual de palavras, tem sua entrada permitida. Ele é então conduzido em procissão pelo salão da loja e questionado por seus vários oficiais sobre seus motivos e sua adequação como aprendiz maçom. Durante o tempo todo em que está se movendo em círculo no interior da loja, ou circum-ambulando, o iniciado o faz de modo definido e prescrito: em linhas retas, formando um esquadrado até que seu progresso é completado. Finalmente, ele é conduzido ao altar, onde se ajoelha e presta juramento (a obrigação), prometendo não revelar os segredos maçônicos aos de fora. As penalidades referidas na obrigação podem ser bastante severas. Depois de jurar obedecer ao código dos maçons, o candidato tem a venda e a corda removidas. Ele então tem permissão de ver o interior do prédio da loja pela primeira vez. Os sinais e apertos de mão do aprendiz maçom lhe são revelados e ele é presenteado com o avental de pele de cordeiro, que deve ser conservado e tratado como um tesouro por toda a vida. Mais ainda, a importância da caridade e do amor fraterno para os maçons é incutida nele. Outro aprendiz maçom foi criado.

SILÊNCIO, POR FAVOR

Existe um ponto bastante dramático durante o ritual de iniciação que tem sido explorado pelos adversários da maçonaria e adeptos das teorias conspiratórias. Pede-se ao candidato, que já tem uma adaga pressionada contra o peito e uma corda enrolada em torno do pescoço, como se estivesse na força, para jurar que, como um homem honrado, ele preferiria ter a garganta cortada a revelar os segredos da irmandade. Juramentos similares acompanham os rituais do companheiro maçom e do mestre maçom. O destino do companheiro maçom que trai a fraternidade é ter o coração arrancado do peito e entregue a aves famintas, enquanto o mestre maçom é ameaçado de ser cortado em dois e ter os intestinos queimados. Os maçons insistem que tais penalidades jamais foram executadas no passado. E, para garantir que ninguém continuasse a ter uma ideia errada, a punição macabra foi removida dos juramentos em 1986.

UNIVERSAL HISTORY ARCHIVE/UIG

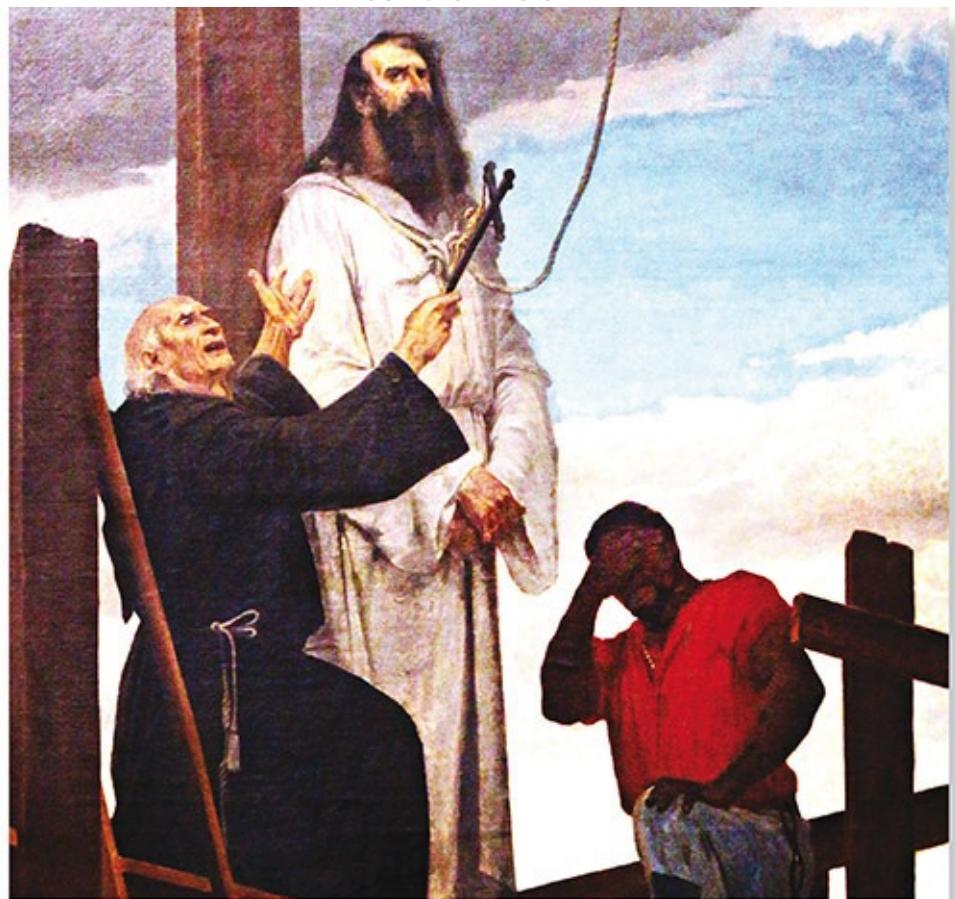


Ilustração representa os degraus a serem percorridos no conhecimento maçônico

Os rituais para os graus mais elevados têm muitas semelhanças com o do aprendiz maçom. Novos apertos de mão, sinais e senhas são revelados durante a cerimônia para o grau seguinte – o de companheiro maçom. A

cerimônia do mais alto grau na maçonaria, mestre maçom, é mais dramática. Parte dessa cerimônia assume a forma de uma representação da morte de Hiram Abiff, que ocupou a honrosa posição de mestre arquiteto do Templo do rei Salomão. Certo dia o desafortunado Hiram foi violentamente atacado por três indivíduos que ansiavam conhecer os segredos de um mestre maçom, e usaram as ferramentas de seu ofício para matá-lo. Hiram foi para o túmulo – cavado pelos três – sem revelar os segredos, e a justiça foi feita quando os assassinos foram capturados e executados de acordo com as ameaças descritas nos juramentos maçônicos. No entanto, esse não foi o fim do episódio. O cadáver castigado de Hiram Abiff foi encontrado e desenterrado por um mestre maçom. Organizou-se um enterro adequado no interior do Templo, e foi erguido um monumento para comemorar o modo pelo qual ele permaneceu fiel a seus princípios maçônicos até mesmo quando encarou a morte. Essa lenda sobre o destino de Hiram Abiff é encenada durante a cerimônia do mestre maçom como um ritual para representar a enorme responsabilidade de se erguer do solo para receber a aclamação última concedida a um irmão. Mas é apenas uma das centenas de facetas da maçonaria que a maioria das pessoas jamais verá ou sobre a qual saberá.

PALÁCIO PEDRO ERNESTO



CAPÍTULO IV

Tiradentes, personagem reivindicado pela pré-história maçônica
Martírio de Tiradentes, óleo sobre tela, Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo, 1893

O BRASIL E OS MAÇONS: CONSTRUÇÕES PARALELAS

A MAÇONARIA DEIXOU SUAS MARCAS NA INCONFIDÊNCIA, NA EMANCIPAÇÃO DO PAÍS E NA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA. E OS "IRMÃOS" SEGUEM EM ATIVIDADE EM MILHARES DE LOJAS PAÍS AFORA

A história maçônica no Brasil tem como marco inicial a criação, em 1801, da primeira loja no país, a Reunião, no Rio de Janeiro, que, curiosamente, quando se sabe da rápida, ainda que acidentada, penetração da ordem em Portugal, era vinculada ao Oriente da Ilha de França. Mas, como tudo que envolve a maçonaria, há relatos, permeados por incertezas, de uma pré-história maçônica, a qual, por envolver importantes movimentos de emancipação da futura nação, merece ser revisitada.

JORGE SERRÃO



Palácio Maçônico do Lavradio, no Rio de Janeiro: sede do Grande Oriente do Brasil desde o século XIX

No livro *Memórias do distrito diamantino da comarca do Serro Frio* (1924), Joaquim Felício dos Santos escreve: "(A) Inconfidência de Minas tinha sido dirigida pela maçonaria; Tiradentes e quase todos os conjurados eram pedreiros-livres". O autor não era maçom e levou outros a se debruçar sobre o tema.

A historiadora Françoise Jean de Oliveira Souza listou alguns desses autores

em texto para a **História Viva**, em setembro de 2007. Tenório D'Albuquerque lembra que, quando ocorreu a Inconfidência, a ordem se encontrava proibida de funcionar em Portugal e, consequentemente, nos territórios além-mar. Ele afirma que Tiradentes teria sido maçom e criara uma loja maçônica em Vila Rica, a qual seria o “local onde os conjurados teriam iniciado sua organização”.

O argumento que os adeptos dessas teses utilizam vem das constantes viagens de Tiradentes pelo chamado caminho da Bahia, que ligava o Recôncavo Baiano ao território das minas. Ele teria sido recrutado no porto de Salvador, onde os “irmãos” já marcavam presença, e levado os ideais maçônicos sertão adentro.

Raimundo Vargas apresenta outra evidência. Segundo ele, o capitão e maçom Luiz Benedito de Castro, comandando a guarda no largo da Polé, no Rio, no dia em que Tiradentes foi enforcado, em vez da habitual formação em círculo, optou por um triângulo em torno da forca – homenagem que, bem aos moldes da maçonaria, poderia ser entendida pelo confrade, mas não pela população em torno.

Se o envolvimento da maçonaria com a Inconfidência não fica provado, a hipótese não tem nada de fantasiosa. Na civilização urbana do território das Minas, eram muitos os filhos da elite mandados para ser educados em Coimbra ou na França, onde tinham, certamente, contatos com os sedutores métodos e ideais maçônicos, naquele momento bem identificados com o apelo à razão do Iluminismo. Há testemunhos documentais de que uma imagem da maçonaria já se formara naquele período: acusações de maçonaria, ao lado das de judiaria, feitiçaria ou libertinagem, são parte das acusações na região das Minas, dirigidas ao Santo Ofício, ainda no século XVIII.

O INÍCIO OFICIAL

De toda a forma, a história maçônica apresenta a instalação da loja Reunião como seu ato fundador no Brasil. No ano seguinte, 1802, criou-se na Bahia a Virtude e Razão. As terras – ou mais corretamente, as águas da Bahia, já tinham, no entanto, presenciado o surgimento da Cavaleiros da Luz, a bordo de uma fragata francesa, loja que, instalada depois em Salvador, não conseguiu, ao que parece, manter um funcionamento regular.

Um relato do início daquele século fala da atuação dos maçons baianos no auxílio a um inglês acusado de contrabando, preso em Porto Seguro e levado a Salvador. Em *Narrativa de uma viagem ao Brasil*, o inglês Thomas Lindley observou: “A maçonaria sempre foi categoricamente proibida pelas leis de

Portugal e, por isso, muitas vítimas caíram nas garras da Inquisição e do poder civil. Apesar disso, ela criou raízes nos últimos tempos, tendo se estabelecido diversas lojas em Lisboa, no Porto etc. (...) O governo tudo sabe e tolera tacitamente, o que não é o caso do Brasil, onde também existem diversos membros dessa sociedade, os quais se conduzem com a maior reserva, não dispondo ainda de lojas regulares”.

Em 1804, a maçonaria portuguesa constituiu duas lojas no país, depois de ter tentado colocar a Reunião sob seu controle, sem sucesso. A Constância e a Philantropia, ambas no Rio de Janeiro, funcionavam sob a égide do Grande Oriente da Lusitânia.

A CORTE CHEGA E A MAÇONARIA CRESCE

Quatro anos depois, a corte portuguesa desembarcava no Rio de Janeiro, trazendo muitos membros da ordem – o que não impediu que, em alguns momentos das décadas seguintes, houvesse fases de perseguição política e mesmo proibição de funcionamento das lojas.

Àquela altura, a desinformação e as teorias conspiratórias alimentadas pelo caráter velado das práticas maçônicas já deixavam espaço, também no Brasil, a relatos fantasiosos. Em 1804, Venâncio José Lisboa denunciou ao comissário do Santo Ofício três cidadãos como “pedreiros-livres”. E relatou que uma “meretriz”, diante da casa de um dos membros da irmandade, “ficou de fora, avizinhando pela fechadura, e viu vários sujeitos à roda de uma mesa, a comer, e a primeira saúde que fizeram, foi ao Diabo”.

Após a Revolução Pernambucana, em 1817, de caráter republicano, na qual muitos maçons tiveram papel de destaque – a começar por seu principal líder, Domingos Martins, comerciante iniciado em Londres –, a perseguição aos maçons se acentuou, mas sempre coberta de ambiguidade, já que figuras de proa da corte pertenciam à ordem. Historiadores maçônicos chegam a informar que a loja São João de Bragança funcionava no próprio Paço Imperial.

Como consequência dos acontecimentos em Pernambuco, D. João expediu, em 30 de março de 1818, um alvará que tornava proscritas todas as lojas maçônicas. “Sou servido declarar por criminosas e proibidas todas e quaisquer sociedades secretas, de qualquer denominação que elas sejam, ou com os nomes e formas já conhecidas ou debaixo de qualquer nome ou forma que de novo disponha ou imagine.” O conde de Parati e o marquês de Angeja, nesse período, confessaram ao príncipe regente que eram maçons e se disseram

arrependidos. O primeiro foi obrigado a se filiar à Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, e o segundo doou a prata que possuía para as “urgências de Estado”.

Entretanto, a maçonaria crescia e, até por isso, despertava mais reações negativas, como as do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius. Falando sobre Salvador, onde ele esteve em 1818 em meio à sua épica expedição brasileira, o alemão descrevia “certos grêmios, criados sob o nome de lojas maçônicas”, que “se aproveitavam da inexperiência e ociosidade para espalhar o gosto pelas inovações e despertar extravagantes esperanças e desejos de melhores condições políticas”.

HIPÓLITO DA COSTA E O PRIMEIRO JORNAL BRASILEIRO

Um dos maçons que se batiam por “melhores condições políticas”, ainda que bem longe de Salvador, era um gigante da inteligência brasileira: Hipólito da Costa. Nascido na Colônia de Sacramento, no atual Uruguai, o brasileiro formou-se em Coimbra e iniciou-se na maçonaria na Filadélfia, nos Estados Unidos, onde estava em missão que envolvia até mesmo a pesquisa para o desenvolvimento da pesca da baleia no Brasil. De volta a Portugal, amargaria três anos no cárcere da Inquisição por suas atividades maçônicas, antes de se exilar em Londres e, de lá, fundar o primeiro jornal brasileiro, *O Correio Braziliense*, em 1808, mesmo ano em que aderiu à loja Antiquity. Seria depois cofundador da Royal Invernes e secretário de Assuntos do Exterior da Freemason’s Hall.

A essa altura, um Grande Oriente Brasileiro já havia sido fundado, em 1812 (ou 1813, segundo outros autores). O grão mestre eleito foi Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, foragido em Niterói após ter mandado assassinar um comerciante em Santos. A organização, porém, não se sustentou mais de três anos. Apenas em 17 de junho de 1822 criou-se, em definitivo, o Grande Oriente do Brasil (ou Brasílico), agora sob um comando bem mais respeitável: José Bonifácio de Andrada e Silva, ministro do Reino e de Estrangeiros, como grão mestre e Joaquim Gonçalves Ledo, jornalista, como primeiro vigilante. Nesse mesmo ano, o príncipe D. Pedro, então à frente do governo português no Brasil, foi admitido, após votação pela assembleia maçônica, e, em agosto, iniciado. Ele recebeu o nome simbólico de Guatimozin e, enquanto a crise que levaria à independência do país se tornava mais aguda, recebeu o grau de

mestre maçom da loja Comércio e Artes.

Certamente, o jovem príncipe viu na maçonaria um suporte para sua atuação política, à medida que a emancipação do Brasil se tornava uma realidade mais próxima e o poder se sua família se enfraquecia em Portugal, em meio aos desdobramentos da Revolução do Porto.

Após a proclamação da independência, com amplo apoio da maçonaria “azul” – corrente mais moderada, sob o comando de José Bonifácio de Andrada e Silva (o Pitágoras, grão mestre do Grande Oriente do Brasil) – e contra os “vermelhos”, que apoiavam as reformas liberalizantes das cortes portuguesas responsáveis pela Revolução do Porto (1820), as quais suprimiam privilégios dos Braganças e tinham forte viés republicano, D. Pedro retornou ao Rio para receber, em 9 de setembro, a aclamação como imperador do Brasil em sessão do Grande Oriente dirigida por Gonçalves Ledo.

Naqueles dias de efervescência política, as casas maçônicas eram berço de discussões pautadas por um clima de liberdade inédito no mundo lusitano, especialmente fora da antiga metrópole. No interior das lojas, o pensamento racional era valorizado em detrimento do obscurantismo religioso, identificado com a noção de “direito divino” que fora a base do poder dos reis e que naquele momento era posta em xeque na Europa.

Em 1831, o Grande Oriente do Brasil, que havia se desmembrado, foi reconstituído, seguindo o Rito Francês Moderno. No ano seguinte, foi a vez do Supremo Conselho Brasileiro, sob o comando do visconde de Jequitinhonha e autoridade do Supremo Conselho da Bélgica, seguindo o Rito Escocês. Sucessivas cisões e criações de novos órgãos expõem uma luta de poder no interior das lojas maçônicas, refletindo o clima de crise permanente do Primeiro Reinado e da Regência. Por outro lado, o cenário mostra como a organização mantinha uma estreita interface com o mundo político e social. Na jovem nação marcada fortemente pelo analfabetismo, que atingia 90% da população, a maçonaria era um dos grandes canais para as aspirações das classes mais ilustradas de um maior desenvolvimento do país.

Nos anos 1860, o próprio D. Pedro II intervém nas disputas maçônicas, ao dissolver o Grande Oriente Brasileiro e seu Supremo Conselho. A partir de 1863, o poder central dos maçons brasileiros ficou dividido entre dois grupos, situação que perdurou até 1883: o Grande Oriente do Brasil, da rua dos Beneditinos, e o Grande Oriente do Brasil, da rua do Lavradio. Ambos se uniriam em 1883 e, a partir de 1890, se formariam os Grandes Orientes nos estados, alguns deles sem vinculação com o órgão central.

O PAPEL DA MAÇONARIA

Um dos principais fatores de dissensão entre os membros da ordem era a visão do papel da maçonaria. Para o círculo da rua dos Beneditinos, a maçonaria não deveria ser vista como uma instituição de caráter puramente filantrópico. Como frisava um de seus boletins, cabia à instituição também “cultivar a inteligência das massas, ensinar-lhes os seus direitos, dizer ao ínfimo dos párias, ao último dos hilotas, ao mais degradado dos vilões – tu és homem, e portanto és livre”.

MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS



Iniciado em 1822, D. Pedro I viu na maçonaria um precioso apoio político

Pedro I do Brasil, óleo sobre tela, Simplício Rodrigues de Sá, c. 1830

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RJ



Missa campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura, no Rio, em 17 de maio de 1888:
maçonaria teve participação decisiva na campanha

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN



Sob o comando de José Bonifácio, a maçonaria “azul” articulou a Independência, dando apoio a D. Pedro
José Bonifácio de Andrada e Silva, litogravura, Sébastien Auguste Sisson, c. 1858

No caminho inverso dos “beneditinos”, chefiados pelo jornalista Saldanha Marinho, os maçons da Lavradio, mais identificados com a tradição britânica, seguiam uma linha de maior acomodação com as autoridades imperiais.

Nos anos 1870, a maçonaria brasileira, uma das poucas instituições bem consolidadas da jovem nação, foi abalada pela chamada “Questão Religiosa”, efeito do processo de rearrumação interna da Igreja Católica, em busca de fortalecer a instituição em seu caráter centralizado, no movimento que ficou conhecido como “romanização”.

Aquela Igreja, agora mais conservadora, passou a atacar a maçonaria. Como efeito, os maçons do Lavradio, sob o comando do visconde do Rio Branco, e os seguidores de Saldanha Marinho se agruparam no Grande Oriente Unido e no Supremo Conselho do Brasil. Durou pouco. O visconde, àquela altura presidente do Conselho de Ministros do Império, inesperadamente, perdeu a eleição para grão-mestre e não aceitou o resultado, o que fez tudo voltar à

mesma situação, até 1883.

A QUESTÃO RELIGIOSA

Na década de 1860, o Vaticano tinha estabelecido a doutrina do ultramontanismo, reafirmando a autoridade papal e combatendo a secularização do Estado, defendida por amplos setores da maçonaria. Em abril de 1872, Pedro Maria de Lacerda, poderoso bispo do Rio de Janeiro, cidade em que, desde os primórdios, a Igreja exerceu influência política decisiva, suspendeu o padre Almeida Martins por ter proferido um discurso em homenagem à Lei do Ventre Livre e, o que é pior, ao visconde do Rio Branco, presidente do conselho dos Ministros e grão mestre da maçonaria. Esse foi apenas um dos muitos casos semelhantes. Em Olinda, as hostilidades chegaram ao ponto de o bispo Vital Maria ameaçar de excomunhão as irmandades católicas que não expulsassem os maçons de seus quadros. D. Pedro II interveio e declarou Vital Maria incompetente para punir as irmandades, papel que cabeira a ele – o que demonstra a confusa relação entre Igreja e Estado naquele momento. Vital e o bispo do Pará, outro ultramontano, foram condenados à prisão em 1874. Em 1875, Pedro II e o Vaticano chegariam a um acordo, com anistia aos bispos e suspensão das punições para as irmandades. O debate, no entanto, se estenderia décadas afora, com os ultramontanos defendendo a infalibilidade do papa, doutrina de difícil aceitação para os maçons.

Nessa época se reforçam algumas das visões sobre a maçonaria. Não faltaram clérigos para defender a ideia de que, como a maçonaria descendia da proscrita Ordem dos Templários – ecoando a tese do maçom Andrew Ramsay – e atuava sob proteção do protestantismo – no que se referia, especialmente, à Europa –, ela deveria ser combatida sem tréguas . “Na loja oculta, os maçons arremessam a máscara, desprezam e repelem o simbolismo ao mesmo tempo ridículo e perverso das primeiras iniciações; vão direto aos fatos: guerra a Deus, ao seu Cristo e à sua Igreja. Guerra aos reis e a todo poder humano que não esteja conosco! Tal é a divisa, tal é o seu grito de reunião”, denunciava o jornal *O Apóstolo* em julho de 1871.

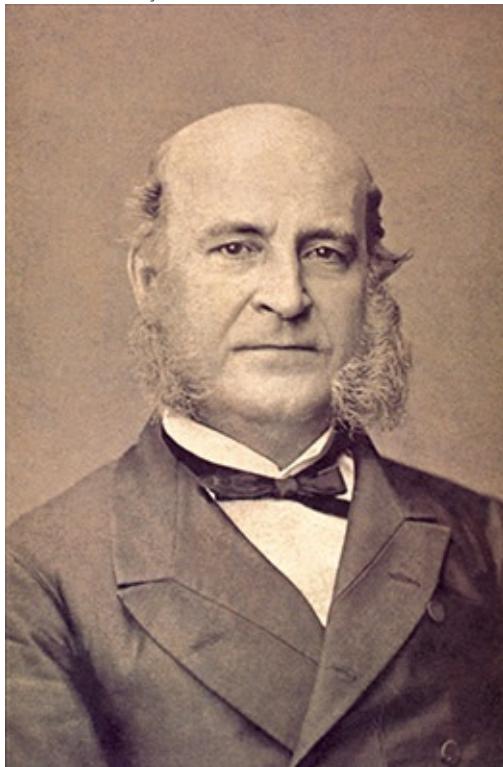
ABOLICIONISMO

Após a unificação, em 1883, a década seguinte se caracterizaria pela federalização do movimento maçônico, em concomitância com os ideais

federalistas predominantes nos primeiros anos da República e expresso na Constituição. É preciso registrar a participação da maçonaria na campanha abolicionista, que vinha desde os anos 1860, quando o Comitê Francês de Emancipação, entidade ligada à maçonaria francesa, solicitou ao governo imperial a libertação de todos os escravos do Brasil. Em 28 de setembro de 1871, o visconde do Rio Branco, grão mestre do Grande Oriente Brasileiro, fez aprovar a lei de sua autoria que declarava livres os nascidos a partir daquela data, a chamada Lei do Vento Livre. Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e Luís Gama e Rui Barbosa, entre outros abolicionistas de ponta, também eram maçons e atuavam por sua causa no interior das lojas.

Da mesma forma faziam os jovens militares maçons e positivistas, liderados por Benjamin Constant, em nome da República. Os atritos entre os militares e os governos na década de 1880 criariam o cenário ideal para a mudança de regime. Os grandes apologistas da causa eram maçons, destacando-se Quintino Bocaiuva, que depois se tornaria grão mestre do Grande Oriente Brasileiro.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RJ



Visconde do Rio Branco em foto de Alberto Henschel (1879): grão-mestre, estadista e autor da Lei do Vento Livre

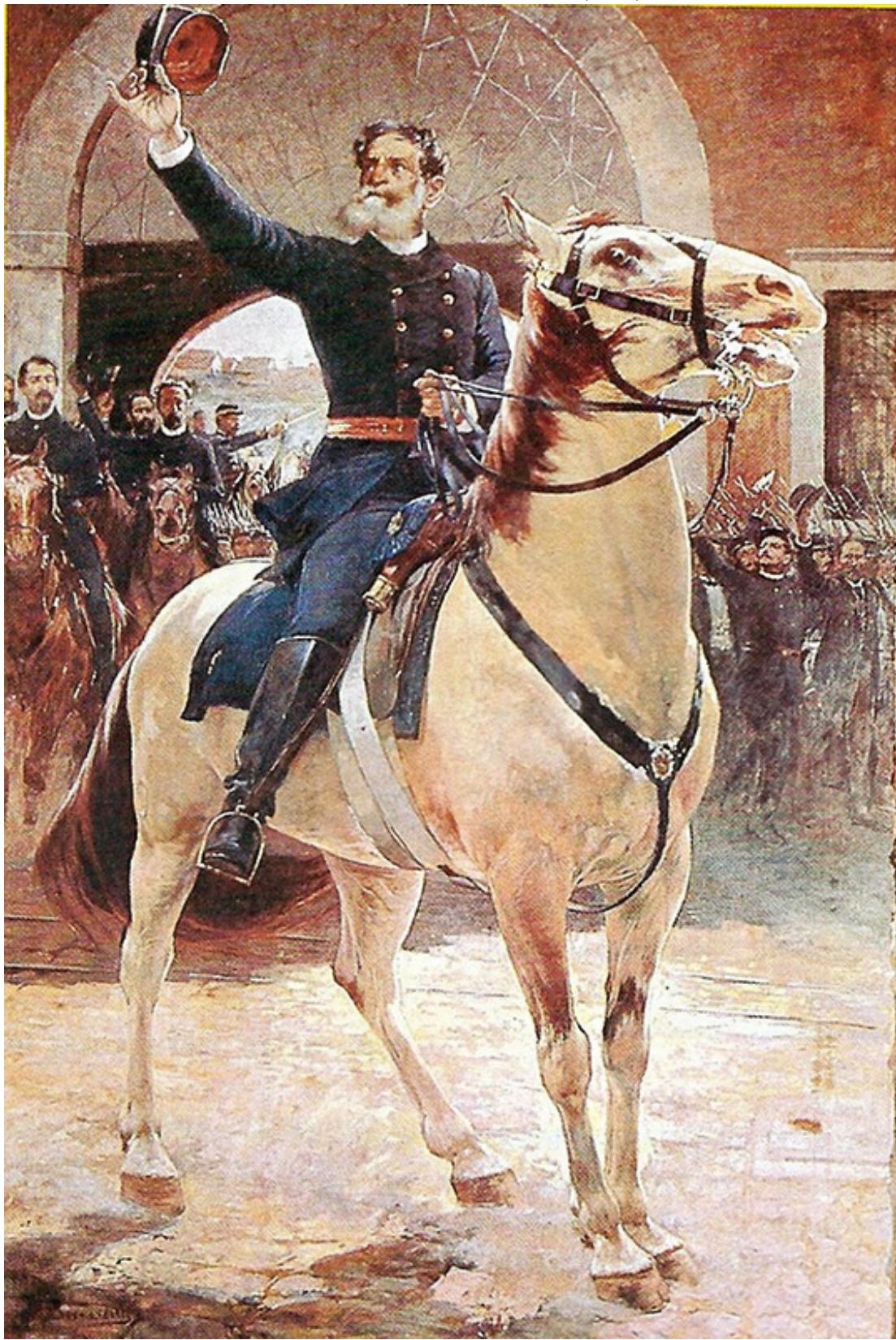
As lojas se multiplicaram nos 30 primeiros anos da República, chegando a pouco mais de 400 em funcionamento no país em 1920. No entanto, é comum dizer-se que, nesse período, a influência dos maçons se enfraqueceu. Isso, porém, reflete muito mais a valorização da participação da ordem no processo de independência e uma visão algo esquemática em que o positivismo acaba ocupando todo o espaço do proscênio na fase seguinte. Segundo levantamento feito por Tiago César Silva, entre os 48 membros dos conselhos de Estado do Segundo Reinado, 30% eram maçons, assim como 21% dos governadores das seis províncias mais importantes.

Na verdade, a doutrina de Augusto Comte e o pensamento maçônico estavam profundamente imbricados naquele momento. Basta ver a atuação de líderes como Quintino Bocaiuva e Benjamin Constant no processo para desfazer essa impressão. É certo que a Questão Religiosa tornou a atuação da ordem mais discreta e misteriosa ainda e que muitas lojas se voltaram para a beneficência até mesmo como forma de angariar uma boa imagem pública, mas a maçonaria manteve uma atuação em que uma visão progressista prevaleceu.

VELHA REPÚBLICA

Com a República, a presença da maçonaria não se reduziu, a começar pela eleição do grão mestre Deodoro da Fonseca como primeiro presidente brasileiro. O primeiro de muitos – Prudente de Moraes, Afonso Pena, Hermes da Fonseca e Nilo Peçanha, entre outros, também frequentavam as lojas. Talvez, a aprovação de uma Constituição laicizante tenha sido a vitória de efeito mais duradouro da ordem nos primeiros anos da República.

ACADEMIA MILITAR DE AGULHAS NEGRAS (AMAN)



O grão-mestre Deodoro da Fonseca, 1º presidente do Brasil. Atrás dele na representação da

Proclamação, está o maçom e positivista Benjamin Constant
Proclamação da República, óleo sobre tela, Henrique Bernardelli, c.1900

Nesse período, a atuação da maçonaria se destaca também pela construção de uma ampla rede de escolas e bibliotecas, o que foi uma estratégia herdada da maçonaria francesa. A ideia, claro, era fazer um contraponto às práticas “obscurantistas” da Igreja Católica e a difusão de sua doutrina nas escolas religiosas, que, no entanto, tinham caráter mais elitista do que aquelas dos maçons. O ápice dessa política veio em 1915, quando o grão mestre e senador pelo Pará Lauro Sodré decreta que, nas localidades onde não existisse escola mantida pelo Estado, as lojas e maçons locais deveriam providenciar a instrução.

A aproximação da maçonaria com a questão social, dentro de uma visão transformadora, se não chegou a ser hegemônica, foi comum naqueles anos. Em certo momento, o movimento se aproximou bastante de ideais socialistas. O “irmão” Belisário Pernambuco, por exemplo, em 1902, defendeu o engajamento das oficinas na “grande revolução pacífica da transformação social, exercendo-se a propaganda da libertação dos proletários pelas normas da equidade”.

No entanto, os maçons paulistas, como os presidentes da República Prudente de Moraes e Campos Salles, ganhariam a hegemonia na fraternidade e nos postos mais importantes do Estado. Nos anos 1920, as disputas políticas se acirrariam na maçonaria, enquanto o país também vivia dias de agitação, com a eclosão do movimento tenentista. O episódio de inauguração do tenentismo – o 18 do Forte – aliás, foi uma reação de jovens oficiais à prisão do maçom e marechal Hermes da Fonseca, então presidente do Clube Militar.

Em 1927, após uma série de reviravoltas internas, entre eleições repletas de acusações de fraude, as grandes lojas estaduais são instituídas e passam a funcionar de forma independente do Grande Oriente. A cisão cria profundas cicatrizes no movimento maçônico e, com o tempo, se revelará como um golpe, talvez fatal, na influência marcante da ordem sobre a sociedade brasileira. A ascensão ao poder de Getúlio Vargas tornaria o ocaso da maçonaria mais evidente. Em 1937, com o golpe que estabeleceria o Estado Novo, as lojas, que já viviam em dificuldades financeiras, seriam fechadas. Apenas a partir de 1941, elas voltariam aos poucos a se reorganizar.

Mas, àquela altura, a maçonaria já detinha uma influência pouco notável na sociedade, embora ainda se mantivesse como entidade respeitada e alvo da curiosidade, devido aos segredos de que se revestem seus rituais. O ano 1973 marca uma nova divisão no movimento maçônico, com a desfiliação de lojas estaduais do Grande Oriente e a posterior criação do Colégio de Grãos-

Mestres da Maçonaria Brasileira, que daria origem, em 1991, à Confederação Maçônica do Brasil.

Hoje, o número de maçons no Brasil é estimado em 150 mil pessoas, que frequentam regularmente cerca de 4.700 lojas ligadas às várias vertentes do movimento (outra entidade confederativa é a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil). Nas recentes manifestações contra a corrupção e o governo petista, muitos maçons se agruparam para sair às ruas. Mas, como convém, quase sempre de forma discreta.



MAÇONS FAMOSOS

ELES ESTÃO POR TODA PARTE. ESTADISTAS, MÚSICOS GENIAIS E ATÉ PUGILISTAS. MUITOS MEMBROS DA FRATERNIDADE LEVARAM ADIANTE A HISTÓRIA HUMANA NOS ÚLTIMOS 300 ANOS. SUAS AÇÕES NA MAÇONARIA SE REALIZARAM DE FORMA NECESSARIAMENTE DISCRETA. NA MAIORIA DOS CASOS, CONTUDO, PODEMOS PERCEBER CORRELAÇÕES SURPREENDENTES ENTRE SUAS ATIVIDADES REGULARES E OS IDEAIS MAÇÔNICOS

Desde que a ideia da maçonaria começou a se tornar atraente para homens que não eram hábeis no ofício de cortar e trabalhar a pedra, observadores curiosos têm se perguntado se determinadas pessoas famosas eram maçons. Ao longo dos séculos, muitos homens de grande reputação e estatura, da lenda do jazz Louis Armstrong ao escritor norte-americano Mark Twain e ao primeiro-ministro britânico Winston Churchill, foram membros de lojas maçônicas. Esses maçons que deixaram sua marca no mundo são numerosos demais para serem listados aqui – houve milhares deles. Este capítulo vai apresentar alguns exemplos brilhantes desses muitos milhares de membros, descrever algumas das ações que os tornaram famosos – e fornecer algumas histórias interessantes ao longo do caminho. E lembre-se de que essa lista está longe de ser exaustiva – estamos omitindo a maioria dos presidentes dos Estados Unidos que foram maçons simplesmente porque houve tantos deles. Os maçons chegaram à proeminência em praticamente todas as esferas da vida. Muitas das pessoas citadas nesta seção conquistaram

grande poder ou foram fervorosamente admiradas no mundo inteiro. Todos deixaram sua marca enquanto permaneciam fiéis aos princípios da maçonaria. Alguns desses homens não se elevaram muito na hierarquia maçônica; outros alcançaram grande distinção em suas lojas. Alguns concluíram que a maçonaria não era para eles, enquanto outros serviram até o fim de sua vida.

EDWIN “BUZZ” ALDRIN

Ele pode ter perdido a oportunidade de ser o primeiro homem a caminhar na Lua em 1969 – devido a uma mudança na programação que colocou Neil Armstrong nessa invejável posição –, mas Buzz ainda pode se orgulhar de ser o primeiro “maçom na Lua”. O astronauta é bem conhecido por seu lado espiritual e seu longo pertencimento à organização maçônica – ele é membro da loja Clear Lake nº 1417, de Seabrook, no Texas, e foi agraciado com a Cruz de Honra dos Cavaleiros Templários em 1969 por suas façanhas espaciais. Em sua autobiografia, *Return to Earth* (Retorno à Terra), Buzz refere-se à maçonaria uma única vez – quando escreve que perdeu o anel maçônico de seu avô, que ele queria levar para a Lua. É claro que existem teorias conspiratórias segundo as quais Buzz conseguiu levar consigo uma bandeira maçônica e realizou uma representação especial ali – reivindicando desse modo a Lua para os maçons do Texas! No entanto, Buzz Aldrin esteve longe de ser o único astronauta maçom; antes dele veio John Glenn, que foi o primeiro norte-americano a completar uma órbita da Terra.

NASA



WILLIAM "BUD" ABBOTT

Membro da dupla Abbott e Costello, que fez alguns dos filmes mais engraçados da história, Bud era membro da loja Daylight nº 525, em Michigan. Sua mãe era uma amazona no Circo dos Irmãos Ringling – que também eram maçons. Durante a Segunda Guerra Mundial, eles eram os artistas mais populares dos Estados Unidos e talvez de todo o planeta e ajudaram a vender milhares de bônus. A dupla realizou 16 filmes e teve o próprio programa na televisão, enquanto Abott, extremamente ligado à família, atuava como maçom e membro dos *shriners*.

COLEÇÃO PARTICULAR



ROY ACUFF

O cantor country era conhecido como “rei dos caipiras” (*hillbillies*), “Sinatra do sertão” e “Caruso da *mountain music*” e vendeu mais discos que qualquer outra estrela da música country nos tempos heroicos das décadas de 1930 e 1940. Iniciado em 1943, na loja East Nashville nº 560, no Tennessee, ele galgaria todos os graus da ordem até atingir o 33º grau em 1985.

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES



LOUIS "SATCHMO" ARMSTRONG

Saudado por alguns observadores como o maior trompetista de todos os tempos e uma das figuras públicas mais conhecidas do século XX, Satchmo é tido como um dos pais fundadores do jazz – e também era membro da Prince Hall, uma loja maçônica formada por negros no século XVIII, reconhecida pela Grande Loja da Inglaterra, mas não pela americana, onde a segregação institucional também atingia a maçonaria. A Prince Hall teve papel ativo no movimento abolicionista e, mais tarde, nas mobilizações pelos direitos civis dos anos 1960. Entre seus membros estavam alguns dos mais importantes nomes da história do jazz.

ARMSTRONG MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES



PRÍNCIPE ARTHUR

O terceiro filho da rainha Vitória – formalmente conhecido por Arthur William Patrick Albert, duque de Connaught e Strathearn – era reverenciado por sua dedicação à maçonaria, assim como ao exército britânico. Governador do Canadá, ele foi posteriormente o grande mestre mais longevo da Grande Loja Unida da Inglaterra, sendo reeleito 37 vezes até 1939, quando tinha quase 90 anos.

W. & D. DOWNEY



GENE AUTRY

Autry ficou famoso como o caubói cantante, no rádio, em mais de 100 filmes e na TV. Sua maior herança talvez tenha sido a popularização de canções de Natal como *Rudolph, a rena do nariz vermelho*. Ele compilou o “Código do Caubói”, entre cujas instruções estava: “Ele nunca deve voltar atrás em sua palavra, ou na confiança que nele foi depositada”, uma sentença com ressonância bem maçônica. Membro da loja nº 185, de Catoosa, Oklahoma, ele alcançou o 33º grau na maçonaria, fato que está assinalado em seu túmulo.

GAB ARQUIVE



WILLIAM "COUNT" BASIE

Membro da loja Wisdom nº 102 em Chicago, Illinois, Basie é um dos grandes do jazz. Ele tocava piano e órgão e foi um dos grandes *band leaders* de todos os tempos. Irving Berlin, Duke Ellington, Lionel Hampton, Al Jolson e Nat King Cole são outros gigantes da música americana que também eram membros da maçonaria. Para alguns teóricos da maçonaria, o culto à liberdade e ao livre-arbítrio característico da visão maçônica do cosmos encontrou no jazz a sua expressão musical. Alguns chegam a ver o jazz, com sua valorização da expressão individual do músico, a improvisação e o constante progresso das formas de sua expressão, como uma obra da maçonaria.

AFRO NEWSPAPER/GADO



JIM BOWIE

O guarda de fronteira, que lutou para libertar o Texas do México e morreu na Batalha do Álamo, junto com 188 homens que se defendiam de 1.500 mexicanos, também ganhou fama por causa da faca nomeada em sua homenagem. Todo ano, uma cerimônia é realizada no monumento do Álamo pelo grão-mestre do Texas para celebrar Bowie e seus companheiros maçons, incluindo Davy Crockett.

STATE PRESERVATION BOARD CARETAKERS OF THE TEXAS CAPITOL



JOHN JAMES AUDUBON

Audubon, que viveu entre 1785 e 1851, é mais conhecido por ter pintado e descrito todos os pássaros da América em seu influente livro *Pássaros da América*. Apesar de não haverem sido encontrados registros oficiais de sua carreira maçônica, ele costumava se referir a si mesmo como maçom e um irmão.

THE WHITE HOUSE HISTORICAL ASSOCIATION



ROBERT BURNS

O poeta tinha a maçonaria como a mais importante das instituições escocesas, e muitos de seus trabalhos se baseavam no ofício (*craft*). A Grande Loja da Escócia exibe uma pintura do irmão Stewart Watson em que Burns é consagrado “poeta laureado” da loja Canongate Kilwinning, em Edimburgo, em 1787. Poeta que tanto cantava o amor quanto clamava pelos ideais de igualdade e fraternidade, Burns considerava a maçonaria como um meio de “curar” a sociedade de males como os privilégios das instituições religiosas e da nobreza. O poeta foi iniciado na maçonaria em 1781, na loja St. David, em Tarbolton, e chegou ao grau do Sagrado Arco Real.

SCOTTISH NATIONAL PORTRAIT GALLERY



EDDIE CANTOR

Esse maçom foi uma grande estrela dos palcos, das telas, do rádio e da televisão, do início do século XX até os anos 1960.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



Eddie Cantor

ANDRÉ CITROËN

O nome dos carros vem desse maçom francês de origem judaica, considerado o Ford europeu, que era membro da loja La Philosophie Positive, em Paris.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



André Citroën

CHRISTOPHER “KIT” CARSON

O americano, explorador, guia, caçador, agente indígena, rancheiro, soldado e muitas outras coisas, era membro da loja Montezuma nº 109, de Santa Fé, Novo México, e depois se transferiu para Taos, onde morou nas duas últimas décadas de sua vida. Sua casa virou Museu Kit Carson por iniciativa de seus irmãos. O rifle que ele carregava no momento da morte, em 1868, foi enviado à loja como prova de sua estima pelos colegas maçons.

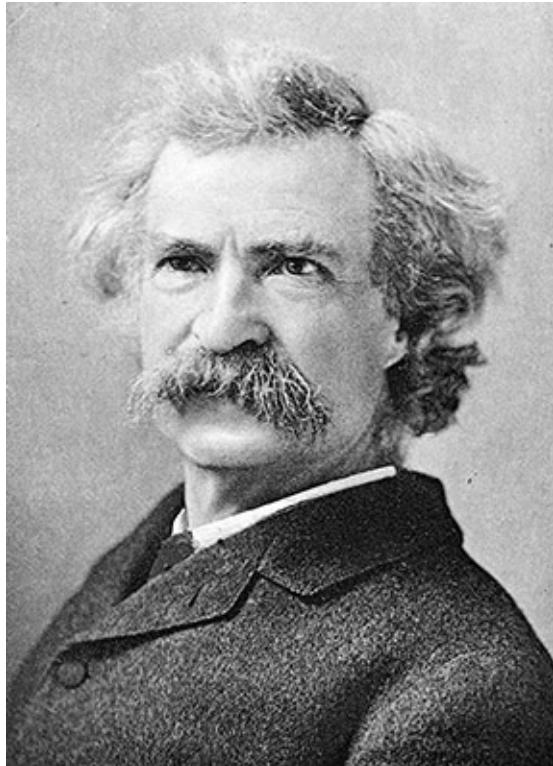
COLEÇÃO PRIVADA



SAMUEL L. KLEMENS

Mais conhecido como Mark Twain, o escritor é lembrado por personagens como Tom Sawyer e Huckleberry Finn. Em 1867, ele presenteou a loja Polar Star nº 79, do Missouri, com um martelete de juiz – um dos símbolos da maçonaria – feito de cedro-do-Líbano. Em seu livro *the innocents abroad* (Os Inocentes no Estrangeiro, em tradução livre), o irmão Clemens se refere a Deus pelo epíteto maçônico, o Grande Arquiteto do Universo. Há outras referência à maçonaria em sua obra, mas sua participação na fraternidade foi um tanto curiosa. Eleito membro em 1861, em três meses ele se tornaria mestre, um feito não exatamente comum, mas logo se mudaria para Nevada e, desde então, suas atividades entre os irmãos se tornariam muito irregulares.

HULTON ARQUIVE



WILLIAM "BUFFALO BILL" CODY

O fundador do *Wild West Show* (Show do Oeste Selvagem), que rodou pelos EUA e Europa, era um membro da loja Platte Valley nº 15, Nebraska, na qual se tornou mestre aos 24 anos. Em sua ocupação como guarda de fronteira, Buffalo Bill mostrou verdadeiras qualidades maçônicas, tratando os nativos americanos com respeito e dignidade, ao contrário de muitos de seus companheiros. Pôsteres do *Wild West Show* costumavam retratar o indígena como "O Americano", e Cody era também um defensor dos direitos das mulheres. Como maçom, galgou todos os graus até o Arco Real e foi alçado ao posto de Cavaleiro Templário. Depois se juntou aos *shriners*, também percorrendo os graus do Rito Escocês. Seu funeral maçônico, em Lookout Mountain, em 1917, reuniu 15 mil pessoas.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



GIACOMO CASANOVA

O lendário soldado, espião, diplomata, escritor e amante italiano se tornou maçom em 1750, em Lyon, enquanto viajava pela França. Diz-se que a filiação lhe era valiosíssima, pois garantia uma grande oferta de contatos que viriam a beneficiar consideravelmente sua vida no futuro. Não se pode dizer com certeza se esses contatos incluíam algumas das centenas de mulheres que ele dizia ter levado para a cama, mas é certo que atendia a seu interesse especial pelo lado mais misterioso do conhecimento. Casanova conhecia também a cabala e teve relações com a Sociedade Rosacruz.

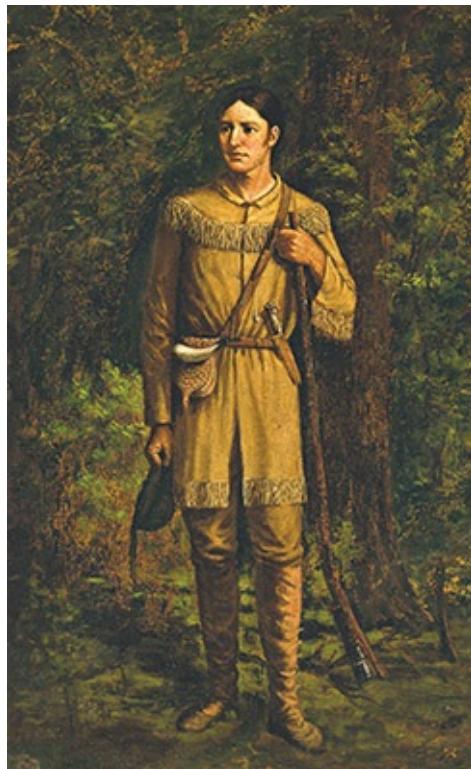
DEAGOSTINI/GETTY IMAGES



DAVY CROCKETT

Outro maçom, Crockett, como Jim Bowie, morreu no Álamo após uma carreira distinta como guarda de fronteira e congressista. Antes de partir para o Texas, onde encontraria a morte, ele enviou seu avental de maçom, recebido quando de sua iniciação em Washington, para o xerife do condado de Weakley, no Tennessee.

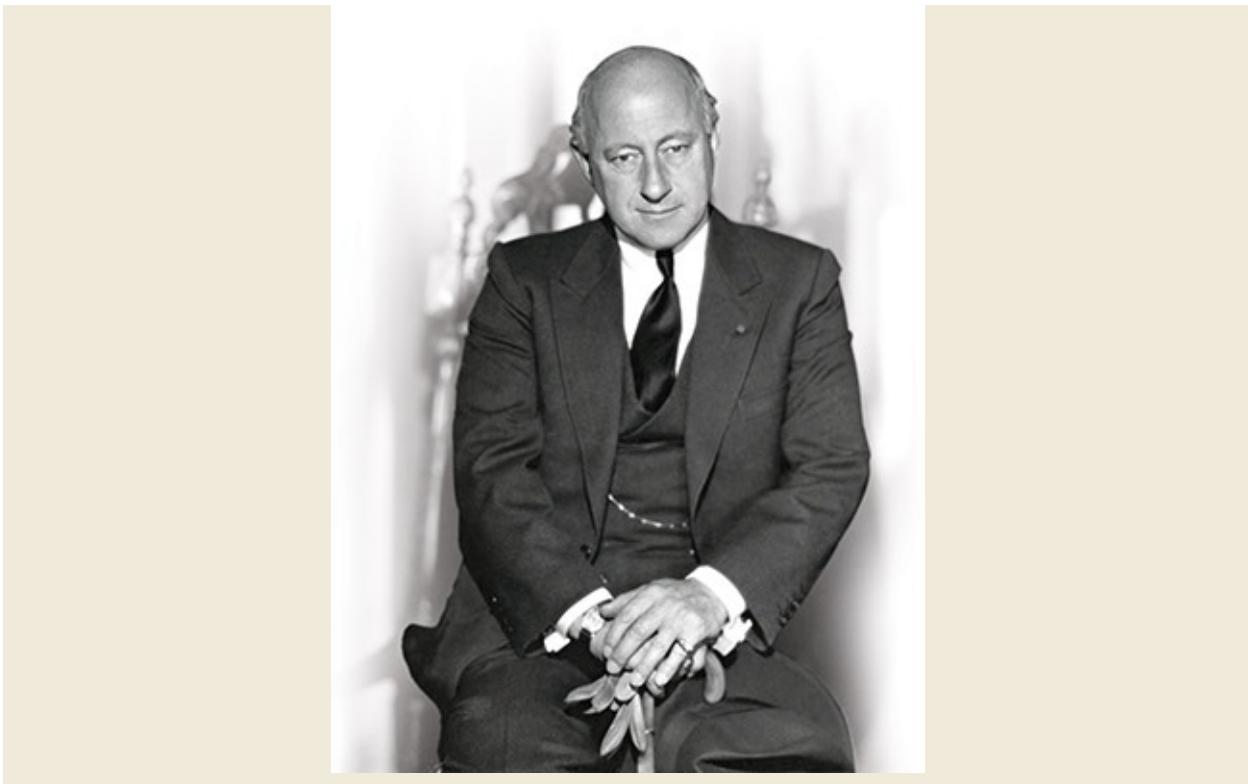
DALLAS MUSEUM OF ART



CECIL B. DEMILLE

O lendário diretor e produtor de filmes de Hollywood, conhecido por épicos como *Os Dez Mandamentos* e considerado como “o fundador de Hollywood”, era maçom, afiliado à loja Prince of Orange nº 16, em Nova York.

© PICTORIAL PRESS LTD / ALAMY STOCK PHOTO



JACK DEMPSEY

Dempsey conquistou o título de campeão mundial dos pesos-pesados de boxe em 1919 e é considerado um dos dez maiores pugilistas da história. Ele também era um maçom dedicado, tendo atuado por anos na loja de Kenwood nº 800, em Chicago, Illinois.

HIRZ—ARCHIVE PHOTOS/GETTY IMAGES



SIR ARTHUR CONAN DOYLE

O criador do detetive da ficção Sherlock Holmes era um curioso incansável em todos os temas relativos ao ocultismo. Talvez isso o tenha levado a tornar-se uma figura proeminente da maçonaria, entre idas e vindas, até 1911. Ele era membro da loja Phoenix 257, de Southsea, Hampshire, Inglaterra, tendo sido iniciado em 26 de janeiro de 1887. Conan Doyle fez muitas referências ao ofício em seus livros. Um dos seus iniciadores nos mistérios da maçonaria foi o médico James Watson, que trabalhou por 19 anos no consulado britânico na China e se tornou muito amigo do escritor. Seu nome, claro, inspirou o batismo do grande companheiro de aventuras do mais famoso dos detetives.

GENERAL PHOTOGRAPHIC AGENCY



EDUARDO VII

Um dos muitos reis ingleses que foram maçons, Eduardo VII reinou de 1901 até a morte, em 1910. Ele foi um maçom ativo ao longo de sua vida adulta e levou a organização à proeminência quando se tornou grão-mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra, em 1874, tendo sido iniciado por ninguém menos que o rei da Suécia, em 1868. Ao ascender ao trono, Eduardo assumiu o título de Protetor do Ofício e seu irmão, o príncipe Arthur, duque de Connaught, o sucedeu como grão-mestre.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY, SMITHSONIAN INSTITUTION



EDUARDO VIII

Outro rei britânico, mais conhecido pela abdicação após ocupar o trono por menos de um ano, em 1936, Eduardo foi grão-mestre da Grande Loja Unida da Inglaterra naquele ano. O rei Jorge VI, que também era bastante conhecido pela dedicação ao ofício, ascendeu ao trono quando Eduardo VIII desistiu da coroa para se casar com a americana divorciada Wallis Simpson, assumindo o título de duque de Windsor.

LIFE



W.C. FIELDS

Famoso por ser o protagonista de filmes, peças e programas radiofônicos, William Claude Dukenfield mantinha uma imagem pública de misantropo, mas a verdade era bem diferente. Autor de tiradas clássicas, ele era um irmão atuante na loja Mitchell nº 605, na Pensilvânia. Fields era conhecido também por suas tiradas, muitas das quais pouco tinham a ver com os ensinamentos maçônicos. Exemplo? "Não há dúvida de que todas as mulheres são loucas. É só uma questão de em que nível."

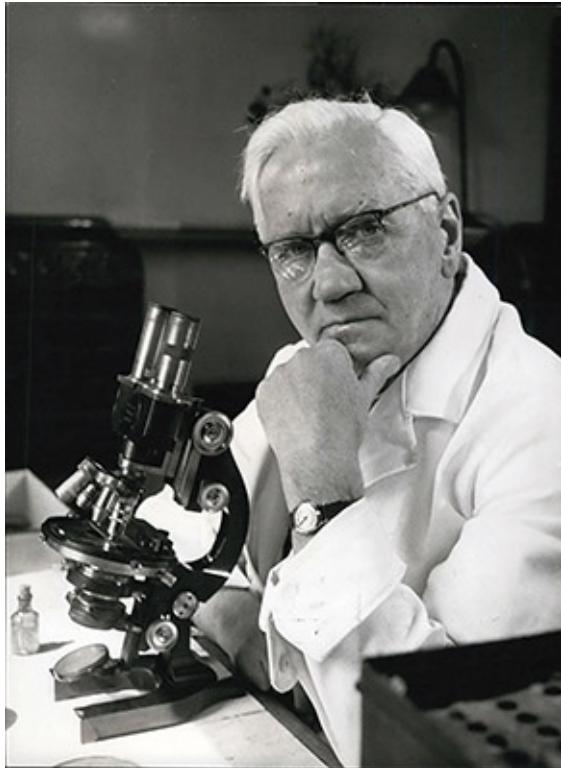
CORBIS-BETTMANN



SIR ALEXANDER FLEMING

Esse escocês, ganhador do Prêmio Nobel e maçom, revolucionou a medicina do século XX com a descoberta da penicilina, em 1928. Fleming se juntou à maçonaria em 1909, aos 28 anos, na loja St. Mary's, em Londres, e não a deixaria até a morte, em 1955. Em 1948, depois de galgar vários postos, se tornaria grande vigilante da Grande Loja Unida da Inglaterra.

CHRIS WARE



GERALD FORD

O 38º presidente dos Estados Unidos da América era membro da loja Columbia nº 3, após ter sido iniciado na loja Malta. Enquanto presidia os EUA, Ford foi eleito grão-mestre Honorário da Ordem DeMolay, em 1975. Ford também foi membro dos Shriners.

COURTESY GERALD R. FORD LIBRARY



GLENN FORD

O ator canadense naturalizado norte-americano apareceu em 106 filmes, a maioria faroestes, e foi eleito o maior astro de cinema em 1958. Membro da loja Riviera nº 780, em Pacific Palisades, Califórnia, o irmão Ford recebeu a medalha da Legião de Honra francesa por suas ações na Segunda Guerra Mundial.

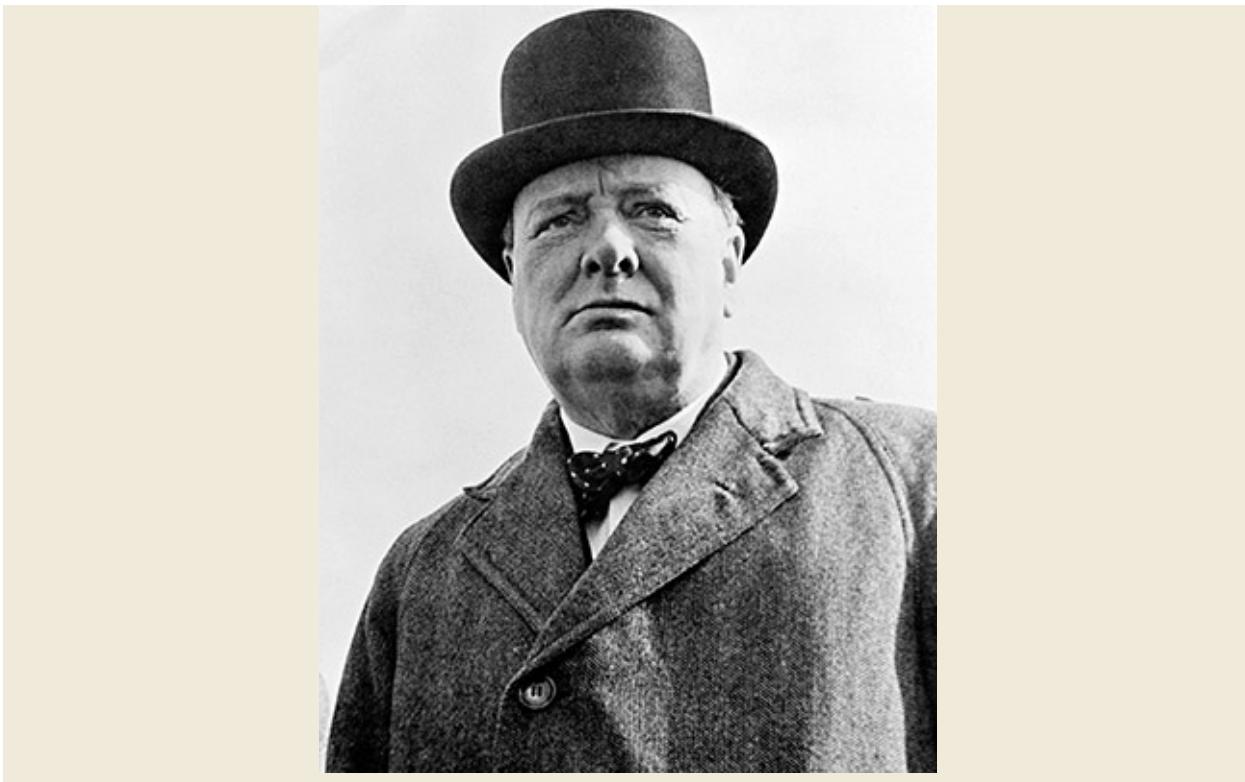
REUTERS



SIR WINSTON CHURCHILL

Em 24 de maio de 1901, aos 26 anos, o grande estadista inglês foi iniciado na maçonaria na loja Studholme, nº 1591. Ne época, o príncipe Edward, eleito grão-mestre em 1875, dera grande impulso à fraternidade, e era muito comum a adesão de jovens aristocratas. Apesar de nunca ter exercido nenhuma posição oficial, sabe-se que ele frequentava a loja de Studholme até sua renúncia, em 1912 – acredita-se que tenha deixado a maçonaria porque queria se concentrar apenas em seus compromissos políticos –, o que o afastou do ofício, mas não o fez deixar de ser um irmão. De acordo com a lei maçônica, em 1918 Winston Churchill chegou a assinar, com seu registro oficial de maçom, uma petição pelo estabelecimento de uma nova loja, que seria chamada de loja do Ministério de Munições – ele era ministro das Munições à época. Essa petição, no entanto, foi rejeitada pela Grande Loja da Inglaterra, que não queria uma loja restrita a membros de uma repartição. A petição foi reapresentada com a explicação de que não haveria restrições e foi fundada a Armament Lodge. O único registro de outra visita de Churchill a uma loja maçônica foi quando ele visitou a loja Royal Naval como convidado, em dezembro de 1928, mas atuou em várias instâncias para, como homem de Estado, auxiliar a fraternidade e seus irmãos.

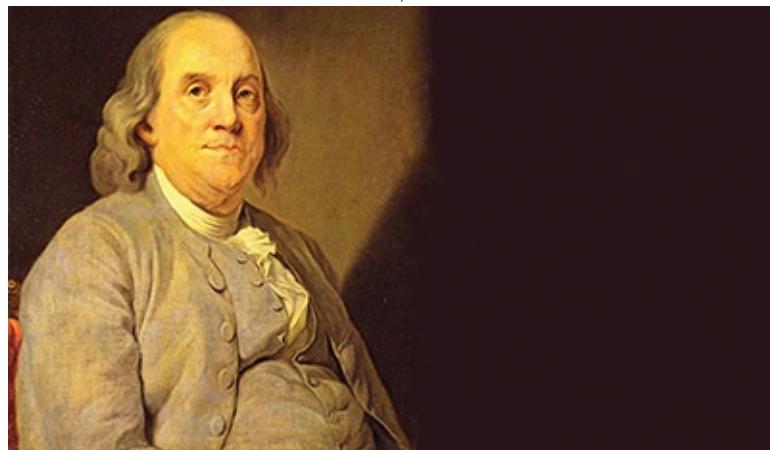
LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



BENJAMIN FRANKLIN

Um dos maiores estadistas dos EUA, ele também foi um maçom proeminente. Cientista valoroso e filósofo, Franklin foi iniciado na Loja de St. John, na Filadélfia, em 1731, e chegou a ser vice-grão-mestre da Grande Loja da Pensilvânia, em 1750. Alguns biógrafos veem na carreira de Franklin, marcada pela tolerância e pela conciliação, marcas dos ideais maçônicos.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY, SMITHSONIAN INSTITUTION



CLARK GABLE

O galã, mais conhecido por seu papel como Rhett Butler em ...*E o vento levou*, entrou para a loja de Beverly Hills nº 528, na Califórnia, em 1931. Gable, como seu personagem no grande clássico, não se enquadrava no ideal maçônico de moderação em todos os aspectos, por ser um grande apreciador de tabaco, mulheres e álcool.

CLARENCE SINCLAIR BULL



SIR WILLIAM GILBERT

Membro da dupla de ópera cômica Gilbert & Sullivan (ele escrevia as letras), sir William Gilbert era membro da loja St. Machar nº 54, de Aberdeen, na Escócia. Seu amor maçônico ao próximo pode ter levado à morte, em 1911: aos 74 anos, sofreu um ataque cardíaco depois de ter resgatado uma mulher que se afogava.

UNIVERSITY OF SOUTH FLORIDA



JOSEPH-IGNACE GUILLOTIN

Guillotin passou à História com triste fama, mas sua sugestão do uso da guilhotina, que ele nunca fabricou, tinha propósitos humanistas: queria que as penas de morte fossem menos dolorosas e mais igualitárias. Antes do advento da máquina da morte revolucionária, o uso de machado e de espada para as decapitações fazia com que nem sempre a morte viesse de um golpe, causando grande sofrimento. A força era usada para os prisioneiros mais pobres. O médico, no entanto, sempre foi contra a pena de morte. Ele foi membro e fundador da loja das Nove Irmãs, do Grande Oriente da França. Ao contrário do que eventualmente se afirma, Guillotin morreu de causas naturais, em 1814.

MUSÉE CARNAVALET



OLIVER HARDY

O amado gordo de O Gordo e o Magro, a parceria cômica que fez, entre outros clássicos do cinema, uma menção bem-humorada à maçonaria em *Os filhos do deserto*.

TRADITIONAL ART **DRAWINGS** PORTRAITS & FIGURES



Oliver Hardy

JOSEPH HAYDN

O compositor clássico austríaco do século XVIII entrou para a maçonaria aos 33 anos, em 1785. Em 1791, em excursão à Inglaterra, ele realizou um concerto na Academia de Música Antiga do Freemason's Hall. Sua *Sinfonia 96* (*O milagre*) teria sido composta sobre signos caros à maçonaria.

DEA PICTURE LIBRARY



Joseph Haydn

J. EDGAR HOOVER

Diretor do FBI americano, mais lembrado por suas iniciativas contra os gângsteres durante a vigência da Lei Seca nos EUA e suas atividades anticomunistas, ele entrou para a maçonaria em 1916 e para o Departamento de Justiça em 1917, quando tinha 22 anos. Era afiliado à loja Federal nº 1, em Washington.

THE U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION



HARRY HOUDINI

O mestre do escapismo, como muitos dos mais destacados em sua atividade, também era um maçom – e bastante dedicado, tendo realizado performances em que a verba foi revertida para loja maçônica Mill Valley nº 356, que ele frequentava. Pouco antes de sua morte, em 1926, ele se tornou um *shiner* do Templo de Meca. Seu funeral foi encerrado com um rito maçônico.

THE NATIONAL PORTRAIT GALLERY/SMITHSONIAN INSTITUTION



REVERENDO JESSE JACKSON

Esse americano líder dos direitos civis e ministro batista que já tentou ser presidente dos Estados Unidos faz parte da maçonaria Prince Hall, a maçonaria negra americana fundada em fins do século XVIII e hoje reconhecida pela maioria das grandes lojas da maçonaria regular.

REUTERS/LANCE MURPHEY



CHARLES LINDBERGH

O aviador que fez o primeiro voo solo cruzando o oceano Atlântico era um

maçom celebrado que fazia parte da loja Keystone nº 243, do Missouri, à qual se juntou em 1926, pouco antes da empreitada aérea que o tornaria mundialmente famoso. Seu avião e sua roupa de voo levavam, discretamente, símbolos da maçonaria. Alguns questionam como sua suposta simpatia pelo nazismo e seu alegado antisemitismo poderiam ter sido conciliados com a vida maçônica.

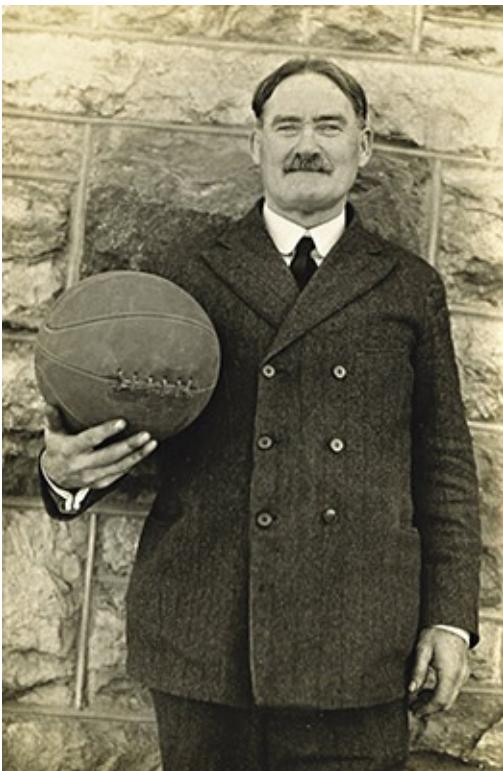
OFF/AFP/GETTY IMAGES



JAMES NAISMITH

Esse maçom e educador canadense ficou famoso por ter inventado o basquete. O primeiro equipamento do esporte consistia em duas cestas pregadas nas extremidades do ginásio de sua escola.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



ARNOLD PALMER

O mundialmente famoso golfista americano, como todo bom maçom, se notabilizou por seus trabalhos benemerentes, incluindo a fundação de um hospital para mulheres e crianças em Orlando, na Flórida.

PERSONAL ARCHIVES



PAUL REVERE

Nascido em Boston e iniciado na loja St. Andrew, ele foi um dos verdadeiros heróis da Revolução Americana e também grão-mestre da Grande Loja de Massachusetts de 1794 a 1797. Em 1769, ele já se tornara Cavaleiro Templário. Em 1774, ele assumiria o posto que fez sua fama, como mensageiro do Comitê de Segurança de Massachusetts. Sua cavalgada dramática para avisar que os ingleses estavam chegando, em 1775, se tornou mundialmente famosa em um poema do celebrado poeta americano Henry Wadsworth Longfellow. E, de fato, foi um aviso poderoso para que os revolucionários se preparassem para a Batalha de Lexington.

WIKIPEDIA COMMONS



SUGAR RAY ROBINSON

Ele não foi o primeiro boxeador maçom famoso (vide Jack Dempsey e outros), mas Robinson chegou à fama como hexacampeão mundial dos pesos-pesados. Era membro da loja Joppa nº 55.

REPRODUÇÃO



ROY ROGERS

O arquétipo do caubói cantor sempre usava um chapéu branco para mostrar que era o mocinho. Seu emblema maçônico foi gravado em sua lápide.

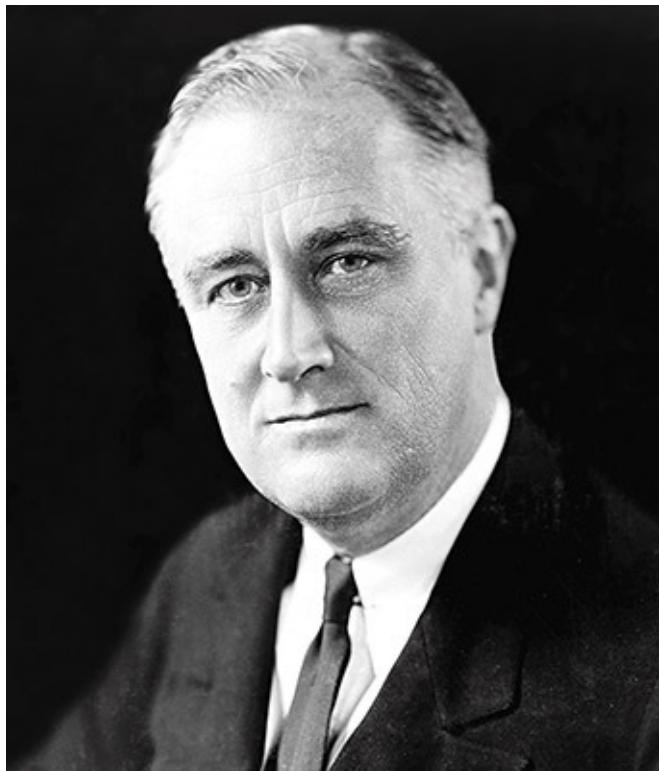
ORANGE COUNTY ARCHIVES



FRANKLIN D. ROOSEVELT

Um dos maçons que chegaram à presidência dos EUA, FDR era membro da loja Holland nº 8, em Nova York. Iniciado em outubro de 1911, Roosevelt se tornaria o primeiro grão-mestre honorário da Ordem de DeMolay, recebendo a honraria na Casa Branca, em 13 de abril de 1934.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



CORONEL HARLAND DAVID SANDERS

Um maçom que se tornou celebridade mundial. O coronel Harland David Sanders foi o fundador do Kentucky Fried Chicken (KFC), aberto em 1953 e vendido em 1964. Sua sepultura carrega o símbolo do esquadro e do compasso, e ele foi membro de várias lojas ao longo da vida.

PINTEREST



JORGE VI

Em uma longa linhagem de reis ingleses que foram maçons ativos e entusiásticos, Jorge VI – que reinou de 1936 até sua morte, em 1952 – se destaca pela dedicação. Ele foi iniciado na loja Navy nº 2612 em 1919 e, em 1922, tornou-se grande mestre provincial de Middlesex. Quando ascendeu ao trono, aceitou o título de Past Grand Master da Grande Loja Unificada da Inglaterra. Em 1936, Jorge VI tornou-se grão-mestre maçom da Escócia, afiliado à loja de Glamis nº 99. Ele supervisionou e conduziu a eleição de três grão-mestres da Grande Loja Unificada da Inglaterra: o duque de Kent, em 1939, o conde de Harewood, em 1943, e o duque de Devonshire, em 1948. Jorge VI teria dito que sempre viu a maçonaria como uma das influências mais fortes em sua vida. Ele era arquimacom real e primeiro principal: “O mundo hoje requer, sim, uma regeneração espiritual e moral. Não tenho dúvidas, após muitos anos como membro de nossa Ordem, de que a maçonaria pode ter um papel muito importante nessa necessidade vital”. O filme *O discurso do rei* não menciona o seu envolvimento com a fraternidade. O foco é a relação do monarca com seu terapeuta, Lionel Logue.

De fato, os dois eram maçons e o sentimento de fraternidade entre eles certamente influenciou a confiança mútua que levou o tratamento a um bom

termo. O rei reportava que suas dificuldades de fala raramente apareciam durante os trabalhos na oficina. Logue foi mestre na loja St. Georges, na Austrália e trabalhou também na Royal Masonic School.

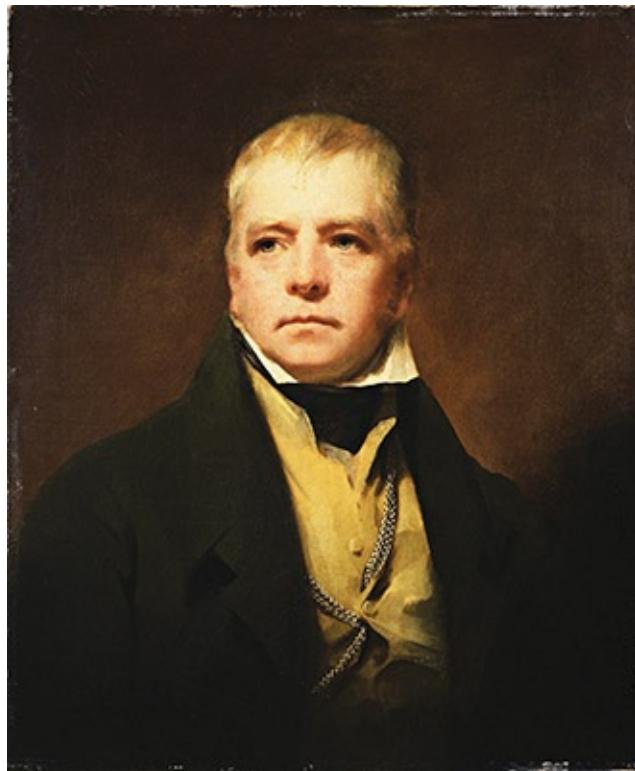
WIKIPEDIA COMMONS



SIR WALTER SCOTT

Esse romancista e poeta escocês escreveu “Oh, que teia intrincada tecemos, quando nossa primeira prática é enganar”. Diz-se que ele permeou seus romances com uma tradição de bem-estar moral e intelectual, hombridade, verdade, honra, liberdade e cortesia – realmente, belos princípios maçônicos.

WIKIPEDIA COMMONS



PETER SELLERS

O ator cômico e maçom é mais lembrado por sua contribuição ao programa de rádio inglês *The Goon Show* e sua genialidade ao trazer à vida o atrapalhado inspetor Clouseau, nos filmes *A pantera cor-de-rosa*.

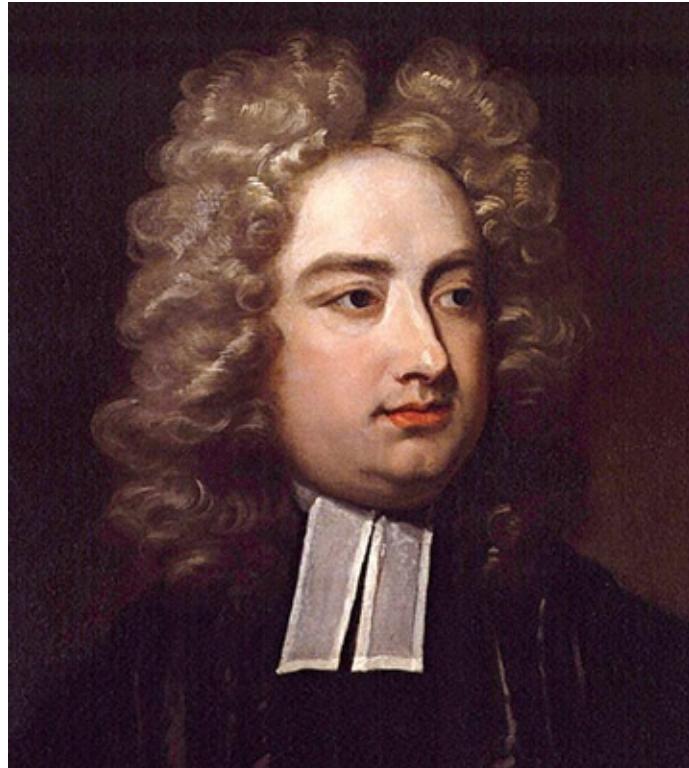
DIVULGAÇÃO



JONATHAN SWIFT

O satírico e clérigo nascido em Dublin, autor de *As viagens de Gulliver*, também era maçom.

WIKIPEDIA COMMONS



HARRY S. TRUMAN

Diz-se que Truman foi o maçom mais ativo a ocupar o posto de presidente dos Estados Unidos. Foi iniciado na loja Belton nº 450, em Grandview, Missouri, em 1909, tornando-se grande mestre do estado em 1940. Ele recebeu um prêmio pelos seus 50 anos de filiação à maçonaria em 1959 e foi grão-mestre honorário no Conselho Supremo Internacional da Ordem de DeMolay.

WIKIPEDIA COMMONS



GEORGE WASHINGTON

Todas as grandes figuras políticas dos EUA foram maçons? Às vezes, parece que sim. O primeiro presidente dos Estados Unidos ocupou o poder de 1789 a 1797. Após sua morte, em 1799, a viúva enviou mechas de seu cabelo para maçons em todo o país. Washington se iniciou na maçonaria na loja de Fredericksburg, na Virgínia, aos 20 anos, em 1752. Naquele momento, o ingresso na maçonaria era considerado um passo natural para um jovem de sua posição na colônia americana. Durante a revolução, o general não descuidou de seus deveres religiosos ou maçônicos, comparecendo a lojas e templos em diferentes estados. Claro que essas instituições também ajudaram a formar regimentos que lutaram pela independência das colônias.

Depois de ter cumprido seu papel como primeiro presidente dos Estados Unidos, Washington tornou-se mestre da loja Alexandria nº 22 e, após sua morte, recebeu um funeral com todas as honras maçônicas. Para os maçons, Washington representa o ideal de vida de um verdadeiro mestre, por ter se mantido sempre, na vida pública ou na oficina, a postura própria de um maçom correto e justo.

OPENCLIPART



JOHN WAYNE

Nenhuma lista de astros do cinema maçons estaria completa sem uma referência ao arquétipo do homem bruto, o próprio Duke. Ele defendia honra, verdade, integridade e “verdadeira coragem”.

20TH CENTURY FOX DIVULGAÇÃO



FLORENZ ZIEGFELD

Lenda da Broadway, *showman* e criador das produções teatrais “Ziegfeld Follies”, ele perdeu muito de sua fortuna na quebra da bolsa de 1929. Foi salvo ao reviver o musical *Show Boat*.

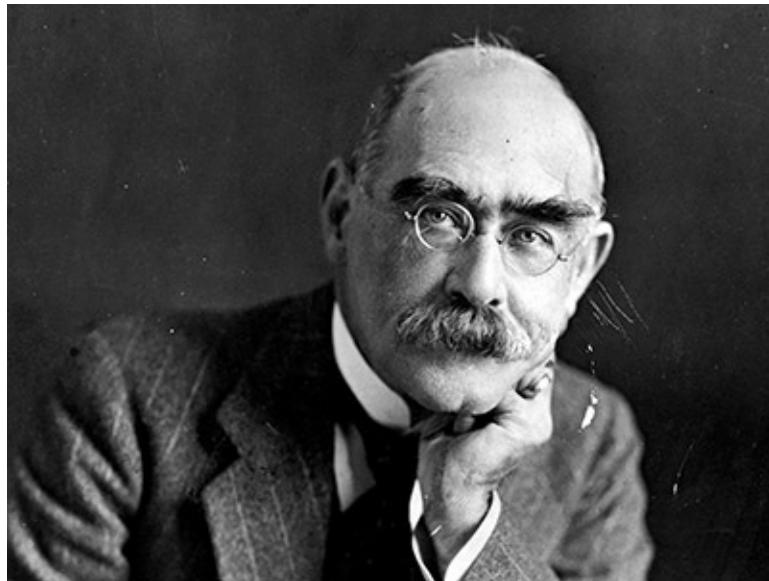
WIKIPEDIA COMMONS



RUDYARD KIPLING

O autor de *O livro da selva* e de muito outros parece ter sido um maçom ativo apenas por um breve período, mas seu legado à maçonaria é grande. Kipling, que nasceu em Bombaim e viveu de 1865 a 1936, foi poeta e escritor, tendo recebido o Prêmio Nobel de Literatura – e muitos de seus trabalhos contêm temas maçônicos. É verdade que um dos princípios unificadores da maçonaria – o amor fraterno – tinha grande apelo para Kipling, que se esforçava em expressá-lo em seu trabalho.

WIKIPEDIA COMMONS/ ELLIOTT & FRY



WOLFGANG AMADEUS MOZART

O gênio austríaco que compôs mais de 600 peças era um entusiástico maçom e lançou mão de simbolismos da fraternidade, inclusive na obra *A flauta mágica*. Filho de outro maçom, talvez convertido por ele, Mozart foi iniciado em 1784 na loja A Benfeitoria, mas àquela altura já compusera árias com influências maçônicas. Em três meses, ele seria alçado à condição de mestre maçom. E seguiu ligado aos conteúdos esotéricos da fraternidade até o fim de sua curta vida. O primeiro libreto impresso da ópera *A flauta mágica*, seu último sucesso, trazia na folha de rosto a base de uma pirâmide, uma colher de pedreiro, um par de compassos e uma ampulheta, entre vários outros símbolos da maçonaria.

GESELLSCHAFT DER MUSIKFREUNDE, WIEN, AUSTRIA



CAPÍTULO VI

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DO BRASIL

A PRESENÇA DA FRATERNIDADE MARCOU OS PRINCIPAIS MOMENTOS DA VIDA DO PAÍS

Desde a chegada da maçonaria ao país, em fins do século XVIII, os “irmãos” tiveram presença marcante em episódios que começam com a Inconfidência e avançam até o tempo presente. De José Bonifácio ao atual vice-presidente, Michel Temer, são muitos os homens de Estado que frequentaram as lojas. Os ideais maçônicos estiveram no cerne de momentos decisivos da vida brasileira, como a Independência, a Abolição e a Proclamação da República. Também na vida cultural, membros da fraternidade foram responsáveis por notáveis desenvolvimentos. Na música, maçons tiveram presença marcante na gênese de gêneros como o choro e o baião. Os nomes abaixo são apenas alguns dos membros da maçonaria que se destacaram na história brasileira.

JOSÉ BONIFÁCIO (1763-1838)

Conhecido como Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva é um dos personagens mais importantes na história da maçonaria no Brasil. “Ele estava à frente de todos, era um vanguarda de sua época, no meio daqueles fantasmas e fósseis que o circulavam”, diz o historiador José Honório Rodrigues, citado por Laurentino Gomes em 1822, a respeito do grão-mestre que tinha entre suas principais causas – ainda que não vitoriosa

à época – a extinção da escravidão no Brasil. “Como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura num país habitado por uma multidão imensa de escravos brutos e inimigos?”, perguntava, ainda em 1823.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RJ



Vindo de uma família que enriquecera com o comércio de ouro, Bonifácio, nascido em Santos, em 1763, fora enviado para estudar em Coimbra, onde se formava a elite colonial na época. Ali, formou-se em metalurgia e especializou-se em mineralogia. Fluente em francês, inglês, alemão, grego e latim, viajou pela Europa, estagiando em várias universidades. Em 1808, comandou o Corpo Voluntário Acadêmico, que resistiu à invasão napoleônica. Dessa época, data o seu envolvimento com a maçonaria, que o levaria a ser um dos fundadores da fraternidade no Brasil. Ele foi o primeiro grão-mestre do Grande Oriente Brasileiro (GOB), criado em 17 de junho de 1822 por três lojas do Rio de Janeiro. Bonifácio exerceu essa função até outubro do mesmo ano, sendo substituído pelo imperador D. Pedro I, de quem era o principal conselheiro. A substituição atendia à estratégia dos maçons da época para ganhar o jovem monarca para as causas iluministas da fraternidade. Em 1º de março de 1836, Bonifácio voltaria ao cargo, ocupando-o até 3 de dezembro de 1837, um ano e quatro meses antes de sua morte.

LUIZ GONZAGA (1912-1989)

Luiz Gonzaga do Nascimento, o rei do baião, foi iniciado na maçonaria na loja Paranapuan, localizada na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, e filiada ao Grande Oriente do Brasil em 3 de abril de 1971. Ele, que fora escoteiro e soldado quando mais jovem, passou pelos graus de aprendiz e companheiro e, em dezembro 1973, foi exaltado como mestre maçom. Treze anos depois, em 29 de agosto de 1984, teria sido iniciado no grau 4, na Maçonaria dos Altos Graus ou Filosóficas. O músico morreu em 1989, sem alcançar graus mais altos, mas anos antes, em 1981, compôs com seu irmão de maçonaria Orlando Silveira, a canção *Acácia amarela*, a canção popular em que a referência à oficina maçônica é mais clara.

"Ela é tão linda é tão bela/ Aquela acácia amarela/ Que a minha casa tem/ Aquela casa direita/ Que é tão justa e perfeita/ Onde eu me sinto tão bem/ Sou um feliz operário/ Onde aumento de salário/ Não tem luta nem discórdia/ Ali o mal é submerso/ E o Grande Arquiteto do Universo/ É harmonia, é concórdia."

A acácia é um dos símbolos mais importantes da ordem, ligado ao rito da iniciação. Ela representa a pureza e a imortalidade, além de ser o símbolo da ressurreição por influência da tradição oriental, que diz que a cruz na qual Jesus foi crucificado teria sido produzida de madeira da acácia. O símbolo é ligado também à tradição rosacruz.

CHICO ALBUQUERQUE



DUQUE DE CAXIAS (1803-1880)

A memória do patrono do exército brasileiro é reverenciada pela maçonaria brasileira até hoje, anualmente, em 25 de agosto, dia de seu nascimento. Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias, foi iniciado na loja São Pedro de Alcântara, do independente Grande Oriente do Passeio (GOP), em data não confirmada, provavelmente entre 1841 e 1842. Nesse momento, ele já era um militar renomado e logo galgaria postos na hierarquia da maçonaria, que vivia um período de turbulências internas. Em 1847, ele se tornaria grão-mestre do então alquebrado GOP, dando início a um período que ficou conhecido como Grande Oriente de Caxias. Duque de Caxias se tornaria grão-mestre honorário do Grande Oriente do Brasil (GOB) em 1852, com a fusão do GOP com o GOB.

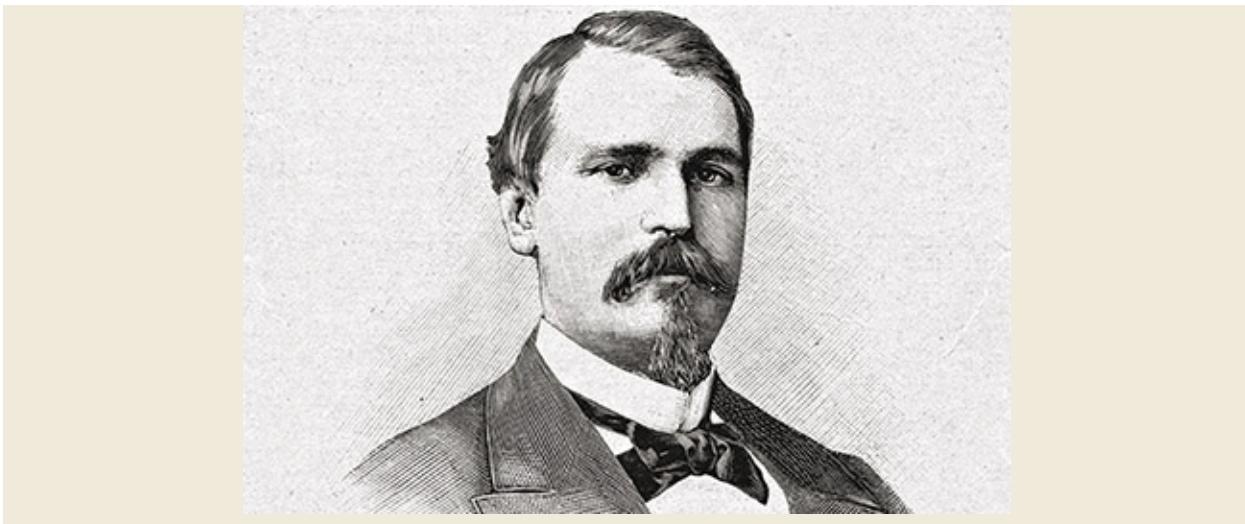
LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



BENJAMIN CONSTANT (1836-1891)

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, militar, engenheiro e professor, foi um dos articuladores da participação dos positivistas e da maçonaria no processo de proclamação da República no Brasil. A data em que seria feita a proclamação do novo regime foi definida em sua casa, numa reunião realizada no dia 10 de novembro. Naquele momento, Constant era o mais prestigiado dos professores da Escola Militar e também se dedicava ao Instituto dos Meninos Cegos, que viria a receber o seu nome mais tarde. O dia definido foi antecipado de 20 para 15 diante de boatos de que o Império pretendia prender o também maçom Deodoro da Fonseca. Constant, então tenente-coronel, se tornou o ministro da Guerra no gabinete provisório, formado exclusivamente por maçons. Acredita-se que Constant tenha participado do Grande Oriente Unido, dissidência do Grande Oriente do Brasil, do qual teria se distanciado em 1882, assim como se afastara dos seus colegas positivistas, mantendo, no entanto, muitas das convicções próprias dessas duas correntes de pensamento.

REPRODUÇÃO



BENTO GONÇALVES (1788-1847)

Líder da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves da Silva entrou para a maçonaria em 1830. A efetiva participação da ordem na articulação da Guerra dos Farrapos é evidente, mas a sua extensão não tem resposta conclusiva por parte da historiografia. Bento Gonçalves foi venerável mestre da primeira loja do Rio Grande do Sul, chamada Philantropia e Liberdade, fundada em Porto Alegre, em 1831. Há fortes indícios, ainda, de que maçonaria participou do episódio da fuga do general de uma fortaleza em Salvador, em 1837. A participação do italiano Giuseppe Garibaldi nos entreveros rio-grandenses também pode, em parte, ser creditada à maçonaria, já que esse fato auxiliou a aproximação entre os dois “irmãos”.

MUSEU JÚLIO DE CASTILHOS



PIXINGUINHA (1897-1973)

Em 2012, foi comprovada, por meio de uma carteirinha de filiação apresentada na exposição Pixinguinha, a participação do músico na maçonaria. Alfredo da Rocha Vianna Filho se tornou membro, provavelmente na década de 1960, da loja Commércio e Artes, localizada na Lapa, no Rio de Janeiro. Outro músico ilustre a pertencer à fraternidade foi Zé Rodrix, autor da trilogia *O diário de um construtor do templo*.

IMS



FREI CANECA (1779-1825)

Frei Joaquim do Amor Divino Rebelo Caneca teria sido iniciado, segundo a tradição maçônica, na loja Academia de Suassuna e posteriormente filiado à loja Academia do Paraíso. Muitos historiadores veem nos escritos políticos do padre líder da Confederação do Equador (1824) e professor de geometria a comprovação de sua filiação maçônica. Para outros, existe apenas uma aproximação entre visões liberais entre o religioso e a ordem. Em *As cartas de Pídias e Damião*, o frei se refere a conceitos, símbolos e expressões muito maçônicas: "Pela geometria conhecemos evidentemente a existência do Supremo Arquiteto do Universo; pela geometria admiramos a sua infinita sabedoria no sistema da criação, e sua providência no andamento regular da natureza; pela geometria domamos a fúria do oceano, dirigimos a força dos euros, penetramos os abismos, e subimos aos astros; ajustamos os impulsos do nosso coração com os ditames da reta razão; proporcionamos os trabalhos às nossas forças, os remédios às moléstias, as penas aos delitos, os prêmios às virtudes; pela geometria equilibramos os movimentos das grandes massas das nações, regularizamos o valor dos povos e o seu entusiasmo. Todas as coisas em que não entram a régua e o compasso da geometria são desregradas e descompassadas, são monstruosas".

MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO



JÂNIO QUADROS (1917-1992)

No poder entre janeiro e agosto de 1961, Jânio da Silva Quadros é um dos ex-presidentes da República que tiveram sua participação na maçonaria comprovada. Iniciado na loja *Libertas*, em São Paulo, em 1946, Jânio Quadros chegou ao grau de mestre maçom, recebido em 6 de junho de 1986, depois de ter passado anos longe da ordem. Em dezembro de 1989, três anos antes de morrer, Jânio fundou a loja *Luzes do Oriente* nº 357.

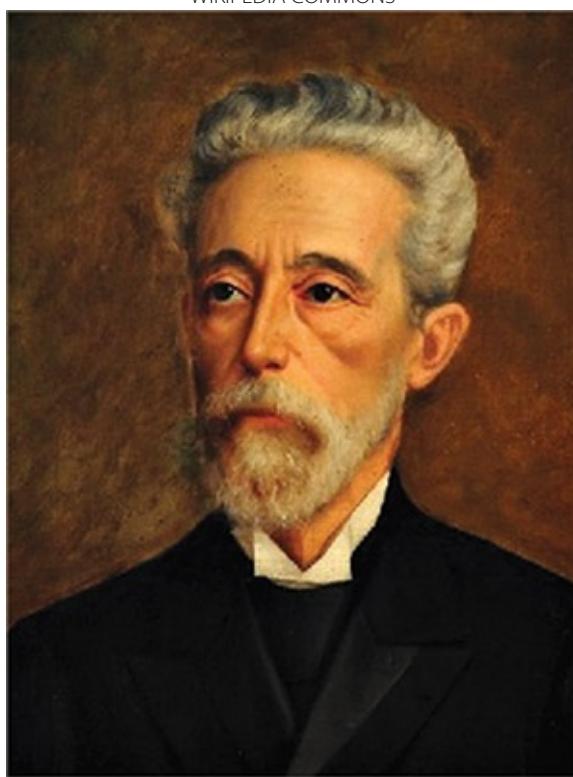
BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – BR



QUINTINO BOCAIUVA (1836-1912)

Jornalista e político de atuação expressiva no processo de proclamação da República no Brasil, Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva foi iniciado maçom na loja Amizade, em São Paulo, em 1861. Em 1901, foi eleito grão-mestre do Grande Oriente do Brasil (GOB), ficando no cargo até junho de 1904, quando foi sucedido por Lauro Sodré. Foi como supremo mandatário da maçonaria que Quintino Bocaiuva concorreu, sem sucesso, à presidência da República, em 1902.

WIKIPEDIA COMMONS



RUI BARBOSA (1849-1923)

Rui Barbosa de Oliveira foi iniciado na maçonaria na loja América, em 1º de julho de 1869, quando tinha apenas 20 anos. Acredita-se que sua idade tenha sido alterada, já que a idade mínima na época era de 21 anos. Rui Barbosa permaneceu pouco tempo na ordem, mas teve tempo de divulgar seus ideais abolicionistas no círculo, propondo, em 4 de abril de 1870, um projeto em que a libertação dos escravos era tratada como uma questão moral na qual todo maçom deveria se engajar por ser inerente aos princípios da fraternidade. O desdobramento dessa proposta foi o início de coletas de recursos nas

reuniões maçônicas para a compra de alforrias. Alguns escravos fugidos chegaram a procurar as lojas nesse momento.

MUSEU IMPERIAL



DEODORO DA FONSECA (1827-1892)

General que que proclamou a República em 15 de novembro de 1889 e se tornou primeiro presidente do Brasil, Manoel Deodoro da Fonseca foi iniciado em 20 de setembro de 1873 na loja Rocha Negra, de São Gabriel, no Rio Grande do Sul. Entre 1890 e 1891, foi eleito o 13º grão-mestre do Grande Oriente do Brasil, renunciando no início de 1892, cerca de sete meses antes de morrer.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – BR





O BERÇO DA ELITE BRASILEIRA

por Fábio Teixeira

SOCIEDADE SECRETA DA QUAL FIZERAM PARTE LÍDERES POLÍTICOS E EMPRESARIAIS DO BRASIL, A BUCHA TINHA MUITO EM COMUM COM A MAÇONARIA, COMO A ESTRUTURA MARCADA PELO ESOTERISMO E A COBRANÇA DE MENSALIDADES

Amística das sociedades secretas nas universidades americanas está cimentada na cultura pop. Quando se pensa nelas, vêm à mente filmes e livros, especialmente sobre a norte-americana *Skull and bones*, na Yale University. Dela, saíram presidentes da nação mais poderosa do mundo e capitães da indústria. O que pouco se sabe é que a Universidade de São Paulo (USP) também teve sua sociedade secreta estudantil, com membros que influenciaram diretamente nos destinos do Brasil.

A tradição da sociedade secreta que viria a ser apelidada de Bucha veio da Alemanha. No final do século XVIII, o termo *Burschenschaft* era usado para caracterizar a totalidade dos estudantes de uma escola. O termo, no entanto, evoluiu para definir grupos de estudantes dedicados à defesa de princípios iluministas e da unidade dos estados germânicos.

Seguindo caminho semelhante ao da Maçonaria, que chegou ao Brasil trazida por estudantes, a *Burschenschaft* veio da Alemanha pelas mãos de um acadêmico, Johann Julius Gottfried Ludwig Frank – Júlio Frank para os brasileiros. O professor chegou ao país fugido da Alemanha, onde acumulou

dívidas e inimigos. Inicialmente, o acadêmico deu aulas particulares para alunos de Direito. Com o apoio de Rafael Tobias de Aguiar – político sorocabano que viria a ser um dos líderes da Revolução Liberal de 1842 e marido da marquesa de Santos, ajudando-a a criar os cinco filhos que ela tivera com D. Pedro I –, Frank conseguiu um emprego no curso anexo da Academia de Direito de São Paulo, como professor de história e geografia. A instituição servia como um degrau na escada para membros da elite adentrarem a faculdade. Acabou por lecionar na Academia do Largo do São Francisco, a antiga Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, fundada em 1827.

De acordo com Shozo Motoyama, autor de *USP 70 anos: imagens de uma história vivida*, a Bucha tinha muito em comum com a sociedade dos pedreiros livres. Era filantrópica, liberal e republicana. Sua estrutura foi tão marcada pelo esoterismo quanto a dos maçons. O líder do grupo era chamado de “chaveiro”. Ele governava apoiado por um Conselho de Apóstolos e um Conselho de Invisíveis, a elite dentro da sociedade secreta que, por si mesmo, já era seletiva – só 10% dos estudantes da faculdade paulista faziam parte dela. Assim como na Maçonaria, os membros pagavam mensalidade.

A Bucha funcionava como um clube ou confraria – para entrar, era preciso ser convidado por outro membro. O estudante era aceito por meio de votação e ingressava no nível mais baixo, o de catecúmeno. A Bucha pegou muito da sua mitologia emprestada da religião católica: catecúmeno é aquele que se prepara para receber batismo. De catecúmeno, o estudante subia para crente. O grau final, o de apóstolo, era ocupado apenas por 12 indivíduos. A escolha dos líderes era feita internamente – nela, era levada em conta as virtudes dos estudantes, mas principalmente a influência política que eles eram capazes de exercer.



A sociedade criada por Júlio Frank [1] teve em sua galeria ilustres e poderosos membros: o presidente Washington Luís [2], o Barão do Rio Branco [3], o também presidente Prudente de Moraes [4] e o poeta Castro Alves [5]

[3] Barão do Rio Branco, óleo sobre linho, JG Fajardo, acervo do Congresso Nacional

Da sociedade fizeram parte diversos presidentes brasileiros até 1930 – Prudente de Moraes foi um – e algumas das mais importantes personalidades do Segundo Império e da República, a começar por Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco.

Apesar de existir apenas uma Bucha no Brasil, a sociedade inspirou confrarias em outras cidades, auxiliada pela migração de estudantes entre faculdades Brasil afora. Em Recife, foi criada Tugendbund, versão pernambucana. A palavra significa União e Solidariedade.

Os trabalhos filantrópicos foram a principal fonte de influência e, por extensão, alavancas de conquista do poder para os bucheiros. Eles atuaram na criação da Liga Nacionalista, que lutou pela melhoria do ensino público e dos hospitais nas primeiras décadas do século XX.

O poder dos bucheiros diminuiu ao longo do século passado, culminando com sua relegação à clandestinidade, em 1930. Àquela altura, a Bucha tinha deixado de ser uma organização filantrópica e de discussão de ideias liberais para se tornar um partido político paralelo. O Partido Republicano Paulista era controlado por bucheiros e foi justamente um erro político que selou o destino da organização.

Uma dissidência do Partido Republicano Paulista, e, consequentemente, dos bucheiros, fundou o Partido Democrático Paulista. Este partido estaria do lado dos vencedores na Revolução de 1930. Com a deposição de Washington Luís e a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, os dissidentes asfixiaram o acesso dos bucheiros ao poder. Documentos da Bucha, com nomes dos membros, foram apreendidos pela polícia do novo regime.

Apesar das manobras no interior da elite paulista para extinguir a sociedade secreta, não houve uma caça às bruxas, fim tão comum para organizações clandestinas. Getúlio Vargas, ao tomar ciência de quem eram os membros da Bucha, desistiu de fazer prisões e teria dito: “Não se pode governar o Brasil sem essa gente.”



CAPÍTULO VII

QUASE 'IRMÃOS'

EX-PRESIDENTES, ATORES E ASTRONAUTAS FAZEM PARTE DA LISTA DE PERSONALIDADES QUE TIVERAM SEUS NOMES LIGADOS À MAÇONARIA, SEM NUNCA TER PERTENCIDO, DE FATO, A SEUS QUADROS

Ele é ou não maçom? A resposta, em muitos, muitos casos, é “não, não é”. Multidões de homens que viveram suas vidas à vista do público foram suspeitos, às vezes abertamente acusados, de serem maçons e de usarem de algum poder místico secreto sobre os mortais por meio de suas conexões maçônicas. De políticos a personagens marcantes da indústria cinematográfica, de astronautas a comediantes, as concepções falsas sobre eles se multiplicam. Em muitos casos, no entanto, os “acusados” de serem maçons com interesses ocultos não o eram. Examinaremos esses casos neste capítulo. Há outra categoria de pessoas sobre as quais há muita confusão:

aqueles que foram maçons em algum momento, mas, por uma ou outra razão, se viram posteriormente fora da irmandade. Alguns podem não ter vivido segundo o padrão moral esperado dos “irmãos”; ou podem ter abusado de seus postos em busca de poder ou algum outro tipo de vantagem pessoal. Maçons, são, obviamente, humanos e, como tais, sujeitos ao fracasso. Alguns desses fracassos humanos serão abordados neste capítulo. Essas pessoas vão do errante candidato presidencial norte-americano Wilbur Mills, mais conhecido por sua escapada, bêbado, com a *stripper* argentina Fanne Foxe, ao magnata dos automóveis Henry Ford, cujo comportamento não podia ser classificado como fraterno.

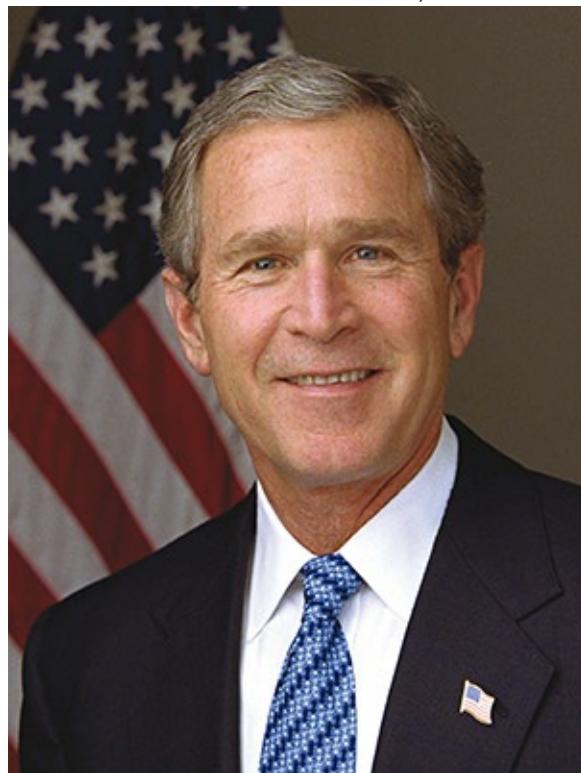
GEORGE H.W. BUSH E GEORGE W. BUSH

Os 41º e o 43º presidentes dos EUA não são, nem nunca foram, maçons. No entanto, existem aqueles que insistem que eles são. Por quê? Pode ser porque Bush pai fez seu juramento sobre a bíblia de George Washington, pertencente à loja St. John, de Nova York, quando assumiu o cargo, em 1989. Essa mesma bíblia foi usada nos juramentos de vários presidentes, incluindo o próprio George Washington, Warren G. Harding, Dwight D. Eisenhower e Jimmy Carter. O curioso é que Bush filho quis usar a mesma bíblia, mas foi impedido pelo mau tempo – teria posto em risco a condição do livro “sagrado”. Ainda assim, aos olhos de muitos observadores de maçons, ambos os Bush são maçons. Na verdade, ambos são membros da Skull and Bones, uma irmandade elitista fundada no século XVIII na Universidade de Yale, cujas conexões com a maçonaria são bastante difusas.

NAVY PENTAGON, WASHINGTON



U.S DEPARTMENT OF DEFENSE, USA



BILL CLINTON

Alguns acreditam que o popular, mas por vezes controverso, William Jefferson Clinton, 42º presidente dos Estados Unidos, seja maçom. Mas as histórias sobre o ex-presidente ser afiliado a uma loja maçônica não se sustentam. A confusão surgiu de um fato da juventude do marido da candidata a presidente Hillary Clinton. Ele era membro de uma organização chamada Ordem DeMolay, e chegou a um posto relativamente alto na hierarquia interna. A ordem tem conexões maçônicas e não poucos jovens da Ordem DeMolay às vezes chegam a se tornar maçons, mas isso não ocorreu no caso de Clinton. É pouco provável que a relativa flexibilidade em assuntos de moral exibida pelo presidente durante seu mandato na Casa Branca pudesse ser bem-vista pelos demais maçons. Só podemos especular: se ele tivesse se tornado maçom, será que o presidente Clinton teria sido convidado a sair da fraternidade?

AP

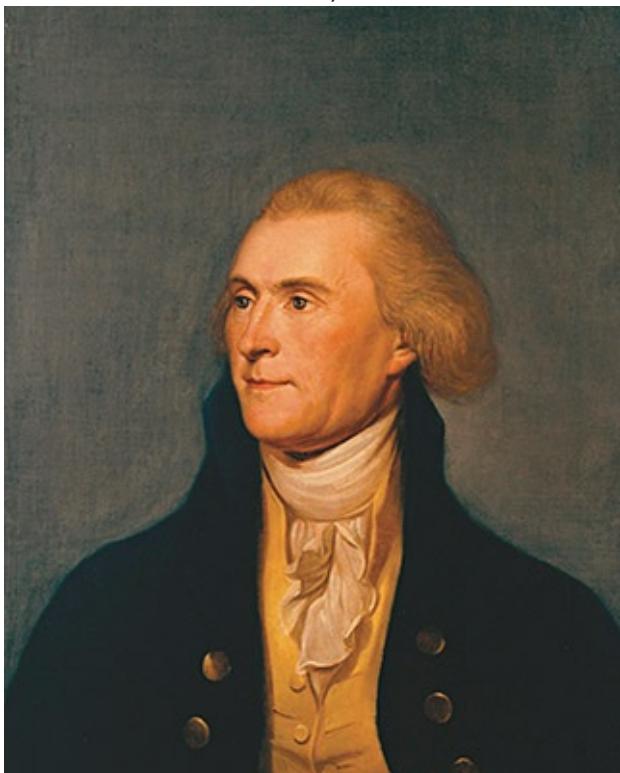


THOMAS JEFFERSON

Um dos pais fundadores dos EUA, Jefferson foi o autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos e o terceiro presidente daquele país. Ele não é o único dos primeiros americanos que se acredita ter sido maçom. Jefferson, de fato, era um iluminista na essência e deixou sua marca numa impressionante diversidade de campos: agricultura, arquitetura, arqueologia, etimologia, matemática, paleontologia e outras ciências, para não mencionar literatura e música. Mas esse campeão da liberdade que declarou, em 1800, ter “jurado no altar de Deus lutar eternamente contra qualquer forma de tirania sobre a mente do homem” – palavras que ressoam ideias maçônicas –

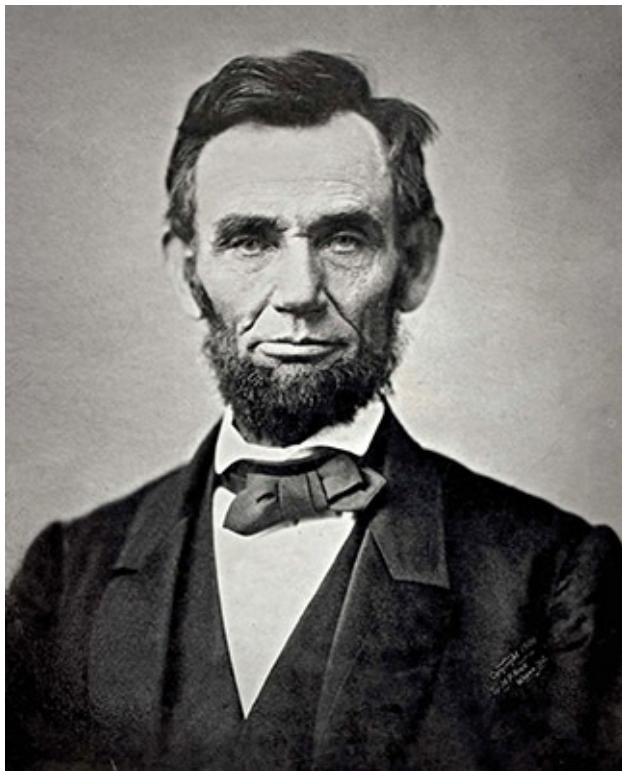
não era um “irmão”. Muitos de seus colegas revolucionários, no entanto, eram, e o nome Jefferson aparece em alguns registros contemporâneos de lojas, fato que não chega a provar sua filiação.

DIPLOMATIC RECEPTION ROOMS, U.S. DEPARTMENT OF STATE



ABRAHAM LINCOLN

Esse presidente americano quase foi maçom. *Honest Abe*, o 16º presidente dos EUA, realmente tentou entrar para a Loja Tyrian, de Springfield, Illinois, em 1860 – logo após ter sido lançado candidato à presidência. Seu pedido, entretanto, teve vida curta, pois Lincoln decidiu que ele poderia ser visto como um artifício para obter mais votos, e desistiu de entrar para a loja. Ele nunca chegou a ir atrás de seu desejo confesso de tentar novamente. Novos rumores sobre suas inclinações maçônicas surgiram quando a procissão fúnebre do refundador da pátria americana recebeu contribuições de grupos maçônicos. Os rumores se espalharam pela Europa, onde foram aceitos com entusiasmo. Após o assassinato de Lincoln, em 1865, a loja Tyrian prestou tributo a ele, lembrando os nobres motivos que o levaram a adiar seu pedido de entrada.



ULYSSES S. GRANT

Não foi por falta de tentativa, mas o herói da Guerra Civil e 18º presidente dos EUA nunca se tornou maçom. Grant estava seguindo os passos do pai e dos irmãos quando disse, em 1871, que tentaria entrar para a Loja Miner's nº 273. O Grão-Mestre preparou-se para a iniciação, mas Ulysses morreu antes que a cerimônia pudesse se realizar

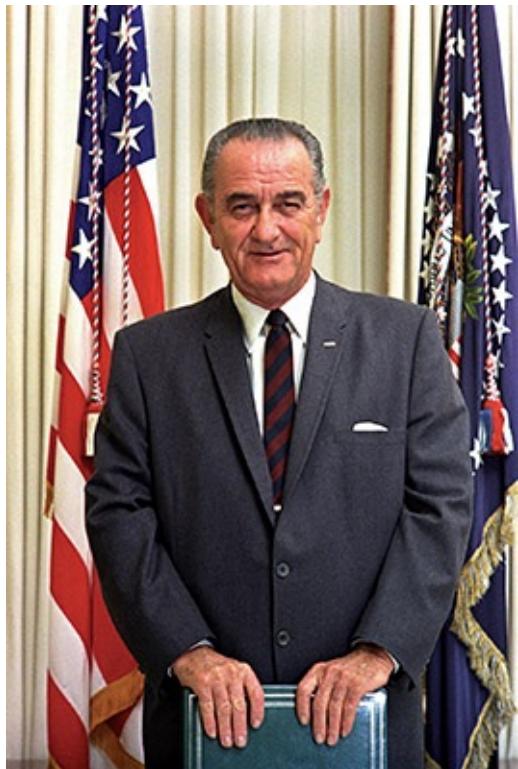
LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



LYNDON JOHNSON

Johnson, o 36º presidente dos EUA, era realmente membro da maçonaria, como tantas histórias parecem sugerir? Não, não era – apesar de, como Lincoln, ter chegado bem perto. Na verdade, ele deu os primeiros passos para se juntar à organização antes dos 30 anos. Entretanto, achava que sua carga de trabalho como membro do Congresso dos EUA era muito onerosa para que considerasse ir atrás de uma carreira na maçonaria.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



RONALD REAGAN

Ator, democrata antes de convicto republicano, governador da Califórnia, 40º presidente dos EUA, americano mais velho a ter ocupado o Salão Oval, Ronald Reagan foi muitas coisas, mas não maçom. Em um dia de fevereiro de 1988, com oito anos de presidência, Reagan se encontrou com um grupo de homens da Grande Loja de Washington, DC, na Casa Branca. Ele aceitou deles um certificado e se tornou maçom honorário do Rito Escocês. Seu trabalho também foi reconhecido com o título de Membro Honorário da Antiga Ordem Árabe dos Nobres do Santuário Místico (*Imperial Shrine*, cujos membros são chamados *shriners*). Isso faz de Reagan um maçom? Não, de acordo com as normas do Rito Escocês, no qual não está previsto o direito de tornar ninguém maçom. Para finalizar, Dick Cheney, o vice-presidente de George W. Bush, muito amigo de conspirações e segredos de todo o tipo, é outro que merece ser chamado de muitas coisas, mas, apesar de muitas convicções em contrário, não é maçom.

LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON D.C.

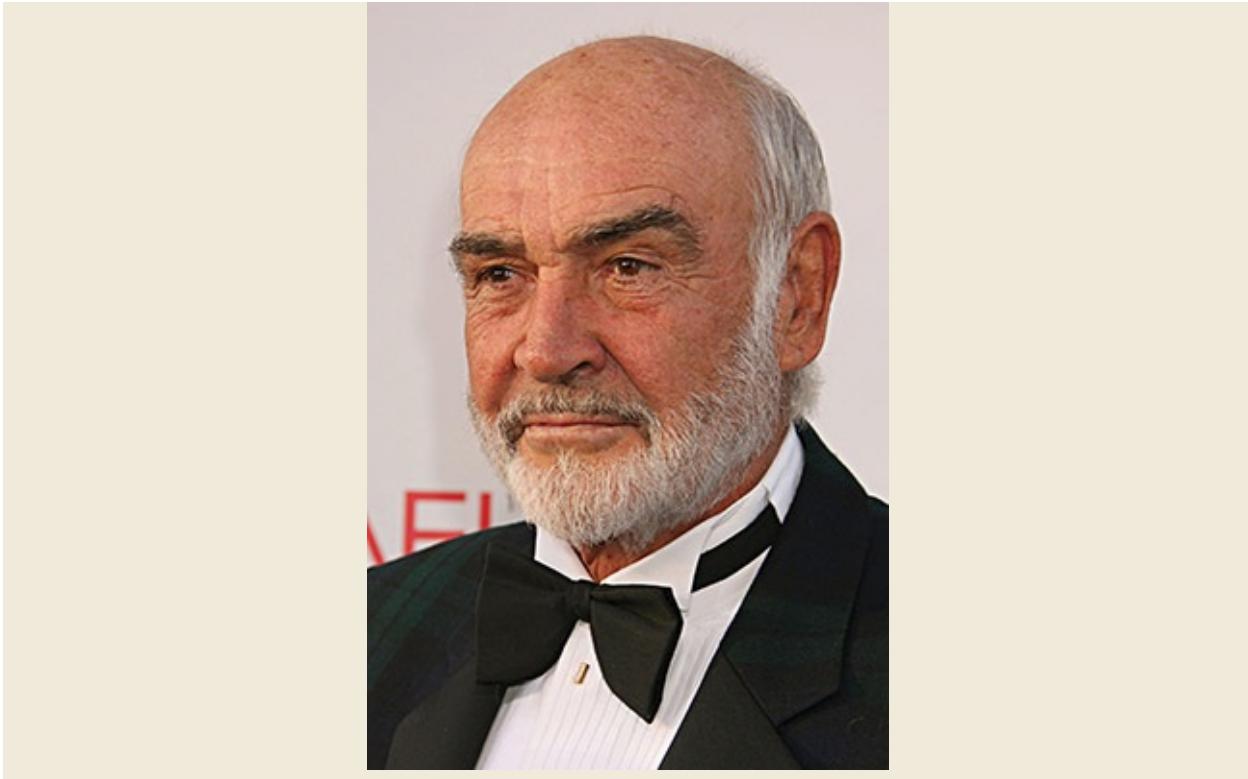


SIR SEAN CONNERY

O carismático ator escocês, que já viveu James Bond, atuou em *O homem que queria ser rei* (1975), dirigido por John Huston. Esse filme foi baseado no livro homônimo do britânico Rudyard Kipling, um maçom entusiástico, e exploraremos sua representação do simbolismo e filosofia maçônicos mais adiante.

O próprio filme oferece uma mistura mítica de personagens em meio a supostos superpoderes. Ainda há quem acredite até com base em relatos históricos de pouca credibilidade, que os maçons sejam de alguma forma mágicos. Os teóricos da conspiração dizem que, com tantas referências à irmandade em seus filmes, sir Sean tem de ser um maçom. E há uma série de referências espalhadas pela rede ligando o ator, um nacionalista escocês, à ordem. Mas não há provas para sustentar essa crença.

DIVULGAÇÃO



NEIL ARMSTRONG

Neil Alden Armstrong, o ex-piloto de combate e testes que comandou a Apollo 11, tornou-se o primeiro homem a por os pés na Lua e o astronauta mais famoso de todos os tempos em 20 de julho de 1969. Parece haver muitas evidências de que seu pai tenha sido maçom, mas nenhuma em relação ao próprio Neil. Seu colega na Apollo 11, Edwin “Buzz” Aldrin era, como já vimos, maçom (membro da Loja Clear Lake nº 1417, em Seabrook, Texas), assim como vários astronautas dignos de nota.

NASA



CHARLIE CHAPLIN

Há vários sites de internet em que você pode ler que o genial diretor e cocriador da United Artists tenha sido maçom, mas não há comprovação desse fato. A criação da United Artists oferece algumas pistas sobre a origem dos rumores. Os colegas de *sir* Charles na iniciativa foram a atriz Mary Pickford, seu marido, Douglas Fairbanks Sr., e o notável diretor D. W. Griffith. Fairbanks e Griffith eram maçons. Isso, claro, não significa que o criador de Carlitos fosse maçom? Não, Chaplin nunca foi maçom. Há uma razão definitiva pela qual o inglês não poderia ter frequentado a oficina: para ser maçom, deve-se acreditar em um Ser Supremo, e Chaplin era um ateu declarado.

NATIONAL MEDIA MUSEUM - DAILY HERALD ARCHIVE



SIR FRANCIS BACON

Bacon foi um estadista a serviço da rainha Elizabeth e do rei Jaime I e renomado filósofo. Homem de muitos talentos, a ele chegou até mesmo a ser creditada a autoria das peças de William Shakespeare. Apóstolo do empirismo, publicou as obras *Novum Organum* e *Nova Atlântida*, na qual defende o primado da ciência na missão de emancipação social. Há uma crença bastante difundida de que Bacon tenha sido maçom, mas, no máximo, ele foi um precursor. Sir Francis morreu em 1626, bem antes da existência da maçonaria especulativa em sua forma atual.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY, LONDON



LORDE BADEN-POWELL

Tenente general Robert Stephenson Smyth Baden-Powell de Gilwell, 1º Barão Baden-Powell de Gilwell, OM, GCMG, GCVO, KCB. Esse é o título do britânico fundador do movimento escoteiro mundial. E ele não era maçom. Seu irmão, sim, bem como o seu sucessor na liderança dos escoteiros, lorde Sommers, mas não o próprio Baden-Powell. Ainda assim, seis lojas maçônicas australianas foram batizadas em sua homenagem.

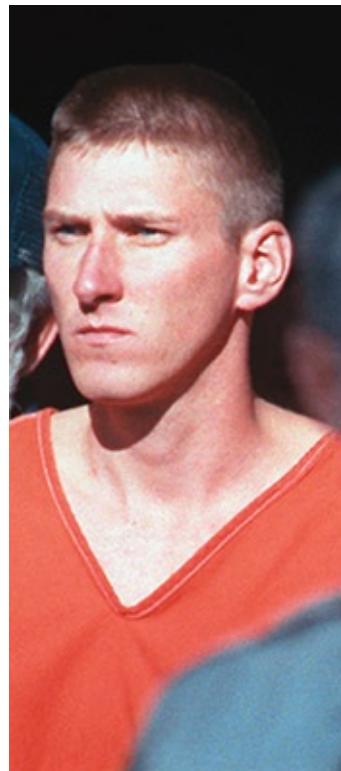
LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C



TIMOTHY McVEIGH

Cento e sessenta e oito pessoas morreram e centenas ficaram feridas quando McVeigh explodiu um caminhão em frente ao prédio federal Alfred P. Murrah, em Oklahoma, em abril de 1995. McVeigh era um extremista, terrorista e assassino em massa. Há rumores na internet de que ele também seria maçom – ainda que ninguém tenha conseguido descobrir e verificar o nome da loja de que ele supostamente seria membro. Não é difícil descobrir como esse rumor infundado começou. A internet é, como sabemos bem, um campo fértil para meias verdades, desinformação e especulação infundada. É deprimente, mas não surpreendente que, com algo tão terrível quanto o que McVeigh fez, tais rumores tenham conseguido angariar alguma credibilidade. Teoricamente, McVeigh estaria automaticamente desqualificado para se tornar membro da maçonaria. Embora muito confuso em suas convicções religiosas, como de resto em todas as suas crenças, McViegh se referiu a si mesmo como “agnóstico”, o que o colocaria em contradição com uma organização que insiste na crença em um Ser Supremo.

AFP/GETTY IMAGES BOB DAEMMERICH



ALEISTER CROWLEY

Chamado de “o homem mais perverso do mundo”, Aleister Crowley foi um ocultista inglês que morreu em 1947. Sua reputação e seu comportamento libertário durante a vida não eram o que se espera de um maçom, então o mais espantoso é que alguns acreditam e defendam que ele tenha sido. Crowley – também conhecido como “A Grande Besta” – estudou vários sistemas filosóficos e religiosos ao redor do mundo, e chegou até a criar seu próprio, que ele batizou de Thelema. Um de seus princípios era a soberania da vontade individual: “Faz o que tu queres, há de ser tudo da Lei”. Uma visão nada maçônica. Não há dúvida de que alguns dos preceitos da maçonaria influenciaram Crowley em sua filosofia, assim como elementos da cabala, da ioga e do budismo. Ele realmente se filiou a uma loja na França, e parece ter recebido o 33º grau do Rito Escocês no México. No entanto, as organizações de quem ele recebeu essas benesses não era reconhecida por nenhuma autoridade maçônica de expressão. Esse fato, contudo, faz com que subsista a ligação entre um suposto culto a Satã de Crowley e as práticas da maçonaria. Crowley pode ter acreditado que era maçom, mas a verdade é que ele nunca foi.

GETTY IMAGES



MAÇONS QUE A FRATERNIDADE GOSTARIA DE ESQUECER

BENEDICT ARNOLD

Arnold, um general do Exército Continental durante a Revolução Americana, é mais lembrado por um ato de traição que ecoou através das eras: seu plano para render o forte americano em West Point, Nova York, para os ingleses, em 1780. Ele fugiu em seguida para a Inglaterra, onde foi regiamente recompensado por sua lealdade à Coroa inglesa e recebeu um cargo no exército britânico. Arnold certamente era maçom, assim como muitos de seus contemporâneos na luta revolucionária, a grande maioria bons patriotas. Inimigos da maçonaria sempre apontaram para o ato de traição de Arnold como uma “prova definitiva” de que os maçons estão sempre prontos para a traição. É preciso lembrar que Arnold estava sob intensa pressão à época. Afundado em dívidas, ele respondia a acusações de corrupção às autoridades da Pensilvânia e, em casa, suas relações com sua segunda esposa eram complicadas pelo fato de ela ser muito simpática à causa inglesa. Isso pode

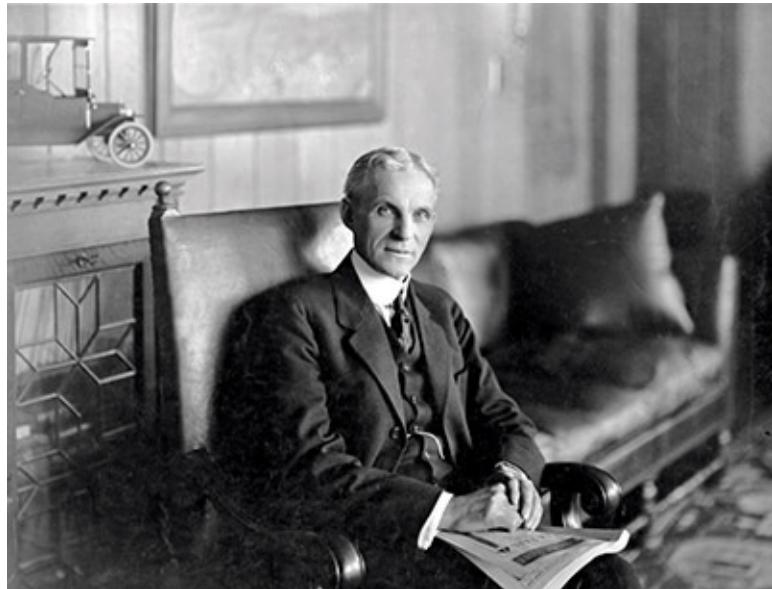
não justificar, mas explica o comportamento de todo modo reprovável de um homem que esteve perto de tornar-se herói.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NY



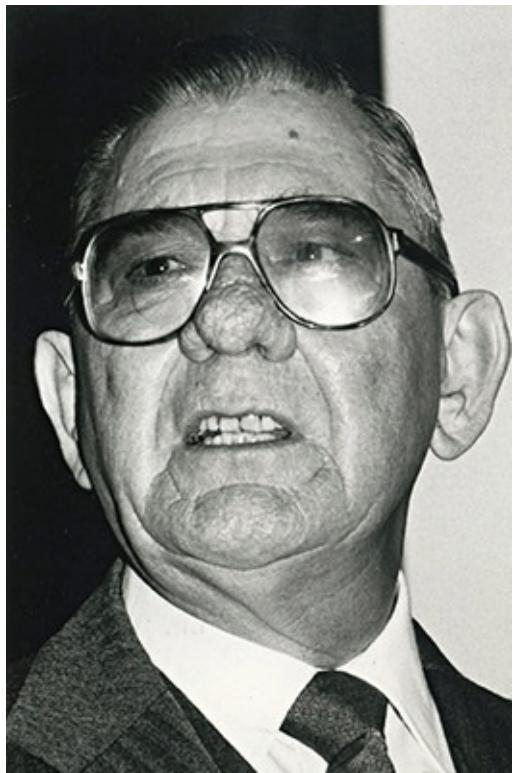
HENRY FORD

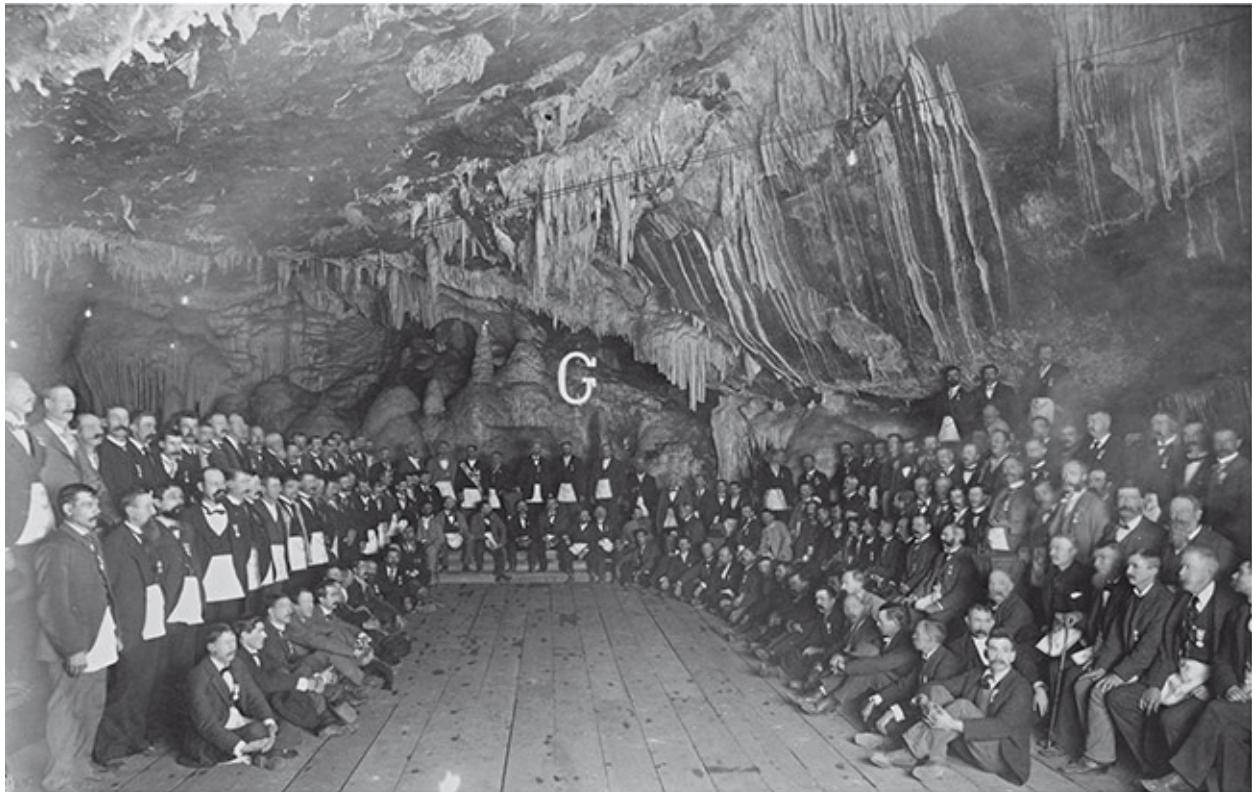
Ele fundou a Ford Motor Company, foi um pioneiro da produção em série e contribuiu decisivamente para o estabelecimento de uma consistente classe média americana. Por outro lado, foi um antissemita entusiástico, financiando jornais segregacionistas nos Estados Unidos, e um apoiador do Partido Nazista alemão, dando suporte financeiro indireto ao regime nazista enquanto este preparava a Alemanha para a guerra. Segundo a lógica paranoica de Ford, “(...) os financiadores internacionais estão por trás de toda guerra; eles são o que se chama de Judeu Internacional – judeus alemães, judeus franceses, judeus ingleses, judeus americanos. Acredito que em todos esses países, salvo o nosso próprio, o financiador judeu seja supremo... Aqui, o judeu é uma ameaça”. Esses comentários antisemitas não são aceitáveis na maçonaria, ainda que o empresário não seja o único maçom a ter dito coisa semelhante ao longo dos anos. Ford se afiliou à loja Palestine nº 357, de Detroit, Michigan, em 1894.



WILBUR MILLS

Membro democrata destacado da Câmara dos Deputados dos EUA, Wilbur Mills concorreu às primárias presidenciais do Partido Democrata em 1972. Ele é mais lembrado, entretanto, por seu envolvimento com uma *stripper* argentina. Em uma noite de outubro de 1974, Mills estava em companhia dessa artista (Annabelle Battistella, mais conhecida como Fanne Foxe, a "Argentine bombshell") quando foi parado por policiais em Washington, DC. Seu rosto estava ensanguentado, aparentemente após uma briga com ela, e ele estava alcoolizado. Foxe saltou do carro de Mills e correu para a Tidal Basin, uma enseada do rio Potomac, próxima dali, de onde foi resgatada. Tendo sobrevivido ao incidente, ela retomou a carreira, às vezes atuando sob o nome "The Tidal Basin Bombshell". Quanto a Mills, após as revelações sobre seu alcoolismo e suas relações com a sra. Foxe virem a público, foi forçado a renunciar ao principal comitê fiscal do Congresso americano, apesar de posteriormente ter ressurgido politicamente. Ele morreu em 1992. Wilbur Daigh Mills é um exemplo de maçom de comportamento bem diverso do que se espera de um "irmão". Mas Mills, tendo encarado de frente seus problemas e agido para saná-los, foi recebido de volta na maçonaria. E quanto a Foxe? Ela publicou um livro chamado *The stripper and the congressman* e voltou para a Argentina, onde, acredita-se, ainda vive, tendo hoje em torno dos 70 anos.





CAPÍTULO VIII

Encontro da Grande Loja do Arizona numa caverna em Bisbee, nos Estados Unidos, em 1897

LENDAS MAÇÔNICAS

O CARÁTER SECRETO QUE ENVOLVE AS ATIVIDADES DAS LOJAS É UM PRATO CHEIO PARA ALIMENTAR UMA SÉRIE DE CRENÇAS A RESPEITO DOS "IRMÃOS". ALGUMAS GUARDAM ATÉ UM LONGÍNQUO PARENTESCO COM A VERDADE, OUTRAS SÃO PURA FANTASIA

A chamada antimaçonaria é quase tão antiga quanto a própria maçonaria. A oposição é alimentada, sobretudo, pelo caráter sigiloso da organização e pela suspeita permanente de que os maçons são mais do que aparecem. Igrejas, governos e indivíduos, hoje dedicados a blogs com informações as mais

estapafúrdias, comandaram desde sempre o combate aos “irmãos”. Também não são de hoje as insinuações de que o amor fraterno expresso na filosofia da maçonaria vá além da generosidade para com o próximo por razões altruístas. As teorias da conspiração existem desde o início da organização e os maçons sabem que conviverão com elas até que o último dos irmãos pendure seu avental e suas joias. Sempre que acontecem um assassinato político, um atentado, uma morte inexplicada ou qualquer outro evento misterioso que simplesmente pareça não fazer sentido, não demora para que surjam rumores de que os maçons estão ligados ao fato de alguma forma.

Em face a tal oposição, uma análise mais racional pode servir para contrabalançar a indústria do medo. Este capítulo examina alguns dos acontecimentos notáveis que foram ligados à maçonaria e tenta ver algum sentido nas teorias conspiratórias que estão no cerne dos acontecimentos.

O ASSASSINATO DE KENNEDY

A data está gravada na mente de milhões de pessoas ao redor do mundo: sexta-feira, 22 de novembro de 1963. Esse foi o dia em que o presidente John F. Kennedy foi baleado e morto quando ele e sua esposa, Jacqueline, seguiam em um comboio presidencial através de Dealey Plaza, em Dallas, Texas. Os detalhes são chocantes – metade da cabeça de Kennedy explodiu – e as ondas de choque do assassinato foram sentidas em todo o mundo. Não esqueçamos que Kennedy, o 35º presidente dos EUA, estava no ápice da popularidade quando de sua morte prematura. Ele era jovem, carismático e poderoso – a América o amava, com exceção dos mais conservadores. Não esqueçamos, também, que ele foi o quarto presidente dos EUA a ser vitimado por um plano de assassinato.

Nas horas que se seguiram aos eventos em Dealey Plaza, o ex-fuzileiro naval americano Lee Harvey Oswald, empregado do Depósito de Livros Escolares do Texas, de onde os tiros foram disparados, foi preso e acusado do homicídio. A prova de sua culpa ou inocência não foi estabelecida, pois não chegou a ser julgado: ele mesmo foi morto a tiros, quando estava sob custódia policial, por Jack Ruby, dono de um clube noturno. Então, quem matou JFK e por quê? A Comissão Warren, estabelecida para encontrar as respostas, não tinha muitas dúvidas. Em sua resposta de setembro de 1964, a comissão concluiu que Oswald era o assassino e agira sozinho. Uma investigação posterior conduzida pelo Comitê da Câmara sobre Assassinatos, relatada em 1979, descobriu que Oswald de fato fora o assassino, mas provavelmente agira em conluio com

outras pessoas. As teorias conspiratórias, algumas envolvendo maçons, já circulavam livremente desde aquele dia fatídico de 1963.

Uma das mais famosas teses sobre a morte de Kennedy foi escrita pelo falecido James Shelby Downard, que publicou um ensaio sobre o assunto, *King-Kill 33: masonic symbolism in the assassination of John F. Kennedy*. As evidências de Downard para sua teoria são longas e complexas. Em resumo, ele afirma que Dealey Plaza, local do crime, também foi o ponto onde se ergueu o primeiro templo maçônico de Dallas – e a cidade fica logo ao sul do 33º grau de latitude. Todo teórico da conspiração sabe que o 33º grau é o mais alto da maçonaria.

Além disso, o enredo da peça *Macbeth*, de Shakespeare, em que um rei é morto em uma trama tecida por três bruxas e seu sucessor também é morto, segue de perto as reviravoltas da história de Lee Harvey Oswald e Jack Ruby. E a conexão com Shakespeare não termina aí. Mason (maçom, em inglês) dá nome a uma estrada, no Texas, que segue em direção à fronteira do Texas com o Novo México, estado apelidado de “Terra do Encanto”, na linha de 32 graus de latitude. Quando essa linha é alongada para oeste, para dentro da Terra do Encanto, ela fica na metade do caminho entre Deming e Columbus – e a norte de Columbus ficam as montanhas Três Irmãs, cerca de 32 milhas entre as cidades e apenas um minuto ao sul do 32º grau. Se a linha for seguida ainda mais para o oeste, passa pela cidade de Shakespeare a uma distância praticamente equivalente à que o 32º grau passa das Três Irmãs. Tanto Shakespeare quanto as Três Irmãs se relacionam a Macbeth, argumenta Downard. Quando o paralelo 32 é seguido até o Arizona, ele cruza uma velha trilha, chamada Estrada Ruby, ao norte de uma cidade fantasma – que se chamava Ruby. A estrada vai para o norte, para uma área onde há dois picos montanhosos, chamados montanhas Kennedy e Johnson.

A teoria de Downard se conclui com a observação de que o presidente Lyndon Johnson, um maçom, indicou Earl Warren, outro maçom, para investigar as circunstâncias do assassinato de Kennedy. Downard sugere, ainda, que Gerald Ford, um maçom do 33º grau, conseguiu ocultar provas da conspiração e revela que os homens do FBI e da CIA, J. Edgar Hoover e Allen Dulles, ambos maçons, eram vitais no fornecimento de provas à Comissão Warren.

Alguns acreditam que as acusações de Downard são prova genuinamente incriminadora do envolvimento maçônico na morte de JFK. Os menos crédulos preferem uma análise mais racional dessas teorias. Vamos começar

com a ligação de Shakespeare com o assassinato de JFK. William Shakespeare, talvez o maior escritor que a língua inglesa já teve, era um maçom e estava prevendo a tragédia de Kennedy em *Macbeth*? Há outras teorias que indicam que o grande autor foi um dos operadores na criação da maçonaria, mas não há provas sólidas que as corroborem. Agora, quanto às teorias sobre o 32º grau, quer sejam interpretadas como uma referência ao grau maçônico, à linha geográfica de latitude ou a ambos, deve-se lembrar que essa linha de latitude específica cobre uma grande área do sudeste dos EUA e inclui partes do Novo México, Arizona e Texas. Qualquer teórico da conspiração de respeito poderia passar horas sem fim destacando linhas de latitude com nomes “significativos” para montar uma teoria que parecesse razoavelmente convincente para ser postada na internet. Então o assassinato de Kennedy foi o resultado de uma trama maçônica de grandes proporções? Lee Harvey Oswald foi um peão nas mãos de um grupo de maçons decididos a livrar o mundo desse presidente ousado? É claro que uma conspiração não pode ser descartada, mas não há o menor sinal de que ela pudesse envolver a maçonaria ou interessar-lhe.

JACK, O ESTRIPADOR

Na segunda metade de 1888, os cidadãos de Londres, especialmente as mulheres, viviam sob a sombra de uma série de assassinatos horripilantes que, desde então, mobilizam a imaginação dos teóricos da conspiração. Um assassino em série que passou a ser conhecido como Jack, o Estripador, matou, da forma mais macabra possível, várias jovens na nada elegante região de Whitechapel, no leste da cidade. Suas vítimas eram prostitutas ou mulheres que viviam próximas à marginalidade, mas isso não diminuía o terror que tomou conta da população. As mortes começaram por Mary Ann Nichols, em 31 de agosto, e continuaram com Annie Chapman (8 de setembro), Elizabeth Stride (30 de setembro), Catherine Eddowes (também em 30 de setembro) e Mary Jane Kelly (9 de novembro).

Os detalhes dos assassinatos eram o que mais horrorizava: as vítimas eram primeiro estranguladas, depois tinham a garganta cortada e os abdome mutilado de um modo que levou muitos observadores a acreditar que o assassino tivesse conhecimento e prática de cirurgia. O útero de Annie Chapman foi removido, enquanto o útero e o rim direito de Catherine Eddowes foram levados. No caso de Mary Jane Kelly, o assassino deixou o local do crime com seu coração.

HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES



Ilustração publicada em 1888 mostra policiais descobrindo o corpo de uma das vítimas de Jack:
teorias ligam assassinatos a ritual maçônico

O nome “Jack, o Estripador” começou a ser usado no final de setembro, quando a agência Central News recebeu uma carta. Assinada por “Jack, o Estripador”, ela se referia a um “avental de couro” e continuava: “Meu alvo são as vadias e continuarei estripando-as até que eu seja acorrentado”. A Polícia Metropolitana de Londres buscou de todas as formas solucionar os crimes e, como agora, não faltaram suspeitos para essa série notável de assassinatos. Na época, a lista de suspeitos incluía Michael Ostrog, um ladrão e golpista nascido na Rússia; dr. Francis J. Tumblety, um médico charlatão americano que deixou a Inglaterra às pressas em novembro; Aaron Kosminski, um judeu polonês pobre que vivia nos arredores do local dos crimes, e Montague John Druitt, um advogado e professor que tirou a própria vida em dezembro de 1888.

Nunca faltaram novas teorias sobre a verdadeira identidade do Estripador,

mas uma das mais conhecidas aponta para o médico particular da rainha Vitória, dr. William Gull, que era maçom. Essa história é exposta em minúcias no livro de Stephen Knight *Jack the Ripper: the final solution*, de 1976. A rainha teria ordenado a Gull que cometesse os assassinatos porque as infelizes vítimas sabiam de um casamento clandestino entre uma prostituta, Annie Crook, e um dos netos de Vitória, o príncipe Alberto Eduardo. A teoria de Knight sugeria também que o casal tinha uma filha e Annie Crook fosse católica – algo que teria horrorizado a rainha Vitória, chefe da Igreja Anglicana. Os assassinatos, de acordo com o autor, foram conduzidos de acordo com um ritual maçônico. Gargantas foram cortadas de orelha a orelha, seios esquerdos, abertos, órgãos, arrancados e queimados – todas essas ações que podem ser encontradas em punições associadas a antigos juramentos maçônicos.

TOM DILLARD/STAFF PHOTOGRAPHER



Comitiva de Kennedy momentos antes de sua morte, em 1963: muitas teses envolvem maçons tanto no assassinato quanto na investigação do crime

Uma pichação encontrada numa parede de Whitechapel na época dos crimes ajudou a alimentar a teoria maçônica: "Os Juwes são os homens que

não serão culpados por nada". Knight afirma que a pichação foi apagada por ordem de *sir* Charles Warren, um maçom que era o chefe da Polícia Metropolitana e temia que o escrito desse vazão ao sentimento antijudaico. Knight vai além, dizendo que os "Juves" mencionados na inscrição não eram outros senão os assassinos de Hiram Abiff, o mestre da construção do Templo de Salomão. As teorias de Knight são baseadas nas de um certo Joseph Sickert, cujo pai, Walter, um pintor vitoriano, sabia da conspiração e teria contado o segredo para o filho.

A história de Knight resiste a um exame? É difícil levar a sério a sugestão de que o dr. Gull tenha praticado esses assassinatos com requintes de crueldade quando se verifica que, em 1888, ele era um senhor de 72 anos que tinha problemas cardíacos e acabara de sofrer um derrame. Podemos aceitar que o eminente médico tivesse o conhecimento cirúrgico necessário para mutilar os corpos da forma descrita. Quanto à evidência sobre os "Juves", nenhuma parte do ritual maçônico faz menção a "Juves". De resto, a maçonaria inglesa removera a menção aos assassinos de Hiram Abiff muito antes de os crimes de Whitechapel ocorrerem. Annie Crook podia não ser da nobreza, mas não era católica e, portanto, não era proibida por lei de chegar ao trono britânico. E, de resto, nunca foram encontrados registros de nenhuma espécie que pudesse indicar que uma união tão improvável tenha ocorrido. O maior golpe na teoria de Knight veio quando Joseph Sickert se retratou, admitindo que sua história implicando o dr. Gull fora produto de sua própria imaginação.

ALBERT PIKE E A KU KLUX KLAN

Uma das acusações mais comumente lançadas contra a maçonaria é a alegação de que Albert Pike, um dos mais conhecidos maçons americanos do século XIX, fundou a Ku Klux Klan, a congregação de suprematistas brancos conhecidos por seu ódio racial e seus capuzes grandes. Essa é uma acusação explosiva. A maçonaria, como vimos, declara que o amor fraterno é um de seus maiores princípios e, teoricamente, não se associaria a uma organização que tem sido, em suas várias formas e ao longo das décadas, ligada a atos de assassinato, violência e opressão contra os não brancos, os católicos e os judeus.



O mestre maçom Albert Pike: racista, com certeza; líder da KKK, pouco provável

THE BRITISH MUSEUM



As três bruxas de Macbeth: peça de Shakespeare na qual morte de JFK estaria prevista

Macbeth, Shakespeare: as três bruxas, gravura a mezzotinta, H. Fuseli, 1783, depois J. R. Smith, 1785

Para chegar à verdade sobre a controvérsia Pike/Klan, precisamos entender os personagens principais. Primeiro, quem era Albert Pike? Simplesmente, um dos mais importantes maçons do Rito Escocês que a irmandade jamais tivera. Nascido em 1809, Pike logo deixou sua marca: passou em um exame admissional para Harvard aos 15 anos, mas a falta de recursos o impediu de completar os estudos. Ainda assim, ele tornou-se professor, editor de livros, advogado, editor de jornal, diplomata e brigadeiro-general das forças confederadas durante a Guerra Civil Americana. Pelo caminho, Pike se interessou pela maçonaria e se tornou aprendiz na loja Western Star nº 2, em Little Rock, Arkansas, em julho de 1850. Seu progresso foi rápido. Ele entrou para o Rito Escocês em 1853 e, apenas seis anos depois, foi eleito grande comandante soberano do Rito Escocês, Jurisdição Sul. Ele manteve esse posto até a morte, em 1891. As contribuições mais longevias de Pike ao Rito Escocês

foram sua revisão do ritual daquele corpo e sua obra *Moral e dogma* (*Morals and dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*), publicado em 1871 e um dos livros canônicos da maçonaria. Em resumo, Albert Pike era um homem bastante ocupado e de intelecto e capacidade consideráveis.

E quanto à Klan? É importante perceber que houve três versões distintas desse agrupamento de racistas afins. A primeira, estabelecida na década de 1860 por veteranos confederados do sul, não durou muito com suas atividades de intimidação dos escravos libertos, políticos do norte que tentavam a eleição no sul e outras iniciativas nada elogiáveis. A segunda, que floresceu por todos os EUA nos anos 1920, foi inspirada pelo filme de D. W.

LIBRARY OF CONGRESS , WASHINGTON D.C.



Registro maçônico parcialmente preenchido por Alex. F. Clark, publicado em 1876

Griffith *O nascimento de uma nação*, de 1915, que glorificava os membros originais. Linchamentos e queima de cruzes foram seus meios até sua dissolução, em 1944. A terceira, um grupo que está ativo até hoje, descreve seus integrantes como "promotores da civilização cristã branca" e dizem acreditar que "os conceitos de propriedade privada, liberdade de iniciativa, direitos dos pais, liberdade de expressão, direito a julgamento por um júri, direito de requerer ao governo a reparação de injustiças etc. são ingredientes

essenciais a uma sociedade civilizada e moral. Esses são conceitos nascidos da genialidade de homens e mulheres brancos... Quando honramos esses ideais, honramos nossos ancestrais e nossa cultura cristã branca".

Fica claro que a Klan não acredita em amor fraterno universal, e sim numa espécie de fraternidade exclusiva à qual apenas os brancos teriam acesso. Obviamente, não é esse o amor que Pike jurou demonstrar em seus ritos na oficina. Então por que ele é comumente acusado de envolvimento com a KKK original? As acusações se originaram de um livreto escrito por um dos fundadores originais da Klan, capitão John C. Lester, em 1884. Nele, Lester relembrava velhas histórias da Klan, mas não fazia referência a Pike. Em 1905, o dr. Walter L. Fleming reimprimiu o livreto, adicionando às histórias de Lester a afirmação infundada: "O general Albert Pike, que tinha alto posto na hierarquia maçônica, era o oficial judicial chefe da Klan".

Susan L. Davis contribuiu, em 1924, com sua publicação de *Authentic history, Ku Klux Klan, 1865-1877*. Ela repete a afirmação de que Pike era um membro graduado da Klan, sem se preocupar em verificar as fontes altamente questionáveis de Fleming, que nunca foram corroboradas. O nome de Pike nunca foi mencionado nas audiências no Congresso em 1872 sobre a Klan – estranho para um homem que estaria no topo da hierarquia da organização original. Críticos do suposto ódio de Pike contra os afro-americanos gostam de apontar uma citação atribuída a ele no livro *History and evolution of Freemasonry*, publicado em 1954: "Tomei minhas obrigações de homens brancos, não de negros. Quando eu tiver de (escolher entre) aceitar negros como irmãos ou deixar a maçonaria, eu a deixarei". Quando se observa o texto completo, no entanto, fica claro por que é salutar não se concentrar apenas em partes de uma citação: "O status da maçonaria negra neste país talvez nunca tenha sido mais bem definido como por Albert Pike, em 1875, quando disse que 'a loja Prince Hall era uma loja comum, como qualquer loja criada por autoridade competente. Tinha perfeitamente o direito de estabelecer outras lojas e se tornar uma loja mãe. Não estou inclinado a me intrometer na questão. Tomei minhas obrigações de homens brancos, não de negros. Quando eu tiver de (escolher entre) aceitar negros como irmãos ou deixar a maçonaria, eu a deixarei. Melhor deixar a coisa seguir seu curso'". Pike demonstra claramente uma atitude que hoje seria considerada racista, mas que deve ser relativizada quando se considera a realidade do século XIX. E, sobretudo, a frase foi dita num contexto de defesa dos direitos de uma loja formada por afro-americanos. De toda forma, isso não prova que Albert Pike

foi um dos motores primários na criação da Ku Klux Klan. Não há evidências suficientes para afirmar que sim, ainda que, julgando-se pelos padrões de hoje, ele era, sem dúvida, racista, o que não se coaduna com a pretensa fraternidade pregada pela maçonaria.

HITLER CONTRA OS MAÇONS

Não são apenas os teóricos da conspiração que pensam que os maçons são a raiz de todo o mal – durante décadas, pessoas com muito mais poder também acreditaram nisso. E com consequências bem mais terríveis. Adolf Hitler abominava os maçons quase tanto quanto odiava os judeus. A perseguição à fraternidade começou quando de sua ascensão ao poder na Alemanha, em 1933, e continuou até sua morte no bunker de Berlim, em 1945. Os maçons eram ameaçados, enviados a campos de concentração e mortos, com tantos outros que incorriam no desagrado de Hitler.

Na visão paranoica do ditador, os maçons dariam suporte à conspiração internacional dos judeus, que aumentavam seu controle sobre o mundo a cada nova geração. Em *Mein Kampf*, escreveu: “Para fortalecer sua posição política, (o judeu) tenta acabar com as barreiras raciais e civis que, por um tempo, ainda detêm cada um de seus passos. Para esse fim, ele luta com toda a tenacidade que lhe é inata pela tolerância religiosa – e, na maçonaria, que sucumbiu a ele por completo, tem um excelente instrumento com que batalhar por seus objetivos e os expor. Os círculos governantes e as camadas superiores da burguesia política e econômica são conduzidos à sua rede pelas amarras da maçonaria, sem que se levantem suspeitas sobre o que está acontecendo”.

Parece estranho, então, que o autoproclamado maçom Rudolf Glandeck von Sebottendorff, em um livro, alegue que a maçonaria tenha tido grande influência sobre Hitler quando este planejou instituir o domínio da raça ariana sobre as demais. Não há evidências de que Sebottendorff, de fato, fosse membro de alguma organização maçônica. Entretanto, parece procedente a informação de que ele tenha se alinhado a algumas organizações pseudomaçônicas no Oriente Médio. Ademais, é igualmente bizarro que, quando Hitler enfrentava a perspectiva de captura ou suicídio em seu bunker, lhe fizesse companhia um retrato de Frederico, o Grande (1712–1786), antigo rei da Prússia... e maçom.

HULTON ARQUIVE



Desde a ascensão ao poder, Hitler perseguiu maçons

CHICAGO TRIBUNE HISTORICAL



Membros da KKK em cerimônia de iniciação em Chicago, em 1921

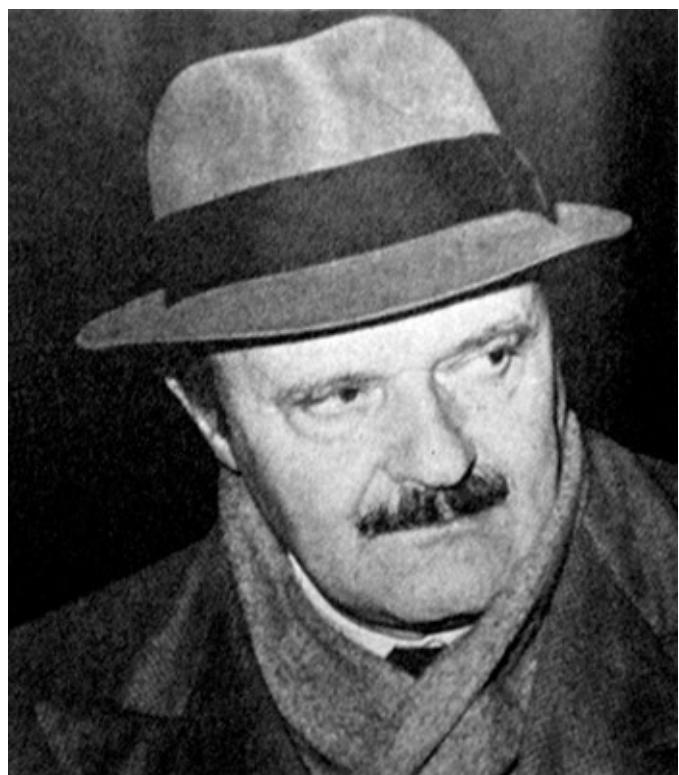
P2 – PROPAGANDA DUE

Uma peculiar loja maçônica italiana foi o centro de um escândalo de grandes proporções. Essa loja, conhecida como Propaganda Due ("due", em italiano, "dois"), foi fundada em 1895, mas teve as atividades encerradas por ordem do grão-mestre do Grande Oriente da Itália em 1976, depois de ter ficado evidente que estava lotada de homens de caráter duvidoso, alguns dos quais tinham mais do que estreitas ligações com a Máfia. O venerável mestre daquela loja, Licio Gelli, rebelou-se contra o fechamento forçado e se empenhou na tarefa de estabelecer uma nova organização, que seria chamada P2, grupo que não seria reconhecido por nenhuma autoridade maçônica. Em desdobramento trágico, o cadáver de Roberto Calvi foi encontrado, em 1982, pendurado sob a ponte de Blackfriars, em Londres, com tijolos nos bolsos do paletó e cerca de 14 mil libras em espécie. As suspeitas

do envolvimento dos maçons com o assassinato espalharam-se como fogo em palha tão logo foi divulgado que o falecido era membro da P2. O detalhe dos tijolos era um prato cheio para quem queria comprometer os sucessores dos antigos pedreiros-livres.

Calvi era um banqueiro de Milão que estivera envolvido no desfalque que resultara na quebra do Banco Ambrosiano, que então cuidava de grandes quantias pertencentes ao Vaticano. Como presidente do banco (e apelidado de “banqueiro de Deus”), ele e Michele Sindona, banqueiro com ligações com a Máfia, haviam sido responsáveis por fazer desaparecer cerca de US\$ 50 milhões das contas do banco. Calvi havia sumido na época em que o banco caminhava para a ruína, até ser encontrado enforcado sob a Blackfriars. Outras sérias implicações decorreram então. Alguns membros da P2 estavam em altos postos do governo italiano e sucumbiram à crise diante das graves suspeitas. Quem teria matado Calvi e por quê?

Não havia muitas dúvidas na mente dos antimacônicos, que acusavam a maçonaria do assassinato bárbaro, dando pouca importância para o fato de a P2 não ser uma loja pertencente à estrutura organizacional maçônica. Parte da verdade sobre o crime emergiu mais de 20 anos depois da morte de Calvi. O julgamento de cinco pessoas acusadas pelo homicídio começou em Roma em 2005. Os investigadores acreditavam que o banqueiro estivesse lavando dinheiro para a Máfia e um dos acusados, Pippo Calò, era conhecido como “o caixa da Máfia”. Esse homem era acusado de ser o principal mandante do assassinato, pois temia que Calvi, naquele momento arruinado e cercado pela polícia, pudesse revelar segredos que prejudicassem organizações políticas, criminosas e religiosas da Itália. Os tijolos nos bolsos, ao que parece, serviam apenas para fazer peso sobre o cadáver do banqueiro. Os cinco acusados – o financista Flavio Carboni, sua ex-namorada Manuela Kleinszig, o empresário romano Ernesto Diotallevi, o ex-guarda-costas de Calvi, Silvano Vittor, além de Pippo Calò – foram absolvidos por falta de provas. Ficou claro, porém, que Calvi fora vítima de queima de arquivo. Muita gente ficou feliz com seu desaparecimento, até mesmo, muito provavelmente, alguns membros da loja não maçônica P2.



O banqueiro Roberto Calvi, assassinado em 1982, era membro de loja não oficial

REPRODUÇÃO

INITIATION DU GRAND ÉCOSSAIS DE SAINT ANDRÉ



Le Baphomet, idole des Templiers, est alors porté processionnellement
dans la salle de la Grande Loge.

Ilustração da obra *Les mystères de la franc-maçonnerie dévoilés*, do ex-maçom Léo Taxil, que escreveu

livros difamando a ordem

Initiation du Grand Écossais de Saint André, *gravura, Pierre Méjanel e F. Pannemaker, 1886*

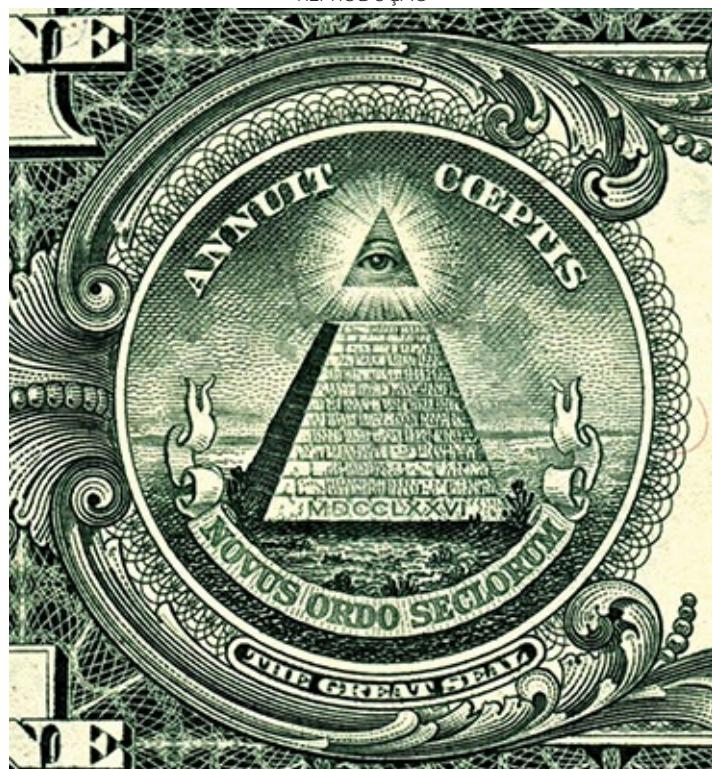
A NOTA DE US\$ 1

A cédula de US\$ 1 americano apresenta certos símbolos maçônicos. Será que isso é o bastante para sustentar a versão de que os maçons controlam o governo dos Estados Unidos e suas instituições monetárias? O Grande Selo no verso da nota, brasão de armas conhecido de todo americano, mostra uma águia com 32 penas e com um ramo de oliveira numa garra e flechas na outra. Há 13 estrelas acima da cabeça da ave e, abaixo, a inscrição latina "*E pluribus unum*", que significa "De muitos, um". É fácil interpretar esse simbolismo em termos maçônicos. Alguns afirmam que as 32 penas da águia referem-se aos 32 graus do Rito Escocês. A ave é também símbolo de São João Evangelista, a quem se atribui a autoria do livro do Apocalipse e é o patrono da maçonaria. O ramo de oliveira pode ser associado ao rei Salomão, cuja importância para os maçons já foi explicitada. As flechas são simbólicas do pai de Salomão, Davi. Pode-se afirmar ainda que as estrelas representam as tribos de Israel; "De muitos, um" pode ser interpretado como um lema descriptivo da maçonaria. A outra parte do Grande Selo compreende uma pirâmide encimada pelo Olho da Providência, símbolo de Deus, ou do "Grande Arquiteto do Universo", dentro de um triângulo. Abaixo da pirâmide, encontra-se a inscrição "*Novus Ordo Seclorum*". O significado maçônico do triângulo, da pirâmide (símbolo da natureza hierárquica do ofício) e do "olho que tudo vê" é evidente, e a inscrição é lida por alguns como "Uma Nova Ordem Mundial" – que se afirma ser uma prova da conspiração maçônica ao redor do mundo. Finalmente, a frente da cédula de US\$ 1 apresenta um retrato de George Washington – que, conforme vimos, era um maçom renomado, entre tantos outros presidentes americanos que foram membros da organização.

A simbologia da nota deve ser compreendida no contexto da época em que o Grande Selo foi concebido e projetado por um grupo de homens liderados por Benjamin Franklin. A águia-de-cabeça-branca é uma criatura imponente e poderosa, que simboliza a independência e representa, na nota, o sucesso da Revolução Americana e do rompimento com o governo britânico. O ramo de oliveira é amplamente reconhecido como um símbolo da paz, necessária naquele momento para uma nação que pretendia alçar voo. As flechas, por outro lado, simbolizam a prontidão dos Estados Unidos para defender sua independência caso fosse necessário. As 13 estrelas são as 13 colônias originais. "*E pluribus unum*": isso pode ser tomado como uma descrição da maçonaria, mas é um mote ainda mais apto a descrever uma nação formada por vários povos diferentes.

A pirâmide: símbolo da hierarquia fundamental aos maçons e também aos Estados Unidos da América. A pirâmide no brasão de armas americano está incompleta. O trabalho dos pais fundadores também estava inacabado, pois muito restava a ser feito na nação que se alçava: como exemplo disso, tem-se o oeste, que ainda deveria ser explorado por completo.

REPRODUÇÃO



© 2015 USGCNSW



Cerimônia maçônica em Petersham, na Austrália: práticas ainda são um mistério para a maioria da população

Atente-se bem para o lado “oeste” da pirâmide – é escuro, misterioso e desconhecido. O triângulo: certamente a figura de três lados tem grande importância para os maçons, conforme já vimos. Ocorre que ela também é a forma natural do topo de uma pirâmide e, frequentemente, representa a ideia cristã da Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Temos, então, o Olho da Providência, “o olho que tudo vê”. Os maçons o estão vigiando, poderia ser essa a sugestão. Eles espreitam todos os aspectos da sua vida e estão tentando controlar seus pensamentos e suas ações, mas o Olho da Providência, como emblema da divindade, foi encontrado na simbologia imagética cristã séculos antes de supor que as primeiras lojas maçônicas tenham sido formadas. Ele era, e ainda é, um símbolo de um Deus onipresente e onisciente.

“*Novus ordo seclorum*” não significa “nova ordem mundial”, mas “nova ordem dos séculos”. Charles Thomson sugerira a frase e explicara que a datação “1776” sob a pirâmide era aquela da Declaração da Independência, “e as palavras sob ela significam o início da nova era americana, que começa a

partir daquela data". George Washington de fato era maçom, assim como muitos homens de renome da época o eram. Benjamin Franklin, um dos quatro homens encarregados de projetar o Grande Selo, era igualmente membro da organização, mas os outros três não eram. Assim como não o eram os demais homens dos dois outros grupos que deram sequência ao trabalho da comissão original antes que o brasão de armas fosse aprovado.

É difícil dizer que não há traço da presença maçônica na nota do dólar, mas é pura lenda afirmar que a cédula simbolize poder ou vigilância da ordem sobre a vida americana.

IMPUNIDADE

Muitos escritores afirmaram ao longo do tempo que maçons foram protegidos em delegacias e tribunais por companheiros de ofício, passando por sobre os princípios legais. Em seu livro *The brotherhood – O mundo secreto dos Maçons*, de 1985, o britânico Stephen Knight foi um desses escritores. Ele acreditava que os interesses dos maçons faziam com que a justiça não fosse feita em muitos casos, implicando até mesmo que pessoas inocentes por vezes fossem mandadas à cadeia, enquanto os culpados sairiam impunes. Segundo Knight, sinais maçônicos secretos seriam trocados entre o juiz e o acusado no banco dos réus, enquanto magistrados e policiais agiriam em conluio nos processos a fim de garantir que colegas maçons saíssem livres de qualquer punição.

Não há como escapar: os maçons estão obrigados, por seu juramento, a prestar ajuda a seus companheiros. No entanto, isso implica que membros da fraternidade tenham passado dos limites e deixado seus princípios influenciar seus deveres legais? É possível. É importante, porém, destacar que, se o fizeram, deixaram de cumprir outro dos juramentos maçônicos: ajudar a guiar os irmãos no desvio de volta ao caminho da retidão. O dever do maçom em sua loja é sempre observar um código moral elevado, um que não abrange o envio de inocentes à prisão nem o favorecimento da impunidade.

TUDO DOMINADO

Casos como a P2, Jack, o Estripador, e o assassinato de Kennedy são apenas alguns exemplos dos muitos momentos em que a maçonaria se viu na linha de fogo. Devemos, ainda, mencionar o caso do Clube de Bilderberg, fundado na década de 1950 para reunir pessoas de influência internacional para

discutir informalmente questões de relevância, mas que foi acusado de ser uma fachada para a “nova ordem mundial”, sob a qual um pequeno grupo de homens passaria a governar o planeta. A afirmação de que os maçons estão por trás desse grupo se repetem. Outra “prova” da influência maçônica são as ruas de Washington D.C., que podem ser ligadas de modo a formar um pentagrama, de significado místico e simbólico.

Há inúmeros outros mitos e teorias que ligam a maçonaria ao satanismo ou a influências indevidas no funcionamento dos governos e sistemas judiciários. A maçonaria, suas práticas e filosofias permanecem como um mistério para a grande maioria da população mundial simplesmente porque essa grande parcela não é maçom e a fraternidade mantém a opção pela discrição. Os maçons são milhões e muitos deles de fato detêm posições influentes. E, claro, não são todos homens que mantêm a retidão preconizada pela filosofia da organização. Eventualmente, um maçom será flagrado em atitude que será tão reprovável na vida civil quanto na oficina. No entanto, a instituição como um todo não estará envolvida nesse caso e muito menos no controle secreto do planeta – o que não impede que algumas pessoas continuem a alimentar divagações mirabolantes e a se aferrar à crença de que a maçonaria é uma força maligna.

PARAMOUNT ENTERTAINMENT



CAPÍTULO IX

Tom Hanks em cena de *O código Da Vinci*: maçonaria presente na trama

NAS TELAS E PALCOS, SEM PERDER A DISCRIÇÃO

AS REFERÊNCIAS MAÇÔNICAS SÃO ABUNDANTES NA LITERATURA, MÚSICA, CINEMA E TV, APESAR DE NEM SEMPRE TÃO ÓBVIAS, COMO MANDA O FIGURINO DA FRATERNIDADE

O *código Da Vinci*, fábula intrigante do autor de *best sellers* Dan Brown que conta a história de supostos descendentes de Jesus Cristo, é apenas uma entre as tantas referências feitas à maçonaria na mídia de massa. O romance policial de assassinato faz diversas alusões à organização – segundo Brown, alguns membros estão entre os guardiões do segredo da família de Jesus. Esse fascínio teve continuidade com o lançamento da adaptação de *O código Da Vinci* para o cinema, feita por Ron Howard, e com o

livro seguinte de Brown. Entretanto, a irmandade, ao longo de sua história antiga e fascinante, foi inspiração e fonte para trabalhos de artes plásticas, literatura, música, teatro e cinema, entre outras formas culturais.

Embora muitas informações e interpretações mais próximas da fantasia do que da realidade tenham sido disseminadas por autores e artistas, são muitos os trabalhos de arte e de cultura popular que oferecem uma perspectiva inesperada e estimulante sobre o mundo da fraternidade. Vão desde os trabalhos musicais inspirados na organização compostos por Wolfgang Amadeus Mozart, até os mistérios do mestre da literatura *sir Arthur Conan Doyle*, pai de Sherlock Holmes. Nos produtos dos estúdios de cinema de Hollywood, também estão presentes numerosas referências – algumas das quais mal fundamentadas – a práticas, princípios e símbolos maçônicos.

MÚSICA

Wolfgang Amadeus Mozart, ele próprio um maçom, explorou temas maçônicos em muitos de seus trabalhos, sendo o mais notável provavelmente a ópera *A flauta mágica* (*Die Zauberflöte*). Mozart tinha 28 anos e residia em Viena, Áustria, quando ingressou em uma loja maçônica, em 1784. Tornou-se mestre maçom num período em que a fraternidade enfrentava problemas interno, e ataques da Igreja Católica e de lideranças políticas. Mozart logo se dedicou à composição de sua *Marcha fúnebre maçônica* e a outros trabalhos para a sua loja. *A flauta mágica*, que estreou em Viena em setembro de 1791 e é comumente descrita como uma ópera maçônica, foi o último grande trabalho do compositor, uma vez que ele morreria pouco tempo depois. Essa ópera não menciona abertamente a maçonaria, mas a simbologia, o libreto e até a sua estrutura musical contêm ressonâncias familiares à fraternidade.

Fala-se muito no número três, um número de particular importância para os maçons: há três damas, três rapazes, três templos e três acordes orquestrais solenes para introduzir toda a apresentação. Os maçons da plateia podem perceber símbolos com os quais estão familiarizados devido às reuniões da loja. A ópera contém uma série de referências a rituais maçônicos e é vista como uma vivaz defesa do ofício. Nessa composição, a imperatriz antimacônica Maria Teresa é retratada como a iníqua Rainha da Noite, enquanto o benevolente Sarastro representa claramente um renomado maçom da época, Ignaz von Born.



A flauta mágica, de Mozart, uma ópera maçônica

Mozart, porém, estava longe de ser o único compositor clássico a aproveitar elementos da filosofia e dos rituais da maçonaria em sua obra. O finlandês Jean Sibelius (1865-1957), conhecido sobretudo por sua peça perturbadora e nacionalista intitulada *Finlandia*, compôs trabalhos para cada um dos graus e os apresentou à Grande Loja de Nova York como agradecimento pelo auxílio prestado no estabelecimento do ofício em sua amada terra natal. Já o maçom John Philip Sousa (1854-1932) hoje é lembrado por marchas militares como *The Stars e Stripes Forever* (Listras para sempre). Outras marchas compostas por Sousa contêm conotações maçônicas, a exemplo de *Foshay tower* (A torre Foshay), *Nobles of the mystic shrine* (Nobres do santuário místico), *The thunderer* (O trovador) e *The Crusader* (O cruzado).

MÚSICA POPULAR

As referências à maçonaria não se restringem à música clássica. Na música pop, ainda que seja quase rara a identidade com a organização, alguns músicos encontram espaço para mostrar conhecimento – ou a falta dele – sobre assuntos maçônicos. O grupo de hip hop House of Pain, em seu rap *Life*

goes on, canta: "Você sabe da ciência da criação/ Dos maçons, de sua nação/ De desarme, esse braço, uma perna ou uma cabeça/ Ao 33º grau, esse sou eu, não esqueça".

Outro grupo de hip hop, o Run-DMC, fez seu tributo à maçonaria – talvez sem querer – no clipe de *It's tricky*. Nele, é possível ver uma jovem jogando cartas com os excêntricos mágicos Penn e Teller – o último veste um chapéu preto do 32º grau do Rito Escocês. Enquanto isso, em termos musicais, o cantor/compositor de country rock Steve Earle pode ter muito pouco em comum com House of Pain ou com Run-DMC, mas ele também faz menção aos maçons. Sua canção *Copperhead road* tem uma letra curiosa: "Então papai foi vender uísque em um Dodge grandão/ Comprado na loja do maçom em um leilão".

LITERATURA

Dan Brown não está sozinho em suas alusões à maçonaria. Um dos escritores maçons mais conhecidos é o escocês sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes. Os trabalhos de Doyle dedicados ao conhecido detetive da ficção são repletos de referências ao ofício. Como exemplo, em *A liga das cabeças vermelhas* (1891) encontramos a seguinte passagem: "Além dos evidentes fatos de que ele executou trabalhos manuais por algum tempo, que usa rapé, que é maçom, que esteve na China e que tem escrito bastante ultimamente, não posso deduzir mais nada". "Bem, o rapé, assim, e a maçonaria?" "Não vou insultar sua inteligência dizendo-lhe como deduzi isso, especialmente considerando que, em grande contrariedade às regras rígidas de sua ordem, você usa um broche de esquadro e compasso."

Já *O construtor de Norwood* (1903) mostra Holmes em uma situação semelhante: "Você mencionou seu nome como se eu devesse reconhecê-lo, mas, além dos evidentes fatos de que você é solteiro, advogado, maçom e asmático, nada sei sobre você". Evidentemente, Holmes está familiarizado com os sinais maçônicos. Em outras passagens dos livros sobre o detetive, Conan Doyle faz alusões muito frequentes a sinais, apertos de mão, símbolos e encontros maçônicos.

HERITAGE AUCTION GALLERY



Charles Dickens, c. 1860: referências à maçonaria em obras como *A casa soturna*

As referências à maçonaria em trabalhos literários não se restringiram à língua inglesa. Um dos grandes escritores russos, Leon Tolstói (1828-1910), em sua obra-prima *Guerra e paz*, faz diversas alusões à fraternidade e chega a incluir a descrição de uma cerimônia de iniciação. Tolstói parece ter se dedicado bastante à pesquisa, pois não há evidências de que ele próprio tivesse sido um maçom.

Muitos acreditam que uma trama maçônica marca *Two crowns for America*, de Katherine Kurtz, autora de fantasia conhecida por seus romances da série Deryni. Na trama, que tem como pano de fundo a Guerra de Independência Americana, Katherine especula sobre o alcance e a influência de "complôs" maçônicos. Na história, defensores da ascensão dos Stuart ao trono britânico – então ocupado pelos Hanover – usam suas lojas maçônicas para guiar os colonos americanos na sua revolução com a intenção de influenciar na luta pela Coroa do outro lado do Atlântico. Outro grande escritor britânico, Charles Dickens (1812-1870), põe em evidência a maçonaria em alguns de seus trabalhos mais conhecidos. Em *A casa soturna*, lemos: "Volumnia está encantada em saber que seu deleite é chegado. Ele é tão original, uma criatura tão impassível, um ser tão grandioso por saber todo tipo de coisa e nunca o dizer! Volumnia está convencida de que ele deve ser um maçom. Tem certeza de que ele comanda uma loja, e usa aventais curtos, e torna-se um perfeito ídolo com castiçais e espátulas. Essas vivazes considerações a alva Dedlock expressa à sua maneira jovial, enquanto faz uma bolsa". Também de Dickens, *Nosso amigo comum* tem um trecho igualmente expressivo: "Sr. Boffin, como se estivesse prestes a ter seu retrato pintado, ou a ser eletrocutado, ou a ser recebido como maçom, ou a ser colocado em qualquer outra posição solitária de desvantagem, subiu à tribuna preparado".

Por sua vez, Ernest Hemingway (1899-1961), em *Adeus às armas*, incluiu a seguinte passagem, reveladora de sua simpatia pela fraternidade: "'O papa quer que os austriacos vençam a guerra', disse o major. 'Ele adora Franz Joseph. É de onde vem o dinheiro. Eu sou ateu.' 'Todo homem pensante é ateu', disse o major. 'Contudo, não acredito nos maçons.' 'Eu acredito nos maçons', disse o tenente. 'É uma nobre organização'".

KIPLING E O ESTILO MAÇÔNICO

Se há um autor que de fato tornou as referências à maçonaria quase que uma forma de arte em si, esse foi o romancista e poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936). Ele fez muitas alusões e descrições da fraternidade, ainda

que, como já vimos, Kipling tenha sido maçom apenas durante um curto espaço de tempo. Em seu conto *O homem que queria ser rei*, um jornalista em um trem encontra dois maçons sem-teto – irmão Peachey Carnehan e irmão Daniel Dravot. Carnehan pede ao narrador que leve uma mensagem a Dravot. “Eu lhe peço, como um estranho que vai para o oeste’, disse ele de maneira enfática. ‘De onde você vem?’, disse eu. ‘Do leste’, disse ele, ‘e espero que você dê a mensagem a ele no quadrado (*Square*), pelo amor de minha mãe, bem como da sua’.” Mais tarde, Dravot exclama: “Peachey, nós não queremos mais brigar, não. O ofício é o jeito, então me ajude!”, e ele então traz o chefe, chamado Billy Fish”. Continuando a história, Kipling escreveu: “Aperte a mão dele’, disse Dravot, e eu dei-lhe a mão e quase caí de costas, pois Billy Fish me deu aquele aperto de mão. Eu nada disse, mas o testei com o aperto de companheiro maçom. Ele responde bem, então testei o aperto de mestre, mas isso foi um deslize. ‘Eis que ele é um companheiro de ofício!', eu disse a Dan. ‘Ele conhece a palavra? ’ ‘Conhece’, disse Dan, ‘e todos os sacerdotes a conhecem. É um milagre! Os chefes e os sacerdotes podem administrar uma loja da irmandade do ofício de uma forma muito parecida com a nossa, e eles fizeram as marcas nas pedras, mas eles não conhecem o terceiro grau, e vieram descobri-lo. É a verdade de Deus.’ ‘Há longos anos, eu soube que os afegãos conheciam até o grau de companheiro maçom, mas isto é um milagre. Um deus e um grão mestre do ofício eu sou, e uma loja no terceiro grau hei de abrir, e nós agregaremos os altos sacerdotes e os chefes dos povoados”.

GENERAL PHOTOGRAPHIC AGENCY



Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes

MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES



Michael Caine e Sean Connery (em primeiro plano) em cena de *O homem que queria ser rei*

No trecho, Kipling revela um conhecimento íntimo do ofício ao grande público – e uso desse saber não é de forma alguma limitado a *O homem que queria ser rei*. Na história, Kim, o herói, é apresentado com uma referência à maçonaria. *The wrong thing* (A coisa errada) tem a seguinte passagem reveladora: “‘Não, fé!’, disse ele, ‘de todos os trabalhos que já fiz, apenas o Centro foi verdadeiramente bom e honesto. Assim, tendo nascido nesta vizinhança, e sendo reconhecido como mestre entre os maçons, e sendo aceito como mestre maçom, me arrisquei ao prestar minhas homenagens ao construtor’”. O uso que Kipling faz da simbologia e da filosofia dos maçons destaca-se em toda a sua obra.

CINEMA

As referências à maçonaria nem sempre são tão óbvias nos filmes. O espectador pode não perceber, por exemplo, que, na obra de Oliver Stone

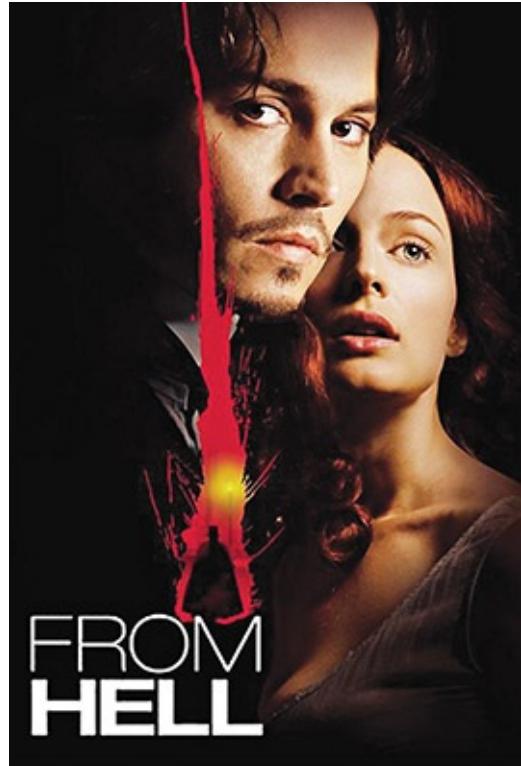
sobre futebol americano profissional, *Um domingo qualquer*, o logotipo dos Dallas Knights é composto por um Olho da Providência e uma cruz dos Templários. Entretanto, o uso de símbolos maçônicos e quase maçônicos no cinema não é um fenômeno contemporâneo, datando do nascimento dessa arte. Filmes mudos como *Are you a mason?*, de 1915 – adaptado de uma peça de C. Logenbrüder –, são exemplos desse início. Nesse filme, estrelado por John Barrymore, uma dupla de não maçons tenta convencer aos demais de que eles de fato pertencem à organização. Pouco depois, em 1916, o curta-metragem *Bobby Bumps starts a lodge* mostra dois amigos sendo iniciados, havendo referências a aventais e ao terceiro grau.

JOHN KOBAL FOUNDATION



Os filhos do deserto: o Gordo e o Magro na irmandade

DIVULGAÇÃO TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION



Do inferno: filme mostra maçonaria implicada nos crimes de Jack, o Estripador

A maçonaria continuou a aparecer, de forma um pouco mais discreta, na tela depois do advento dos filmes sonoros. O mais emblemático dos primeiros tempos, pelo retrato de uma organização quase maçônica, é *Os Filhos do Deserto* (1933), com os imortais Stan Laurel e Oliver Hardy. O Gordo e o Magro, vestindo chapéus turcos, viajam a uma convenção dos Filhos, então muito aguardada, que parece ter como inspiração os membros da Antiga Ordem Arábe dos Nobres do Santuário Místico, uma divisão da maçonaria também conhecida como *Shriners*. Mas, antes de irem, eles são exortados a ser fiéis a seu exaltado líder, e a obra contém uma intervenção típica de Stan – quando o mestre de cerimônias pergunta: “Vocês todos juram solenemente que estarão presentes em nossa 87^a Convenção Anual em Chicago?”. O grupo responde: “Eu juro!”. E Stan exclama: “Eu também!”. Não é preciso dizer que as esposas dos dois rapazes não gostam muito da ideia, mas, depois de várias peripécias, Stan e Ollie vão à convenção, que se torna uma grande aventura. As esposas acreditam que eles estão em Honolulu, mas a verdade vem à tona, claro, ao final do filme. Em *Do outro lado do Pacífico*, de 1942, estrelado por Humphrey Bogart, exercícios de judô são praticados por marinheiros chineses, explicando-se: “O judô é mais do que mera competição. Seus devotos formam uma irmandade, em muitos aspectos, similar a nossa maçonaria ocidental”. Há

mais referências à maçonaria em *A desaparecida* (1956), um faroeste de John Ford estrelado pelo eminentíssimo maçom John Wayne. Nossa herói, ao cavalgar por um campo depois de uma batalha, encontra um guerreiro comanche morto que usava um avental azul com o esquadro e compasso bordados em fita branca, praticamente uma veste maçônica. Na década de 1960, há uma referência – uma única fala – em *Help!*, dos Beatles, e uma ou outra alusão, mas, em 1975, a maçonaria ganha as luzes com o lançamento do filme de John Huston baseado no romance *O homem que queria ser rei*, de Kipling, com sua abundância de referências maçônicas. Naquela mesma década, Sherlock Holmes faria uma de suas muitas aparições cinematográficas em *Assassinato por decreto* (1979), com Christopher Plummer e James Mason e dirigido por Bob Clark. O filme explora a Londres de Jack, o Estripador, e sugere algum envolvimento dos maçons com a série de crimes. Já em *Flash Gordon* (1980), do britânico Mike Hodges, um escudeiro do vilão Ming, o Impiedoso, traz o símbolo maçônico do esquadro e do compasso em seu uniforme. Além disso, vemos diversos elementos da fraternidade no telefilme *Secrets*, de 1982, no qual um ritual maçônico é simulado no cenário aparentemente incongruente de um internato para moças. Ocorre que o ritual vem de um livro que pertencia ao falecido pai de uma delas. O símbolo do esquadro com o compasso aparece novamente no veículo de Mel Gibson em *Mad Max, além da Cúpula do Trovão* (1985). Numa cena de luta, é possível ver o símbolo na camisa do apresentador do combate. E mais e mais referências aos maçons foram feitas no cinema durante a década de 1990 e perduram no novo milênio. Mel Gibson também estrela *Teoria da conspiração* (Richard Donner, 1997), que contém o seguinte diálogo: ““Eu quero dizer que George Bush sabia o que estava dizendo quando falou na Nova Ordem Mundial. Você se lembra destas palavras fatídicas: Nova Ordem Mundial?’. ‘Bom, ele era um maçom do 33º grau, sabe, e um ex-diretor da CIA”.

DIVULGAÇÃO



Homer Simpson apronta numa fraternidade que se assemelha à maçonaria

Há diversas referências a detalhes da maçonaria no excêntrico *Magnolia* (1999), dirigido por Paul Thomas Anderson, inclusive quando um dos personagens fala em “comparecer à loja”. Em *Anatomia* (Stefan Ruzowitzky, 2000), uma série de assassinatos é iniciada por um membro da “Sociedade Anti-Hipocrática”, descrita como uma mistura de maçonaria com fraternidade universitária. E, mais uma vez, maçons são implicados nos homicídios de Jack, o Estripador, em *Do Inferno* (2001), de Albert Hughes. Esse filme foi tachado de antimaçônico por culpar o médico (maçom) da rainha Vitória pelo massacre das mulheres, assim como *Liga Extraordinária* (2003), filme de Stephen Norrington, no qual o vilão usa um anel maçônico enquanto tenta iniciar uma guerra mundial.

EM BUSCA DO TESOURO MAÇÔNICO

Nem todas as referências cinematográficas à maçonaria são negativas. A *lenda do tesouro perdido* (2004), filme dirigido por Jon Turteltaub e

protagonizado por Nicholas Cage, apresenta uma imagem positiva do papel da organização. Cage faz o papel de Benjamin Franklin Gates, que sai em busca de um antigo tesouro perdido que teria sido protegido pelos Cavaleiros Templários e, depois, pelos maçons. O filme cita o fato de que muitos dos pais fundadores dos Estados Unidos eram maçons, inclusive Benjamin Franklin e George Washington, mas seria excessivo abraçar a tese do filme: a de que os EUA foram, sobretudo, uma construção dos maçons.

TELEVISÃO

Na televisão, um dos programas que mudaram o status artístico do meio foi *Os Simpsons*, que cativou audiências em todo o planeta. As referências à maçonaria abundam na obra sobre a família de classe média americana, mas o episódio mais famoso é *Homer, o Grande*, no qual o pai Simpson se junta a um clube chamado Ordem dos Lapidários. Em dado momento, o vovô Simpson fala ao mexer em algumas carteirinhas de membro: "Sou um alce, um maçom, um comunista, sou o presidente da Aliança Gay e Lésbica... ah, aqui está: a Ordem dos Lapidários". O episódio inteiro, uma paródia *soft* da maçonaria, contém uma menção clara sobre conspirações para o domínio do mundo. A série retoma com frequência o tema das organizações fraternais. No episódio *Três homens e um gibi*, uma convenção é encerrada com as palavras "Saiam todos até as seis para dar lugar aos *shriners*". Quando Bart Simpson está saindo do prédio, *shriners* são vistos chegando. Em outro episódio, de um jeito bem psicodélico, germes no rosto do personagem Smithers sussurram "Maçons governam o país".

Uma série da BBC da década de 1980, *Bergerac*, baseada nas habilidades do detetive particular britânico Jim Bergerac (John Nettles), que vive em uma ilha de Jersey, também contém referências maçônicas. O detetive investiga um caso em que uma cerimônia de iniciação termina em morte. Outro investigador britânico, o inspetor Morse, na aclamada série de mesmo nome, encara um mistério maçônico num episódio de 1990. Um assassino cruel vai deixando como pistas símbolos maçônicos, e a tarefa de Morse fica mais complicada devido à posição que seu chefe ocupa na organização. Para completar, Morse, um amante de óperas, está prestes a se apresentar em uma produção da "ópera maçônica" de Mozart, *A flauta mágica*. Na excelente *Prime suspect*, é recorrente a sugestão de que haja uma conspiração atrapalhando a busca pela verdade comandada pela detetive Jane Tennison (Helen Mirren). Sinais e apertos de mão secretos são mencionados à medida que Tennison

avança nas investigações.

Em *Arquivo confidencial*, série detivesca água com açúcar da década de 1970, o pai de Jim Rockford (James Garner), Rocky, não faz segredo de seu comparecimento a reuniões da loja. Enfim, outro clássico britânico, a comédia pastelão *Are you being served?* apresentou o seguinte diálogo em 1979: Sr. Humphreys: “Odeio segredos”. Sr. Lucas: “É por isso que você não se tornou maçom?”. Sr. Humphreys: “Esse é um dos motivos”.



— EPILOGO —

FUTURO IMPERFEITO

| HÁ LUGAR PARA A MAÇONARIA NO SÉCULO XXI?

O interesse na maçonaria cresceu nos últimos anos, diante das referências presentes na cultura pop, sobretudo a partir de *O código Da Vinci*. Uma vasta parcela desse interesse deriva de informações fantasiosas e meias verdades, destacam os maçons. Pesquisas em sites de qualidade para lá de duvidosa na internet também alimentam a desinformação.

No entanto, que papel poderia exercer uma instituição que cultiva tradições da Idade Média que parecem tão deslocadas no mundo contemporâneo, como é o caso da maçonaria? Muitos maçons argumentam que a propagação do amor fraternal, da solidariedade e da verdade é mais relevante do que nunca, num mundo ameaçado por grupos fundamentalistas que distorcem as palavras do “Grande Arquiteto do Universo”. E eles argumentariam também

que vale a pena dedicar algum tempo para uma atividade de caráter intrinsecamente comunitário numa sociedade marcada pelo individualismo. O historiador e estatístico da maçonaria, Paul M. Bessel, em seu discurso feito aos membros de uma loja em Washington, DC, pouco tempo depois do início do novo milênio, disse à assembleia: “A maçonaria poderia ser, e poderia ter sido, no passado, a única instituição no mundo que, em todas as épocas e de todas as formas, promoveu a tolerância e a franca confraternização. Poderíamos ser líderes na busca por harmonia racial, ecumenismo religioso, cooperação entre homens e mulheres, civilidade entre pessoas que acreditam em filosofias políticas diferentes e boa relação entre aqueles que escolhem viver suas vidas de forma diferente da escolhida por outros”.

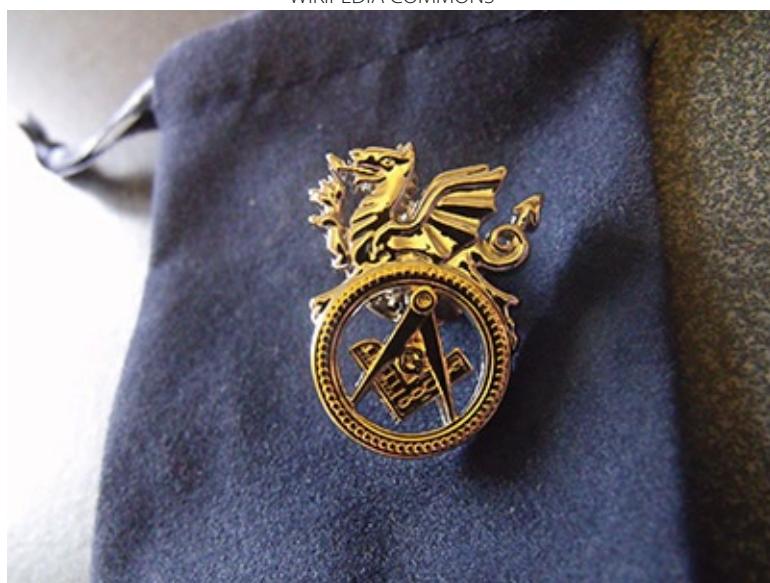
Entretanto se os maçons querem ser uma força potente no mundo moderno, eles devem primeiro tratar de seu problema de queda nos números. Embora o interesse pela maçonaria esteja em alta, o número de membros tem sofrido uma queda constante, tanto nos EUA quanto ao redor do mundo, desde a década de 1960. De acordo com o trabalho estatístico de Bessel, nos Estados Unidos os maçons somavam mais de 4 milhões de pessoas no final da década de 1950, mas, depois desse auge, a quantidade de membros despencou para cerca de 3 milhões na metade da década de 1980, continuando a cair – até o ponto em que, hoje, Bessel estima haver aproximadamente 1,5 milhão de maçons americanos. Complementa Bessel: em 1924, apenas um a cada quatro cidadãos daquele país era maçom, mas, no final da década de 1990, essa proporção foi reduzida para cerca de 0,75%. No Brasil, o número de maçons é estimado em 200 mil, a segunda maior do continente americano.

Os Estados Unidos lideram o mundo quando se trata do número de membros na maçonaria, mas o cenário mundial tem uma história de queda nas estatísticas semelhante. Na virada do milênio, o Canadá tinha cerca de 120 mil maçons; a Inglaterra, aproximadamente 360 mil e, um pouco acima no mapa, a Escócia tinha 150 mil. Entretanto, as lojas desses países eram similares às dos EUA em termos de dificuldade para atrair novos membros. Muitos teóricos da conspiração acreditam que a sociedade dos maçons não é nada mais que uma religião determinada a espalhar sua palavra pela “porta dos fundos” e obter controle por meio de sua “igreja”, que se supõe funcionar em benefício próprio. Grupos antimacônicos convictos chegaram a acusar a sociedade de ser satanista, em parte devido a uma série de publicações mentirosas escritas por Léo Taxil no final do século XIX. Taxil publicou relatos

de testemunhas oculares de que a adoração ao diabo era parte central nos rituais da maçonaria.

Apesar de depois ter revelado que isso foi inventado apenas para trazer descrédito aos maçons (que haviam rejeitado seu pedido para se tornar membro), partes da farsa são, ainda hoje, usadas contra os integrantes da organização. Críticos à maçonaria afirmam que mais abertura e um pouco menos de segredo por parte dos maçons seriam bem-vindos, e não há dúvidas de que certa acessibilidade poderia contribuir muito para derrubar alguns mitos e equívocos, atraiendo, assim, mais pessoas para a organização.

WIKIPEDIA COMMONS



Esse processo já começou. Muitas das grandes lojas têm um site informativo e acessível repleto de conteúdo sobre a história e o futuro da maçonaria; muitas organizam dias abertos, em que o público de curiosos pode conhecer o que há além das portas aparentemente proibitivas, no interior do mundo misterioso da organização; muitas ministram “aulas de um dia”, tornando muito mais simples a adesão à maçonaria; e algumas até se aventuraram na mídia com campanhas publicitárias de rádio, TV e em outdoors. Assim, não faz muito tempo que a BBC relatou, no Reino Unido: “Maçons estão promovendo uma série de uma semana de eventos, na tentativa de acabar com sua imagem de sociedade secreta. Em toda a Inglaterra e no País de Gales, as portas das lojas estão sendo abertas ao público, que será bem-vindo quer enrole uma perna da calça, quer não”.



Certificado maçom, c. 1890

Esse é apenas um exemplo de quando a maçonaria escancarou as portas de suas lojas e expôs seus trabalhos ao público. Houve muitas outras ocasiões semelhantes ao redor do mundo, e a internet provou ser uma ferramenta de comunicação valiosa.

Há quem preveja uma morte longa e demorada para a maçonaria, uma organização antiga com sistemas de crença datados e que não é mais relevante no mundo atual.

O SEGREDO

No entanto, se este livro despertou interesse no leitor, os maçons certamente ficarão contentes em tê-lo em seus quadros, e não é tão difícil ser recebido em uma loja quanto algumas pessoas podem crer. Primeiro, porém, há uma série de perguntas que você deve fazer a si próprio. Tenho tempo a dispensar para ir a reuniões da loja e para devotar ao trabalho? Estou preparado para passar por todo aquele ritual, para assumir o compromisso de aprender sobre todos os mistérios da maçonaria – e para me aperfeiçoar? Diversos membros do ofício lhe dirão que um dos princípios mais importantes da maçonaria é fazer um homem bom virar um homem melhor.

Outra coisa fundamental, ainda, é o segredo. A maçonaria não é uma sociedade secreta, mas é uma sociedade com segredos. E, claro, é preciso acreditar em um Ser Supremo, mas ele pode receber o nome de Deus, Alá, Javé, Jah, Ísvara, Akal ou qualquer outra nomenclatura. Mesmo que você não se vincule a nenhuma religião específica ou não atribua nome algum para seu próprio Ser Superior, não há óbice.

Os segredos têm a ver sobretudo com as formas de reconhecimento, senhas, sinais e apertos de mão. Alguns críticos costumam acusar a organização de prejudicar o relacionamento entre marido e mulher devido à insistência no sigilo. E alguns candidatos a maçom têm dificuldade de entender por que precisam retirar sua aliança de casamento antes de receberem um grau. Outras joias e objetos de luxo também deverão ser retirados, ao menos temporariamente. O rito maçônico da destituição traz, segundo o ofício, uma lição fundamental, que diz respeito à caridade. O rito da destituição simboliza o fato de que qualquer um pode ficar destituído a qualquer momento e de que, caso você encontre uma pessoa nessa infeliz situação, deverá dar o melhor de si para ajudá-la.

9788577489671

A MAÇONARIA NA HISTÓRIA

Em meio a um véu de lendas e mistificações, alimentadas pelo caráter secreto da atividade maçônica, a história da fraternidade revela a participação de seus membros em alguns dos mais importantes episódios da história do Brasil e do mundo. Neste volume da coleção História Viva, revisitamos essa trajetória e analisamos o caráter e o papel da maçonaria no passado, no presente e num possível futuro.

LEIA TAMBÉM:

